NNO XXIX
UM. 1.446

O MALHO

Preço para todo o Brasil 1$000

Rio de Janeiro, 31 de Maio de 1930

O CABULOSO

TONIO CARLOS: — Eu gostaria de chegar aos Estados Unidos antes do Julio Prstes. O doutor quer levar-me tambem?

ECKENER: — Não é possivel. O senhor está agora muito "pesado".

O MALHO

(PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO")

Redactor Chefe: OSWALDO DE SOUZA E SILVA

Director - Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Assignatura — Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000; — Estrangeiro: 1 anno, 85$600; 6 mezes, 45$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. TODA A CORRESPONDENCIA, como toda remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Travessa do Ouvidor, 21. Endereço telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1037. Redacção: 2-1017. Officinas: 8-6247.

Succursal em São Paulo, dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó, 27, 8° andar, salas 86 e 87.

A LITERATURA DA ÉPOCA

Os successivos concursos de contos nos jornaes e revistas do Rio e de outras cidades do paiz vieram evidenciar um facto a que nem todos haviam prestado attenção: O triumpho do conto e da pequena novella.

Mas não é só isso o que ficou demonstrado: Surprehende-nos tambem verificar a existencia de uma nova e vigorosa geração literaria, na sua maior parte desconhecida do grande publico, prestes a repontar da sua meia obscuridade e eclipsar os velhos valores rheumaticos que lhe obstruem o caminho.

Sim, senhores, não se assombrem, a verdade verdadeirissima e insophismavel é essa. Ha muito talento por esses brasis em fóra, desconhecido, mas preparado para maravilhosos surtos. Ha, por assim dizer, uma especie de effervescencia intellectual, (o que nada tem a ver com o que dizem os srs. futuristas) que os *velhos* não querem verificar, ou fingem não perceber.

Velhos aqui quer dizer consagrados.

Ha de facto, em literatura, dois partidos rivaes que, sobrepondo-se aos interesses de escolas e sectarismos literarios, vivem em constante antagonismo: o dos *velhos* e o dos *novos*.

Os primeiros, dominantes, nem sempre encaram com bons olhos a onda dos segundos que se avoluma. Ha o choque dos interesses, o naturalissimo *struggle for life*, a inevitavel rivalidade commum aos intellectuaes, que nada mais é que uma lei universal applicada á sociedade humana, por muitos motivos uteis como factor de selecção. Na sociedade humana, como nas sociedades cellulares que compõem os seres organizados, ha uma lei commum que rege todos os individuos: Os velhos oppõem resistencia, mas os novos, mais fortes, mais dynamicos vão chegando, empurrando, até alcançarem o seu *logarzinho ao sol*, e passam a ser *velhos* tambem. (Uma passagem num trem suburbano, por exemplo.)

Não acho nada mau nisso. Acho até necessaria essa ordem de coisas para a selecção dos valores, porque só os fortes, isto é, os que merecem a victoria, conseguirão triumphar. Serão triumphos solidos, indestructiveis. Os verdadeiros artistas precisam conquistar palmo a palmo o seu ideal á custa do proprio esforço, porque só assim terão a convicção do seu valor. Duvido muito das victorias faceis, das victorias de camaradagens. São inconsistentes e sem esse cunho de durabilidade que é uma das preoccupações de Bernardo Shaw.

As divagações estão me conduzindo a um assumpto vasto e inesgotavel que não é o objectivo desta arenga.

O conto e a pequena novella constituem hoje a parte da literatura mais ao sabor da época. Eu que andei a escrevinhar versos melosos e semsaborias rimadas até á idade de dezoito annos, não sei se por um desvio morbido de psychose, ou se por degenerecencia intellectual, hoje aborreço o verso e acho-lhe a prosa mil vezes superior, simplesmente porque esta, por assim dizer, está mais proxima da natureza.

O meu velho mestre e amigo, Ignacio Raposo, por exemplo, opinião mais autorizada do que a minha, procurando demonstrar o contrario, diz que tudo está a indicar que os primeiros escriptos foram em versos.

Será este um argumento concludente? Creio que não.

Tambem o cavallo deve ter precedido o aeroplano, o automovel e o trem de ferro, como vehiculo...

Para mim a prosa hoje venceu o verso e, nella, o conto e as pequenas narrativas, venceram o romance e as longas narrativas.

Ahi está o interesse do publico a confirmar o asserto.

E, o que é mais importante, esse interesse não se circumscreve ao publico brasileiro, é universal. Ha uma quantidade immensa de revistas e *magazines* norte-americanos que exploram exclusivamente esse genero literario. Os films de Far-West, ou de assumptos regionaes, em que o *cow-boy* é o correspondente do vaqueiro nos Estados Unidos, e o *farmer* nada mais é que um fazendeiro como os nossos, são o reflexo dessa literatura norte-americana que pouco conhecemos.

Na Inglaterra com respeito ao conto, o interesse é o mesmo. Ha pouco tempo se leu num periodico londrino que "a procura das pequenas narrativas é, actuamente, enorme", variando o tamanho entre 2.000 a 7.000 palavras e sendo os seus autôres remunerados com importancias que variam entre 45$000 e 270$000 em cada mil palavras, o que quer dizer que qualquer conto de duas mil palavras consegue uma remuneração que varia entre 90$000 e 540$000, e que corresponde a $000 e 50$000 no maximo entre nós.

Acresce a tudo isso que o inglez toma por unidade a palavra, emquanto o editor brasileiro só vê a composição literaria, abstrahindo o tamanho. Vale a pena ser escriptor na terra de Johnn Bull, não acham?

EPAMINONDAS MARTINS

VERSOS DE COLLABORAÇÃO

CONSELHO

(Para uma soffredora)

Por que choras, assim?... Escuta: o pranto
só nos póde augmentar as agonias!
Abre tua bocca num sorriso-encanto
todo cheio de suaves harmonias!

Eu, tambem, já chorei... Já soffri tanto...
E, muita vez, nos meus amargos dias,
ansiei deixar de Sêr... Hoje, no emtanto,
só conheço da Vida as alegrias.

E por que? Ah! porque, em noite incalma
quando mais rude me apertava a alma
a garra formidavel do Tormento,

falou-me, alguem: — "Em vez de blasphemares
na hora triste dos teus crucios pezares
sorri, como Jesus, ao soffrimento"!

(Rio).

MARIA JOSÉ W. CUNHA

A UM PAPANGÚ ANONYMO

Papangú de chicote, os versos que te escrevo,
versos de acre sabor, de inexhaurivel travo,
são tristes, como o cardo, e feios, como o trevo,
mas, puros, como a luz, e fortes, como um bravo.

Inimigos mortaes do malsinado trêvo,
do qual és um captivo, um miserrimo escravo,
elles são, velho clown, — a dizer-t'o me atrevo! —
a lubrica folia um desmedido aggravo!

Tu, galã do chicote, heróe de conto breve,
á tristeza e á afflicção em desusada greve;
tu, phariseu da lenda historica da trave,

és o expoente immoral das Raças com que privo!
És toda a humanidade! a quem, mau grado, crivo
de brocardos moraes, como um... palhaço grave.

(Do "Terra de Ninguem").

JAYME DE SANT'IAGO

ADULAÇÃO

(Pensando em "La-Fontaine")

Desde esse tempo do corvo!
Que adular é um vicio eterno;
Tem labias o interesseiro,
Porém o corvo moderno
Engole o queijo, primeiro,
E, depois do papo cheio,
Entra a cantar, sem receio...

GIL PHANÔR

A PORTA DE UMA IGREJA

Á porta de uma igreja, uma mendiga,
Eu vi chorando entrecortado pranto!
Compadecido, então, lhe disse: — Amiga
Que funda magoa, assim, te fere tanto?

E a misera me disse: — Indifferente
Á dura vida, ás privações penosas,
Eu já soffri, resignadamente,
Ao relento de noites hibernosas.

É que em minh'alma uma esperança havia.
Cuidava vêr feliz a estremecida
Netinha — linda joia que vivia
Num protector asylo recolhida.

Morreu-me a neta — a luz de minha vida!
Sahiu da igreja, ha pouco, o seu caixão.
A taça do infortunio está sorvida!...
Eu sinto agonizar meu coração.

Já nada mais espero. A fria morte
É, para mim, a esmola da ventura
Que almejo no final de minha sorte,
Que espero desfrutar na sepultura!

E, depois, ao deixar essa velhinha,
Que á porta de uma igreja eu vi chorando,
Achei que foi feliz sua netinha,
Fugindo deste mundo miserando!

(Suzano, 8—4—930).

MARIO MARQUES DE CARVALHO

EU...

Sou uma creança quasi. A doce juventude
Deu-me o primeiro beijo ha pouco tempo ainda.
De pouco dorme a infancia, em fulgido ataúde,
Entre um ideal que nasce e um sonho que se finda.

A aurea manhã de luz é extremamente linda!
E um halo de prazer a muita gente illude...
De alegria e de amor, á mocidade, brinda
A vida, disfarçando o seu caminho rude.

E ante o lyrismo suave, ante o deslumbramento
Das coisas se evoluiu em mim e já culmina
De uma força vital, florifero rebento.

O reflexo subtil duma essencia divina
Poz-me verberações de luz no pensamento
E o caminho do Ideal sublime me illumina!

(Do "Harpa de Orpheu" — em preparo).

ARAUJO SOBRINHO

CAIXA DO "O MALHO"

PIRES JUNIOR (Bello Horizonte) — Sua "Confissão" foi acceita, apesar de ser estylo 1830...

VALERIANO FINO (Juiz de Fóra) — Por ser um tanto longo e estarmos lutando agora com grande falta de espaço, não é possivel publicar seu trabalho que está, aliás, bem feito e com bastante sentimento. Não ficará zangado por isso, não é assim?

EURYCLES F. AMARAL (Bello Horizonte) — Entreguei ao director do *Para todos...* seus versos. Elle decidirá sobre a publicação dos mesmos. A intenção que os ditou foi a mais louvavel possivel.

E. HOLLANDA (Limoeiro do Norte, Pernambuco) — Impossivel identificar assim de repente o soneto a que se refere. E' preciso tempo para uma pesquiza cuidadosa e isso é o que nos falta. Se o tempo lhe sobra está, desde já, incumbido desse serviço. Valeu?

L. A. E. (Olinda) — Nada tem que agradecer. As quadrinhas enviadas serão publicadas, o soneto é que não. Está cheio de falhas e defeitos. Nem parece até do mesmo autor do "Desvario". Será?...

ALMISIS LEMOS (Bahia) — Pelo seu estranho nome não se sabe bem se é um poeta ou uma poetiza. Pelo soneto (?) parece ser poetiza.

Está elle (o soneto) tão interessante que não resisto á tentação de o publicar aqui mesmo na *Caixa*, para que o leitor ou a leitora, principalmente fiquem sabendo o que é "ser noiva", se é que o não sabem. Eis a producção do poeta ou poetiza Almisis que a intitulou assim: "Tempo de noivado":

"Phase feliz os tempos de noivado
Cheia de luz repleta de esperança,
Tem primazia a vida da bonança,
A lyra de Apollo, o acto abençoado.

Ser noiva, é ter o mundo arrodeiado
De mil encantos afagos de lembrança;
E' ouvir nos carinhos que se lança,
— Um hymno de hozanas executado.

E' viver no coração extremecido,
Ter o mundo nas festas de um [momento,
Nas caricias de um ente tão querido...

E' trazer na mente onde mais brilha
O synthetico e lindo monumento,
— De ser noiva, esposa, e ser [familia!..."

De sorte que quem não trouxer na mente "o synthetico e lindo monumento" perca a esperança de ser familia.

Olhem que apparece cada um... ou cada uma, de se lhe tirar o chapéo, mesmo sem estar com elle na cabeça!

ARCADES (São Paulo) — Entreguei seu trabalho ao director do *Para todos...* A elle cabe julgal-o. Desde já, porém, lhe digo que o achei um tanto longo. Emfim, se fôr longo e bom, como parece, será publicado.

VICENTE S. ARAUJO (?) — "O preço de um beijo" será publicado. "O orgulho", não.

J. B DE SOUZA (?) — Seu "Ninho de amor" está mal construido poeticamente. Tem, por exemplo, versos deste quilate:

"Linguagem humana descrever não [póde"

Isso não é decassyllabo nem aqui nem na Tcheco-Slovaquia.

Entretanto, não lhe falta geito. Falta-lhe, talvez, masi um pouco de metrica.

LEÃO DO NORTE (São Paulo) — Não tem que agradecer a publicação da carta. Quanto aos trabalhos que mandou agora, foram caceitos: "Criminosa" e "Meu soffrer". O outro está fraquinho, coitado!

ULYSSES JOSE' (Rio) — "Hontem e hoje", titulo das suas quadras — foi acceito. Quanto ao soneto está cheio de defeitos. Veja estes quartetos que são detestaveis:

"Deixa-me viver na embriaguez
Deste amor que não mata, mas consola.
Faz-me ter mais firmeza, sensatez
E das coisas inuteis me isola.

Repete-me novamente, outra vez
Que me amas. Minha alma se evola!
Hora a hora, dia a dia, mez a mez
Minha vida deliciosamente rola..."

Veja tambem o ultimo verso:

"Resplende em suaves vibrações"

Parece que a intenção foi fazer um decassyllabo; porém, não passou da intenção. Ficou nisso...

MARIO M. CARVALHO (Suzano) — Os dois trabalhos que mandou serão publicados. Felizmente não eram sonetos...

F. L. (Nictheroy) — Que você faça declarações de amor á sua visinha, á sua cosinheira, mesmo, é natural. Porém, fazel-as á sua propria irmã é de mais e além disso em versos destestaveis.

Como póde o leitor desconfiado julgar que eu exaggéro, aqui mesmo publico "a especie de soneto que o pseudo poeta intitulou de "Adoração"

"Da vida que passa ligeira e subtil;
Adoro as tristezas que surgem cadentes,
Adoro tambem a restea *umbratil,*
Ungida da graça dos hymnos plangentes.

Amo a côr intrinseca deste céo de anil,
Com força e carinho que existem [latentes
No meu coração; em cujo *perfil,*
Se encontram gravadas lembranças [recentes

De um dia loução... Da graça e [candura
Do teu porte, oh! minha querida mana;
Vm-me saudade de ecterna amargura.

E nesta peleja ardente, e mui insana;
Vivo a te adorar na dôr e na ventura,
Solvendo com amor a agrura [humana..."

LERENO DE CATÃO (Ceará) — Dos tres trabalhos que enviou não se póde salvar nem um. "O peccador" ia regularmente, sem grandes peccados na metrica. Quando chega ao fim o senhor cantou como o gallo da anecdota.

Escrevendo do Ceará, açoitado pelas seccas, fez mal falando de *flagellados* e em "gotas de saudades".

Aqui vae seu terceto:

"Sonhando sou feliz, não sou amado,
Porque em meu coração de *flagellado,*
Sinto bater as *gôtas* da saudade!"

Por elle ficamos sabendo que em seu coração sente bater gotas de saudade, o que talvez até fosse alguma goteira...

CABUHY PITANGA JR.

UM GRANDE PROGRESSO NO METHODO DE LAVAR ROUPAS FINAS . . .

DESDE OS SABÕES INFERIORES ATÉ ESTAS FINISSIMAS ESCAMAS!

O Lux revolucionou os antigos methodos de lavagem. A mulher moderna não corre mais o risco de estragar as suas roupas finas esfregando-lhes com um sabão ordinario; prefere laval-as com essas macias escamas que limpam com tanta rapidez e segurança os tecidos mais diaphanos. As escamas de Lux são extremamente tenues—afim de poderem dar, em um segundo, uma espuma abundante. São isentas de qualquer impureza, protegendo as roupas e as mãos de quem as lava. Já tem o seu pacote de Lux?

Ha um livrinho que ensina o meio de conservar as roupas mais finas sem perigo de se estragarem empregando o Lux para a sua lavagem. Queira pedil-o ao seu fornecedor ou escrever á S. A. IRMÃOS LEVER, Caixa Postal 2745. São Paulo.

LAVAE TUDO QUE NECESSITAR DE CUIDADO -COM O LUX

LEVER BROTHERS LIMITED, PORT SUNLIGHT, INGLATERRA

LX 7-02

PHASES E PHRASES DA ALLIANÇA "LIBERAL"

(Para uso das creanças das escolas)

(Leão Padilha)

A Alliança "Liberal" foi uma aventura politica de poucas e curtas phases. Em compensação, teve muitas e pomposas phrases. Toda gente quiz trazer o seu concurso de phrases para a regeneração do paiz. Primeiro, foi o Sr. Antonio Carlos. Depois, o Sr. Bonifacio (o José), o Sr. João Neves, etc. E vieram os libertadores do Rio Grande, com um verdadeiro exercito de phrases de campanha. E vieram os Democraticos de São Paulo — Exercito da Salvação politica do Brasil — com um verdadeiro *bouquet* de maximas republicanas. E veiu o Sr. João Pessôa, que tambem declamou em tom tom de epopéa.

Prompto: estava aberto o concurso. Entravam na justa os mais lidimos campeões da parlapatice nacional, O Sr. Assis Brasli foi derrotado, logo, ás primeiras escaramuças, pelo Sr. Baptista Luzardo. O Sr. J. J. Seabra, que trazia a fama de varios outros torneios semelhantes, não deu nem para a sahida. Começaram a sobresahir-se, correndo na ponta, os Srs. João Neves e José Bonifacio.

O Sr. João Neves tinha, a seu favor, o fogo de um parelheiro descansado, em boa fórma. Tomava a brida nos dentes e voava. O Sr. José Bonifacio, mais velho, mais cansado, tinha, entretanto, uma grande vantagem: o jockey — o mano Tonico.

Logo atraz, vinham o Sr. Flores e o Sr. Luzardo, seguindo-se outros corredores de menor folego e envergadura, que se mostraram, entretanto, á altura do pareo, isto é, do momento historico...

* * *

Ha profundas e irreconciliaveis divergencias historicas quanto á divisão das phases da Alliança, e o proprio periodo que abrange cada uma das phases. Uns começam a classificação desde que a pobrezinha veiu ao mundo, e se detêm no momento justo em que a desgraçada expirou, victima da cacetada que lhe vibrou, no alto da civica synagoga, o nacional Borges de Medeiros, de côr incerta, comprador de lã, residente em Irapuá. Outros incluem, na classificação, o periodo pré-natal e a phase *post-mortem*. Alguns chegam a determinar o momento exacto da concepção: aquelle instante em que o Sr. Antonio Carlos proferiu, num discurso, a primeira phrase incluida no Livro de Ouro da Alliança: "Façamos a revolução, antes que o povo a faça".

Tempos depois — narram as chronicas — Minas Geraes dava á luz a Alliança "Liberal". A realidade plagiava a fabula: a montanha paria um rato.

Outros historiadores igualmente abalisados e illustres só tomam conhecimento da sua existencia, depois das cartas do Sr. Getulio Vargas, documentos civicos do mais alto valor historico. E só consideram as phrases, a contar dos discursos de rompimento dos Srs. Bonifacio (o Zé) e do Sr. João Neves.

Nesta primeira phase, o Sr. Bonifacio produzia muitas. Mas as melhores e o maior numero de phrases se perdiam no meio da floresta capillar que existe nas immediações da sua bocca, nariz e garganta (clinica oto-rhino-laryngologica). De modo que não passaram á Historia.

* * *

Coube ao Sr. Neves, nesta phase, trazer o melhor contingente de phrases. As que passaram á chronica: "Vamos para o prelio pacifico das urnas e, quiçá, para o prelio terrivel das armas!"

Foi uma especie de fôrma ou fórmula, que teve largo uso, na época. No Rio Grande do Sul, em todos os *meetings*, os oradores todos empregavam expressões similares, com exito apreciavel. Até mesmo, o Sr. Getulio Vargas, depois de obter a necessaria licença do autor, roncou, no pé da guela, como é de praxe, nas exclamações bellicosas: "Se formos esbulhados, reagiremos!"

Aqui, na Camara, então, não se contam os imitadores. O Sr. João lançou algumas outras, mas nenhuma obteve o successo desta. Foi o "Dá Nella" do Carnaval politico do anno passado.

A segunda phase da Alliança iniciou-se com os *meetings* da porta da Camara. Foi a phase de acção directa. Os heróes tribunicios deste famoso periodo foram os Srs. Luzardo e Flores da Cunha.

Um dizia: "Contra as arbitrariedades do governo, opporemos os nossos trabucos!" E outro aconselhava ao povo divertidissimo com o espectaculo: "Economizae para comprar os vossos punhaes!"

Novo successo. Nos *meetings* seguintes, só se falava em trabuco, punhal, revólver, o diabo. Até que o civico enthusiasmo culminou no glorioso assassinato do deputado Souza Filho.

Mas não parou ahi. O successo continuava. O Sr. Flores da Cunha sahiu daqui para o Sul e antes de sahir, lançou á publicidade uma nova composição: "Sinto que as nossas espadas se agitam nas bainhas". E foi espalhando, pelo Sul, e por onde passava, um grande numero de variações sobre este lindo thema.

Com a chegada do Sr. Getulio, iniciou-se outra phase. Este periodo foi o mais fecundo de todos. Entraram na liça campeões famosos, como o Sr. Epitacio Pessôa e varios sobrinhos seus

De lá de Minas, o Sr. Antonio Carlos produzia cousas sensacionaes, todas, mais ou menos, dentro deste *leit-motiv*: "Venceremos! A capital da Republica, no acolhimento que fez ao candidato liberal, já se pronunciou, em nome da Nação!"

Até o Sr. João Pessôa, cuja imaginação nunca o ajudou, conseguiu fabricar uma que teve a sua notoriedade ao voltar de São Paulo:

— "Tenho a impressão de que conquistamos mais um Estado!"

Mas a grande phrase, a phrase psychologica do momento, quem soltou, foi o Sr. Getulio, extrahindo-a de um romance de Henry Ardel uo de George Ohnet:

"Só o amor constrõe para a eternidade!"

Disse isso e morreu para a Alliança. Só veiu falar depois da esmagadora entrevista do Sr. Borges de Medeiros.

* * *

Veiu outro periodo fecundissimo: o das caravanas. Neste periodo, brilham joias como esta, do Sr. Baptista Luzardo, que, aliás, foi o campeão incontestavel dessa grande phase, derrotando, aos pontos, o Sr. João Neves da Fontoura: "Pernambuco cambaleia! Pernambuco cambaleia... ébrio de civismo, bebedo de enthusiasmo".

Neste periodo, voltou á voga aquella "Ao prelio terrivel das armas", do Sr. João Neves, sob outro aspecto: "Se formos derrotados, faremos a revolução".

Eram as palavras sacramentaes que abriam e encerravam todos os discursos gastos, na peregrinação ao Norte.

Por fim, veiu o periodo post-eleitoral. Produziram-se muitas phrases sobre o thema: "Vencemos! Vencemos"!

A entrevista do Sr. Borges de Medeiros veiu tirar esta chapa, collocando na victrola outro disco, tendo de um lado o famoso — "Compromissos assumidos perante a Nação" — e do outro o popularissimo — "Pregação doutrinaria".

A melhor deste periodo pertence, de certo, á autoria do conhecido maestro e applaudido compositor Epitacio Pessôa, pseudonymo popularissmio do grande Tio Pita, que a soltou em sessão de grande gala do Senado Federal:

— "Quem me castiga? Tu? O' sebo!"

◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈

Os chinezes dividem o dia em doze partes, de duas horas cada uma.

* * *

A justiça de grande parte dos julgadores provém do desejo de sua propria illustração.

* * *

O silencio é o alvitre mais sensato, que seguir deve quem de si proprio se arreceia.

* * *

Um nome illustre em vez de exaltar deprime e avilta aquelle que não o sabe sustentar. — *De La Rochefoucauld.*

PELOS CAMPOS...

A CULTURA DO TRIGO NO BRASIL

(Continuação)

mus. Os solos que mais se recommendam para esta cultura são os argillosos, ricos e fundos, aos quaes se seguem os argillo-silicosos, tambem ricos e humosos.

Nos solos argillosos muito compactos tambem se obtêm colheitas elevadas, mas nelles só se consegue obter um grão cheio, de casca fina e da melhor qualidade, quando não lhes falta a cal.

CULTURA PRECEDENTE

Na rotação, deve o trigo de preferencia ser cultivado após uma planta sachada, que tenha recebido estrume de curral. Quando as condições são menos vantajosas, cultiva-se o trigo depois do descanço da terra, porque este melhora as qualidades chimicas e physicas do solo, e assim tambem as condições para uma bôa germinação da semente. Quanto melhor, porém, forem as condições climatericas e as do solo, tanto menos entrará em considerações o alqueive, ou desanço da terra, porque do contrario o trigo facilmente se desenvolverá com demasiado viço, tendo assim tendencia accentuada para o acamamento, e resultando d'ahi grãos pouco cheios e uma pequena colheita. Em qualquer caso só se deve escoher para a cultura do trigo um solo que esteja o mais possivel isento de hervas damninhas. Para as nossas condições pode-se considerar como melhores culturas precedentes as da batata e do feijão, pois estas supportam bem uma estrumação mais elevada e são colhidas com sufficiente antecedencia, para permittirem a conclusão de todos os trabalhos culturaes muito antes da semeadura do trigo.

Não dá bom resultado fazer uma cultura de trigo por outra de trigo. Com estrume verde elle se desenvolve bem, desde que a planta destinada para estrume verde tenha recebido uma adubação mineral abundante (potassa, acido phosphorico e cal) e que tenha sido enterrada no minimo umas 4 a 6 semana antes da semeadura. O trigo tambem se desenvolve muito bem em roça nova, si se diminuir a quantidade de sementes.

PREPARO DO SOLO

A lavra principal deve ser feita com bastante antecedencia e, se fôr necessaria uma applicação de estrume de curral ou estrume verde, deve-se, nessa occasião, enterral-os, afim de que a massa organica possa decompôr-se sufficientemente antes da semeadura. Não é necessario proceder-se á lavra muito fundas, principalmente pouco antes da semeadura, porque isto importaria num desperdicio de agua no solo, o que devemos evitar, visto cultivarmos o trigo como planta de inverno, entrando, assim, em conta para o primeiro periodo de desenvolvimento, sómente a humidade do solo. Segundo a cultura precedente basta muitas vezes uma lavra de 15 a 18 centimetros de profundidade. Por meio de repetidas passagens da grade ou do cultivador consegue-se o afrouxamento superficial do solo e a exterminação das hervas ruins. Não é necessario pulverisar demasiadamente a terra.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA DE SEMENTES DE PLANTAS FORRAGEIRAS

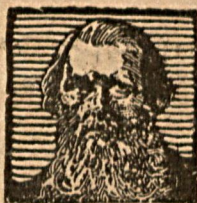
Durante os mezes de Agosto e Setembro, a estação experimental de agrostologia, do serviço de industri pastoril do Ministerio da Agricultura fará a sua distribuição annual gratuit aos agricultores, das seguintes semente de plantas forrageiras: gramineas — Capim de Rhodes; capim de Jaraguá capim gordura roxo, capim Guiné, capi Elephante, variedades "A" e "B", capim Elephante brasileiro; leguminosas — Marmelada de cavallo, barbadinho, trifolio e feijão de boi.

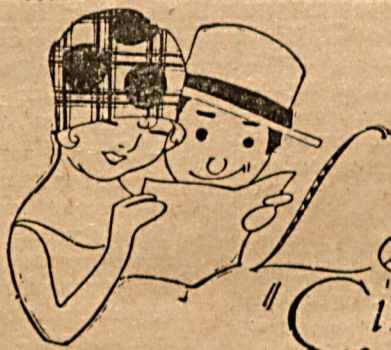
São especialmente recommendadas a ultimas, que substituem a alfafa no logares onde esta leguminosa não pros pera satisfactoriamente: A estaçã experimental de agrostologia só consa gra sete hectares da sua superficie producção de sementes para distribui ção, a qual alcança pouco mais de um tonelada. Nestas condições de abaste cer os estabelecimentos officiaes, não possivel satisfazer os numerosos pedi dos com quantidades superiores a doi kilos ou seja, de cem a quatrocenta grammas para cada especie. Estas se mentes não se destinam, pois, aos plan tios definitivos, e sim ao estabelecimen to de sementeiras, que, dentro de um anno, fornecerão aos agricultores as sementes necessarias ás suas culturas.

Os pedidos devem ser endereçados desde já ao encarregado da estação ex perimental de agrostologia, em Deo ro, Districto Federal, e serão attendidos na ordem de entrada nos mezes de Agosto e Setembro. Serão remettidos com as sementes pequenos folhetos com instrucções sobre a cultura dessas forragens.

Para os agricultores, que desejarem ensaiar outras forragens não incluidas nesta lista, será remettida uma lista de diversas especies, que a estação distri bue, em pequenos pacotes de 10 a 100 grammas, para fins experimentaes, uma vez terminada a distribuição regular.

(Continúa)

RIO DE JANEIRO: Av. Rio Branco, 18. — SÃO PAULO: Rua Florencio de Abreu, 52-C.

Restitue as forças da juventude sem drogas

Um francez erudito descobriu um meio de produzir no organismo humano um importante desenvolvimento de energia, e tudo isto sem usar drogas internas, apparelhos especiaes nem exercicios gymnasticos. As indicações necessarias enviam-se gratis a qualquer pessôa que escrever pedindo-as. Milhares já têm seguido estas prescripções com excellentes resultados. Cada homem se póde aproveitar desta invenção. Ella se póde applicar em casa, sem interromper os trabalhos regulares nem os recreios de cada dia. Este methodo faz o que não têm feito as drogas para uso interno, nem outras prescripções. E' extraordinariamente simples, e não exige absolutamente nenhum trabalho nem esforço. Se parecer ao amigo que já não goza da mesma robustez que possuia antes, não ha coisa mais importante do que conhecer este regenerador de forças. A edade não importa; o effeito é bom para os mais ou menos velhos, como para os jovens. Arranjos especiaes têm-se feito para enviar pelo correio, franco de porte e de quaesquer outros gastos, informações detalhadas, illustradas, selladas, a cada homem que indique o seu nome e endereço á International Palmette Company, Depto D, 3104, Michigan Ave., Chicago; Illinois, E. U. A. Escreva-nos hoje sem demora, pedindo este methodo.

SENTE V. S. ESTES SYMPTOMAS DE SERIAS DESORDENS DOS RINS?

Experimente este famoso Tratamento,

GRATIS

E' V. S. victima de sérias desordens dos Rins sem que disso se aperceba? Eis aqui os symptomas que o advertem do perigo que corre: dores chronicas na cintura, sensação de cansaço e abatimento, irritabilidade, vertigens, dores em todo o corpo, lividez, insomnia e affecções da bexiga. V. S. não deve descuidar esses symptomas!

Não importa o espaço de tempo durante o qual tenha soffrido. Envie-nos o seu nome e direcção, e nós remetteremos, livre de porte, um fornecimento gratis para experiencia das Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Tome duas á noite antes de deitar-se e uma antes de cada refeição. V. S. notará que estão fazendo bem. Estamos certos disso. Persevere como tantos outros o fizeram, em beneficio de sua saúde.

As Pilulas De Witt servem para Rheumatismo, Dores Chronicas na Cintura e nas Articulações, Desordens Urinarias, Sciatica, Desordens dos Rins e da Bexiga e Excesso de Acido Urico. Solicite-nos um fornecimento gratis para experiencia, e quando V. S. comprovar que este tratamento lhe está fazendo bem, adquira um frasco em sua pharmacia. Tão depressa que V. S. começar o seu tratamento com as Pilulas De Witt, apreciará as suas boas qualidades.

Peça um fornecimento gratis para experiencia a E. C. De Witt & Co., Ltd., (Depto. L. 8), Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Pilulas De Witt

PARA OS RINS E A BEXIGA

PARA OBTER SUA CAIXA GRATIS, ESCREVA AO ENDEREÇO ACIMA INDICADO.

L. 8. PREÇOS NO DISTRICTO FEDERAL { Rs. 7$500 O FRASCO PEQUENO / Rs. 12$500 O FRASCO GRANDE

LICENCIADAS PELO D. N. S. P. SOB O No. 145

OS REBELLADOS

Um Conto de Paulo Rehfeld

Esta é a historia maravilhosa dos rebellados. Daquelles que, sendo o nervo e o sangue das grandes conquistas e realizações humanas, o factor maximo do bem estar dos homens, soffrem, quaes desgraçados, a differença social e o desprezo dos poderosos. Esta é a historia dos rebellados. Daquelles que pregam a partilha do bem e do mal, da felicidade e da desdita. E é a historia dos que querem as reivindicações populares pelo tempo e pela paciencia, longe das agitações, da anarchia e do terror. Historia commovente e verdadeiramente impressionante, concepção formidavel que nos lembra Maximo Gorki. Paulo Rehfeld, seu autor original, é um joven contista de Bello Horizonte e Navarro Rivas, o artista do lapis tão conhecido dos meios literarios, illustrou-o especialmente para O MALHO.

DENTRO da noite, sob o céo pontilhado de pequeninas estrellas, elles estavam sentados á entrada da casa, fumando silenciosamente. E os cigarros accesos, momentaneamente redivivos a cada sucção, brilhavam dentre o negror, como solitarios vagalumes de sangue que se immobilizassem na treva para morrer em seguida.

Ao redor, erguiam-se os mólhes das construcções, massiços e agigantados, destacando-se no céo profundo as suas silhuetas ameaçadoras de animaes em repouso, — de animaes que dormem enfartados, o bojo cheio a mais não conter. Eram os depositos e armazens do estabelecimento febril, atulhados, entupidos de viveres e de ouro: monstros a que se deu de comer até se não aguentar já de pé. Para traz, mais ao largo, ficavam as agudas cumieiras e as esguias chaminés dos altos fórnos, atiradas em desordem para o firmamento, afundando no espaço a sua magreza angulosa de vigilantes fantasticos. E vinha o rumor incessante de uma machina a trabalhar, a dar, sem descanso, um rumor surdo e obstinado que persistia em perturbar e encher de terror o socego nocturno.

Elles estavam sentados á entrada da casa, repoltreando-se na dureza do patamar estreito, a fumar vagarosamente.

Mal se viam uns aos outros, tal o negrume daquelle ambiente, apertado entre as massas immensas dos predios vizinhos. Não se sabia ao certo dizer quantos fossem. Apenas a figura dum velho sobresahia com maior precisão, por causa das longas barbas alvacentas e das cans que lhe emmolduravam o semblante, ao passo que o resto do corpo se perdia vagamente na sombra. Estava apoiado no unico degráo do pedral, numa posição immutavel e parecia ser o chefe daquella malta miseravel e anonyma — estranho cenaculo de demonios convocado na treva, sob a presidencia do tremulo mágo mysterioso e silente.

Mas alguem se lembrou:

— Mestre, por que não accendemos aqui uma pequena fogueira reconfortante, que nos possa aquecer e alegrar?

Seguiu-se um longo silencio, entrecortado apenas pelo resfolegar incessante e abafado da machina, que continuava lá atraz a mourejar dentro da noite. O ruido se repetia uniforme, surdo, singular, aterrorizante, tal c de um monstro que está a comer, a comer qualquer cousa morta, esmagada... Depois, a cabeça do ancião se agitou negativamente e as suas mãos se elevaram: duas mãos pallidas e magras, resaltando no escuro:

— Para que? Como nos poderiamos alegrar e aquecer, se em breve nos viriam amargar o conchego e gelar a medulla, bradando que houvessemos roubado as achas para ahi? Estejamos quietos, sob a paz do céo bemfazejo, a sorver o ar que enche os espaços. Ah! são estes o unico patrimonio dos humildes, daquelles que nada podem, que nada possuem... O mais, bem sabeis, tudo tomaram.

A sua voz era forte, profunda, mão grado se lhe adivinhassem o peito mirrado e o corpo abatido. Falava sem pressa, sem se exaltar, como um homem que reconheceu de ha muito a inutilidade e a impotencia da sua revolta. Recolheu-se outra vez ao mutismo, mais sumido e apagado que dantes. E os vagalumes sangrentos dos cigarros luziam frenetico na treva, sem que alguem se animasse comtudo a objectar qualquer cousa.

Do alto, acima de suas cabeças, pelo rectangulo dos telhados unidos, joeirava a claridade tenue das estrellas longinquas, — pequeninas lagrimas verdes e ardentes, disseminadas no negror absconso. Atraz de uma janella, muito abafada, ouvia-se uma tosse meuda, ao choro lastimoso duma creança fraquinha. E a velha machina, obstinada e insana, continuava a arfar, perdida no seio da noite, sabe Deus onde.

O "mestre" tornou a erguer-se:

— Vezes sem conta tenho observado que tudo no mundo é iniquidade e ambição. Ambição descommunal, infrene, que cousa alguma conseguirá jámais saciar. O melhor da minha vida passei-o no fundo das minas, no recesso das officinas sombrias, dando o suor, dando o sangue, enchendo de callos as mãos, até estourarem, para aplacar um pouco a voracidade desse "moloch" maldito que se chama "Ganança". Imaginei, construi, fiz aos outros ganhar rios de ouro, com que se cercaram da consideração e do apreço de todos. Com os meus braços, levantei palacios maravilhosos, onde uma classe privilegiada se foi pojar no mais completo prazer. Do seio da terra, trouxe para a luz riquezas enormes, thesouros esplendidos, cuja millesima fracção bastaria para proporcionar-me o conforto na vida. E, ao cabo, que recompensa me deram? Apenas um negro pão duro para illudir a fome impiedosa e um tugurio infecto, afim de não morrer sob a chuva. Sim; foi bem isto. A principio, fiquei boquiaberto ante ingratidão tão profunda. Mas olharam para mim com tal expressão de espanto sincero e me acharam tão ingenuo por pretender que as cousas não estavam direitas... Ah! o grande ignaro, que mais podia elle querer?!

As palavras lhe brotavam da bocca naturalmente, quasi sem traduzir resentimento interior, como se revelassem uma historia banal, conhecida de todos. Depois, elle parecia tão habituado já a rememorar comsigo mesmo a vida passada e ter tambem tanta convicção sobre a inefficacia de suas lamurias... A temperatura a pouco e pouco baixava com o avanço da noite. Estava-se em meados de Maio e o frio já se fazia sentir, augmentando de dia para dia. Todavia, áquella hora, elles pareciam não perceber cousa alguma.

— Que lhes digo eu? A principio riram-se da minha estranha lembrança. Entretanto, porque me obstinasse, encolerizaram-se, prohibindo-me a continuação dos lamentos. E a colera dos poderosos é cousa terrivel quando vae acordal-a o choro dos pobres...

Lembro-me bem. Uma vez, estavamos com fome, rôtos, hediondos, cansados de supplicar debalde. A miseria, essa fiel companheira do desvalido, acossava-nos por todos os lados, estrangulando-nos a garganta faminta. Elles se banqueteavam felizes e calmos. Insensatos, perdemos então a cabeça e buscámos fazer justiça de nossas mãos proprias.

Rapidamente, desfazendo o embrulho de jornaes que trazia...

Ah! Querem saber o que nos man-
rma com sobra? Tiros. Espingar-
aram-nos sem dó nem piedade, afim
nos fazer trancar a bocca impor-
na e maldita, que sómente se abria
ra pedinchar alimento, perturbando
doçura da sua existencia farta e
osa! Foi por uma tarde nublada de
gosto. Vi um companheiro rolar a
u lado, o craneo partido e logo após
mulher erguer desvairada aquella
seria sangrenta, ao choro inconsci-
te de tres creancinhas immundas.
Heróe, transido de torturas sem nome, cujo crime era não querer que os pequenos se fossem á mingua!

Como todo levante insensato, a nossa revolta não durou mais que quinze dias. Depois, voltámos humildes, rastejantes, e a nossa derrota ficou para escarmento ás rebelliões do futuro!

Agora, á remembrança atroz da sua mocidade longinqua, o "mestre" tremia na treva, como se arrancassem nelle o que de mais intimo e profundo existisse. Alteara um pouco o busto mirrado, onde as longas barbas fluctuavam, sobresahindo, pela côr alvacenta, no conjuncto obscuro do corpo. Ao cabo de breve pausa, tornou, vehemente, os braços erguidos numa maldição desesperada e suprema. E a sua voz tinha tal ironia, uma ironia tão dolorosa, tão ressumada de fel, que os ouvintes se encolheram no escuro;

(Continúa no proximo numero)

THEATROS

"VOLPONE" A PLATÉA DO MUNICIPAL E A CRITICA

A temporada franceza, que vem de findar e que sob o aspecto artistico foi tão ruimzinha quanto as anteriores, deu a conhecer á "culta platéa carioca" algumas novidades, "grandes exitos dos theatros de Paris". "Volpone" foi a unica escandalosa. Comedias Lauve, perfeitamente immoraes e indecentes, que fizeram a fina flor das classes conservadoras babar de gozo... Foram ditas cousas no palco do Municipal que não podemos reproduzir aqui porque "O Malho" se orgulha de ser uma revista para familias. "Volpone", porém, sem usar de phrases rubras e desavergonhadas, pintou ao vivo miserias humanas, mostrou de que são capazes maridos e paes quando estão com olho em dinheirama grossa... Volpone, moribundo, tem a fantasia de desejar a mulher do proximo. O proximo, que é ciumento, mas acredita, um pouco ingenuamente, que Volpone lhe vae legar milhões, convence a esposa de se sacrificar... Um pae usurario sonha com os milhões de Volpone. Para que Volpone lh'os legue é preciso a reciprocidade de sentimentos, e o velho usurario desherda o filho e testa em favor de Volpone... O filho, naturalmente se revolta e, indignado, quer cozer a facadas todo a tropa. Em nome da ordem, a lei se levanta. E, já se sabe, levanta-se contra o filho, e a favor da bella sociedade, cujos principios e boa apparencia têm de ser respeitados.

Na platéa o enthusiasmo era nenhum. Esposas, de soslaio ironicamente olham os maridos que não comprehendiam as claras intenções do ministro F., senador Z., ou do deputado Y..., porque de boa vontade delles dependia determinada pretensão. Filhos rememoravam malandragens dos paes, e juizes, se os havia, riam interiormente da justiça que distribuem, á face de Deus, sobre a terra. A opinião era uma só. A peça, como força shakespeareana ou mollièenesca é engraçada. Os conceitos, ou melhor, a intenção, idiota. Idiota e incommoda... E todos teriam preferido a "Volpone" uma "Troisième chambre" qualquer.

"O Malho" muito se affligiu com essa situação. Não póde deixar de culpar o Dr. Raul Cardoso pelo acontecido. Bem sabe que o director do Patrimonio não tem interferencia alguma no assumpto, que elencos e repertorios formam-se á sua revelia, mas está tão acostumado a ver o Dr. Raul Cardoso metter o nariz em tudo, em se tratando de theatro, já se vê, que culpa o conspicuo burocrata por essas quatro horas de riso amarello infligido por Ben Jonson & Jules Romains á elite social do Rio de Janeiro. Podia ter evitado o quasi desacato. Não o fez de mau. Ou porque entendeu, e entendeu muito bem, que devia se calar, já que o accusam de falar muito, de falar todo o tempo, seguidamente, sem tomar folego, horas e horas....

A critica dividiu-se. Os que não comprehenderam a peça, arrazaram-na. Os que tinham lido que ella era uma maravilha, elogiaram-na.

Como se vê, foi legitimo o successo de "Volpone" no Rio de Janeiro.

MARI NONI

"Conselho a quem não pediu"

Saudade nunca foi dôr
Nem pena que a gente tem;
Saudade é um fiador,
Que se dá ao nosso bem.

Desejo não é amôr,
Mas, amôr desejo é;
E' desejo de dispor
De seu bem, de sua fé.

Sendo amôr puro desejo,
Sem desejo ser amôr,
Eu não desejo o que vejo
Pois, desejo ter amôr.

Amôr sem casta amizade
Jámais na vida medrou,
E' cinza de madrugada
De fogueira que findou.

De posse do bem amado
Se amizade não reinar,
E' um barco naufragado
No oceano de seu lar.

L. A. E.

(Olinda)

Hibernal

Dia de inverno. Somnolenta,
Fina garôa dansa no ar...
E num torpor que desalenta,
A tarde morre pardacenta!...
Que noite fria vae chegar!

Como esta triste o povoado!
Quasi ninguem a transitar
Pelos passeios... apressado,
A's vezes, passa, agasalhado,
Alguem que volta para o lar.

Uma pequena, moreninha,
Na rua vejo, então, passar...
Mas, ai! que pena! a pobrezinha,
Vae mal vestida, encolhidinha,
Cheia de frio, a tiritar...

A noite cáe. Que noite escura!
Fria garôa dansa no ar...
Senhor! em negra desventura,
Sem agazalhos... que tortura!...
Ha pobrezinhos a penar!

MARIO M. DE CARVALHO

(Suzano)

A VELHA HISTORIA

I

Tudo sorria, á hora em que nos encontrámos.
No céo fulgia o sol... A briza ciciava...
Aves, a saltitar, andavam pelos ramos,
e a primavera em flor á alegria acenava.

E tu estavas linda! Aos meus labios amantes
o amor se desfazia em lidimos descantes.

Tão puro o meu amor, amor de adolescente,
e tu eras tão meiga e eu era tão contente!

Nos teus labios de mel, a doce libação
do nectar do prazer, eu quiz gozar então.

E tu eras tão linda! Eu era tão contente!
Eu era tão ousado, e tu tão complascente!

. . . .

Tão lindo aquelle amor, amor de adolescente...

II

Um dia (ai, triste dia!)
Seguindo atroz destino, emfim nos separámos.

Não mais cantava a briza, o sol não mais fulgia,
nem saltitavam mais ledas aves nos ramos.

E tu aborrecida... Eu tão cheio de tedio...
O idyllio transformado em tetrico epicedio!

E só a lembrança jaz de todo o amor passado.
E tu delle esquecida! E eu delle tão lembrado!

Eu delle a me lembrar... E tu, indifferente!

. . . .

Saudade... Ah! Longe vaes, amor de adolescente...

(Sorocaba).

HYLARIO CORRÊA

OS CORREIOS DA REPUBLICA EM ANARCHIA

Mais duas vezes incorreu o Sr. Pereira Lessa na pena regulamentar de demissão — A utilização crimino do carimbo de uma repartição federal! — A apprehensão, tambem delictuosa, em face do regulamen postal, de uma carta franqueada... com sello "recolhido"!...

As allegações levantadas contra a vesga direcção dada pelo chefe de secção Pereira Lessa á Sub-Directoria do Trafego Postal, posto em que se acha commissionado ha mais de quatro annos, e allegações essas não levantadas só pelo *O Malho*, mas pela quasi unanimidade da imprensa, já deveriam ter indicado a quem de direito e de dever, a unica solução que exige a anarchia reinante nos Correios da Republica: a demissão, por comprovada falta de idoneidade, do sub-director interino.

Os dois casos que hoje denunciamos excedem por completo a medida da tolerancia. Não podem estas denuncias deixar de influir sériamente nas providencias que a opinião publica espera um dia se tomem a respeito do nosso malfadado serviço postal.

UMA IMPORTANCIA IDIOTA

Entre as varias "virtudes" que recommendam o sub-director interino do Trafego Postal, Pereira Lessa, aos postos de "grande homem", está a importancia que elle proprio se attribue... Só elle, aliás.

Em edições anteriores já revelou *O Malho* o conceito em que o têm os seus collegas de repartição. É para elles o Sr. Pereira Lessa um "macaco em casa de louças", uma creatura temivel para a boa marcha dos serviços que superintende...

A funcção precipua de um chefe de repartição é a o Sr. Pereira Lessa um "macaco em casa de louças", uma Só assigna aquellas alambicadas chronicótas musicaes que são a delicia dos Oscar Guanabarino e dos outros que sabem onde têm o nariz, na materia... O expediente é assignado pelos officiaes de gabinete, parece que mais numerosos que os do Cattete, e pelo chefe do expediente, secção sobrecarregadissima desde o inicio da ociosa interinidade do Sr. Lessa.

Mas esses moços do gabinete do Sr. Lessa não são fortes em logica. Dahi collocarem, de quando em quando, o seu amigo e chefe em situações difficeis, como essa da confissão de um delles de que o carimbo da repartição é usado graciosamente, para satisfazer interesses commerciaes particulares!

A CONFISSÃO ESPONTANEA DO DELICTO

Os nossos ponderados collegas do *Jornal do Brasil*, orgão que se caracteriza pela sua orientação fundamentalmente conservadora, publicou sob a epigraphe — *Com os Correios* — a seguinte carta que lhe foi enviada pelo gabinete da Sub-Directoria do Trafego Postal:

"Rio de Janeiro, 17 de Maio de 1930 — Sr. Redactor do *Jornal do Brasil* — Saudações. — Com referencia á local inserta no *Jornal do Brasil* do dia 16 do corrente, sob a epigraphe "Como uma carta gasta quasi o mesmo tempo, vinda de Paris ao Rio, que indo da rua Primeiro de Março á rua Conde de Irajá", tenho a vos declarar o seguinte, de accordo com as syndicancias feitas nesta Sib-Directoria:

As malas trazidas pelo avião 652 deram entrada no Correio no dia "14 do corrente", ás 7 horas da manhã e nesse mesmo dia foi distribuida toda a correspondencia destinada a esta capital. *O facto de figurar, nessa correspondencia, o carimbo do dia 13, quando devera ser o de 14, decorreu de uma ordem do chefe do serviço aereo desta Repartição para que assim se procedesse, e isso a pedido do Sr. Dr. Edmundo de Oliveira, director da Compagnie Générale Aéropostale, a titulo de propaganda dos serviços dessa companhia.* O sub-director do Trafego Postal, *deante da irregularidade certificada,* deu, immediatamente, as providencias necessarias para que o facto não se reproduzisse.

Fica, pois, explicado o motivo por que pareceu a essa illu trada redacção ter havido atrazo na entrega da correspo dencia em questão.

Sem outro motivo, subscrevo-me, em nome do Sr. Su Director, *P. F. Bandeira,* official de gabinete."

Gryphámos a confissão do delicto, *irregularidade ce tificada* reconhecida pelo Sr. Pereira Lessa.

Diz-se nesse expressivo documento, candidamente, que carimbo dos Correios da Republica, que faz até prova e juizo, foi apposto na correspondencia da Aéropostale — er presa particular — "*a titulo de propaganda dos serviç dessa Companhia*".

Incorreu, ou não, o chefe de secção Pereira Lessa, p essa inacreditavel irregularidade, em pena de demissão cargo que occupa interinamente?

Quererá responder-nos a isso o Sr. Victor Konder, n nistro da Viação? Ou precisará S. Ex. que, além dos nort americanos, os outros povos cultos do mundo affixem ca tazes em suas repartições postaes, dizendo responsabilizarem se por toda a correspondencia que lhes é entregue, menos destinada ao Brasil?...

Parece que basta de vergonha e humilhação para o pa

SELLOS RECOLHIDOS ?!...

O Sr. Pereira Lessa, na sua integral e absoluta ign rancia do regulamento postal, inventou esta formidavel n vidade: sellos recolhidos, tirados da circulação!

Ninguem, mesmo alheio aos Correios, ignora que sellos postaes *não se recolhem nunca.* Circulam até s esgotada por completa sua emissão.

A unica excepção, a respeito, é a dos sellos commemor tivos, cuja autorização de emissão, emanada do Congres limita o prazo de seu uso: de tal a qual data; ou pelo pra de tantos dias, ou mezes.

Assim sendo — saiba-o o Sr. Pereira Lessa — até velhissimos sellos postaes que se conhecem pelo nome "olho de boi", ainda têm curso. Podem ser utilizados á vo tade por quem os tenha guardados.

Saiba isso o Sr. Pereira Lessa para não se recomm dar outra vez á risota dos seus subordinados, querendo cr essa exotica figura juridica de — "*carta extraditada*".

Realmente, a *extradiçãa* de uma carta, ou sobrecar foi o que o Sr. Pereira Lessa propoz no officio n. 227, 12 de Maio corrente, ao director-geral dos Correi Dr. Severino Neiva.

Foi posta na repartição geral dos Correios uma ca para Lisboa cujo sello foi considerado pelo Sr. Pereira Le como estando fóra de circulação. Dahi propor o engra dissimo sub-director interino do Trafego Postal que se disse ao Correio de Portugal enviar ao do Brasil, com sobrecarta, o nome e endereço do remettente, que deveri ser exigidos do destinatario da dita carta...

E' formidavel!

Esse Sr. Pereira Lessa merece um premio por ta competencia e zelo mostrados no serviço publico.

Ha muitos annos dá esse pobre homem todas as s minguadas energias mentaes á collectividade, com preju para a substancia de suas creações literarias. Outros, menores serviços, têm tido o justo reconhecimento seus esforços.

Por que, então, não se aposentar agora o Sr. Per Lessa, fazendo-se justiça aos seus grandes meritos? Ell merece. Ninguem, em tão curto tempo, conseguiu como desorganizar tão bem os serviços de uma repartição publ

E' do Evangelho que se deve dar a Cesar o qu de Cesar...

Minha Boneca de Sevres

Minha Boneca de Sevres,
linda Boneca de olhos côr de bronze,
tu bem sabes o muito que eu te quero
Vem! Fala no meu ouvido,
bem baixinho
e fecha os olhos de mansinho,
e dize que tambem me queres,
persistentemente,
indefinidamente!...

Hoje, a minha vida é como um jogo,
um jogo de azar qualquer,
o "pocker" por exemplo,
porém, quando eu contemplo
teu lindo vulto de mulher,
ólho o nosso futuro de sublimidade,
com a alma alegre e ansia indefinida,
eu vejo então,
minha Boneca de Sevres,
meu lindo e ideal thesouro,
minha visão querida,
que tu és a dama de ouro
no "pocker" da minha vida!...

ADALBERTO SANTOS

(Moreno — Parahyba do Norte)

Leiam CINEARTE, a mais completa revista de cinema que se publica no Brasil. A unica que mantém um correspondente especial em Hollywood.

O MONGE MYSTERIOSO

Numa aldeia do Rheno, perto de Heppenheim, pequena cidade encantadora pelo seu cunho archaico, levantam-se, ainda imponentes, as ruinas da outróra opulenta e poderosa Abbadia benedictina de Lorch. Fundado pelo rei dos Francos, Pepino, pae de Carlos Magno, o convento, abrigou, durante seculos, gerações successivas de frades piedosos e eruditos, até que a devastadora Guerra dos Trinta Annos destruiu a igreja, tornou desertos os claustros e fez reinar o silencio naquelles sitios, outróra acostumados ao ciciar da prece, ao rythmo das psalmodias monasticas e ás harmonias do canto coral.

Um dia Carlos Magno, que andava de jornada, chegou a Lorch. Era já idoso o grande Imperador e desejava repousar para depois seguir seu caminho. A' porta do convento veiu recebel-o, hospitaleiro, com mostras de grande respeito e acatamento, o abbade acompanhado da sua communidade.

Fatigado, o monarcha retirou-se cedo para os aposentos que lhe haviam preparado; não conseguiu, porém, adormecer. Os cuidados em que o trazia a governação dos seus vastissimos estados não o deixavam dormir.

Como não lograsse descanso, levantou-se e foi rezar a uma das capellas do claustro. A oração lhe traria a paz que os negocios da terra lhe roubaram.

Sahiu pois da sua camara, Carlos Magno, Rei dos Francos e Imperador do Occidente: seguiu meditabundo o muro do claustro deserto e entrou na capella silente. Julgava-se sózinho alli: ajoelhou perto do altar e levantou o espirito a Deus.

Na grande Abbadia benedictina, áquella hora da noite, quem velava era o Soberano temporal. Os frades, esses dormiam.

Todos?

Assim o suppunha o orante: enganava-se, porém.

Quanto tempo alli estaria a rezar o Imperador? Não o registraram as chronicas, nem consta da tradição. Foi o bastante para que, pacificado o espirito, se sentisse em disposição de regressar ao seu quarto, como resolveu fazer. Só então é que reparou em dois vultos que alli estavam tambem: Um frade alto, de cabello grisalho, ajoelhado mais atraz, absorto na prece, e, junto delle, um moço em pé.

Occultou-se Carlos Magno na sombra de um pilar e poz-se a observal-os com attenção. Impressionava e inspirava veneração o velho monge que, por fim, se levantou e, guiado pelo jovem, sahiu. Era cego, o ancião.

Na manhã seguinte, o hospede imperial contou a Dom Abbade o que tinha visto e perguntou quem era o religioso seu companheiro de vigilia. Só lhe souberam dizer que se chamava frei Bernardo. Viera de um convento distante, cujo nome ignorava, bem como desconheciam a geração de que elle provinha.

Movido de curiosidade e sympathia o Imperador manifestou o desejo de visitar na sua cella o frade mysterioso. Satisfizeram-no.

Estão agora em frente um do outro, Carlos Magno e o monge, o soberano cuja voz commanda milhões de subditos, e o frade que nada tem de seu e cuja vida é obedecer.

Pesados desgostos vincaram profundamente a face do velho que cegou talvez á força de chorar. O imperador, por sua vez, tem impresso no rosto o pasmo de inesperado reconhecimento. Com effeito, o ancião de elevada estatura, que o habito benedictino parece tornar ainda mais alto, já cingiu uma corôa ducal.

Havendo Carlos Magno desthronado Desiderio, rei dos Lombardos, o genro deste, Thassilo, Duque da Baviera, vassalo do Imperador, pegara em armas, revoltando-se contra o seu suzerano. Vencido, depois encarcerado e por fim generosamente perdoado, o Duque novamente conspirava contra o seu Senhor Feudal que o mandou, em vista disso, encerrar perpetuamente num convento. O antigo rebelde é o monge cego; e o offendido reconheceu-o.

— "Meu irmão", disse finalmente Carlos Magno, muito abalado e tomando a mão do frade, "o que vos fala agora, já foi o vosso maior inimigo. Ambas as nossas frontes encaneceram e o resentimento do Suzerano para com o irreflectido vassalo desvaneceu-se completamente. O passado já vae longe, apagou-se. Deante de vós está Carlos Magno que vos offerece perdão e deseja reconciliar-se comvosco.

Expulsae do vosso coração a ultima scentelha de rancor que outrora alimentastes contra mim".

Commovidissimo, o monge cahiu de joelhos aos pés do Imperador.

— "Meu senhor! Meu soberano!" — disse em voz mal segura. "Gravemente pequei contra vós mas procurarei expiar a culpa, com a penitencia reparadora até á morte.

Quando soube da vossa chegada a este claustro, fui de noite junto do altar pedir ao céu perdão da minha revolta; e agora peço-vos o vosso proprio perdão que é o meu ultimo desejo nesta vida".

Caiu por terra o frade, vencido de commoção. Muito impressionado, Carlos Magno ajudou a fazel-o voltar a si e ordenou que nada faltasse ao seu antigo inimigo, agora seu amigo.

Na manhã seguinte o Imperador quiz tornar a ver Thassilo, antes de partir, e dirigiu-se para a cella delle, quando Dom Abbade o informou de que o velho monge, durante a noite, entregara placidamente a alma a Deus.

"Correio de Jequié"

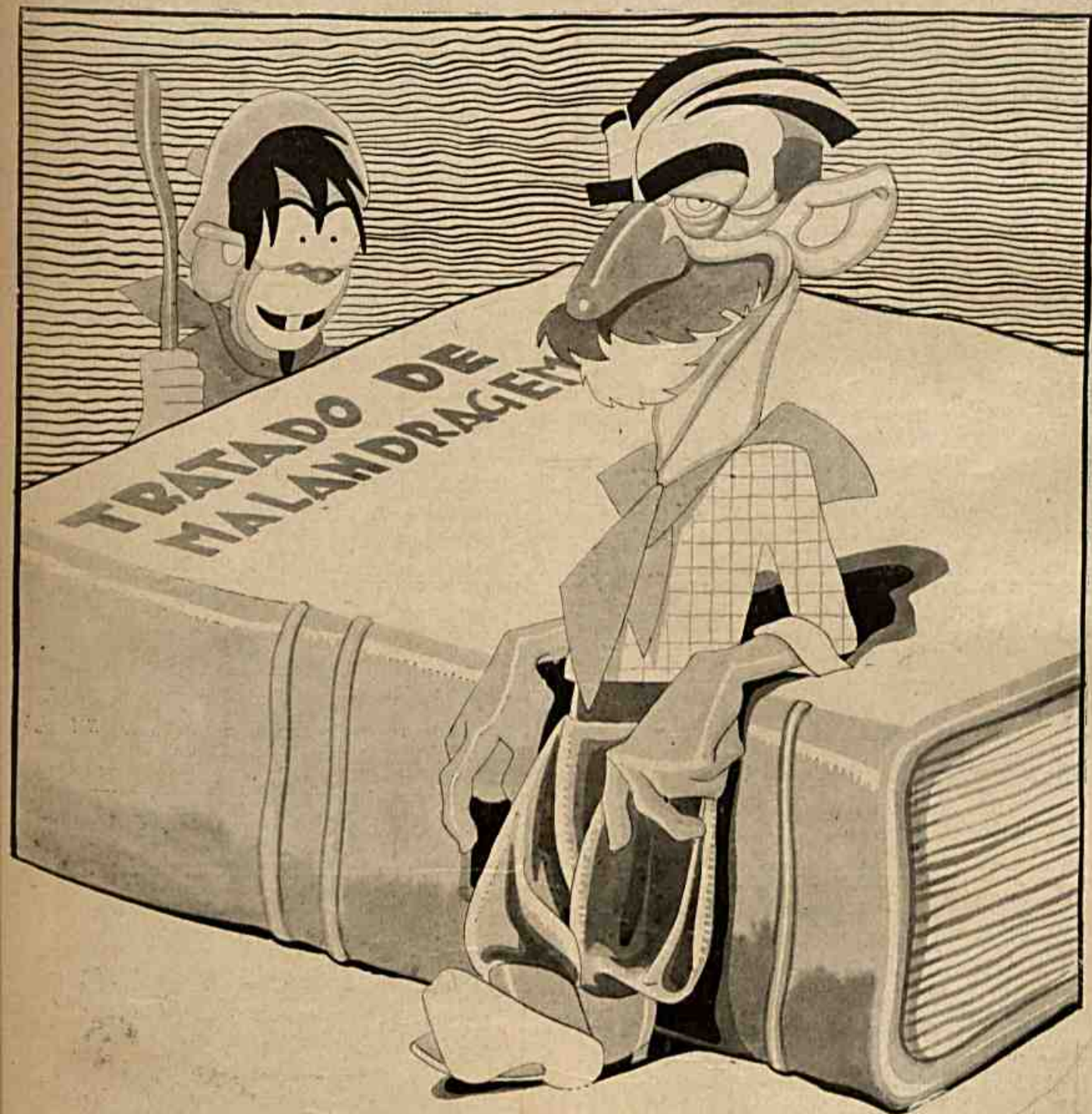
Jequié, a prospera localidade bahiana, conta com um vibrante orgão de imprensa o *Correio de Jequié*, semanario moderno e bem feito, de que é director proprietario o brilhante jornalista Agostinho Martins.

O Malho, agradavelmente surprehendido com a visita do *Correio de Jequié*, deseja ao valente semanario bahiano uma vida prospera e repleta de triumphos.

O MALHO

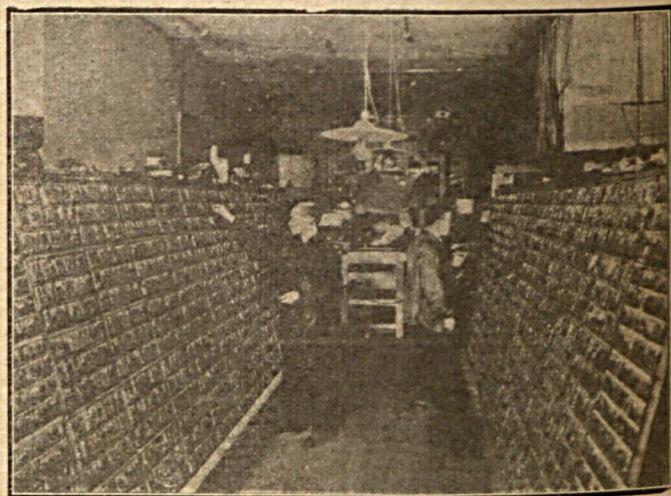
ANNO XXIX — NUM. 1.446

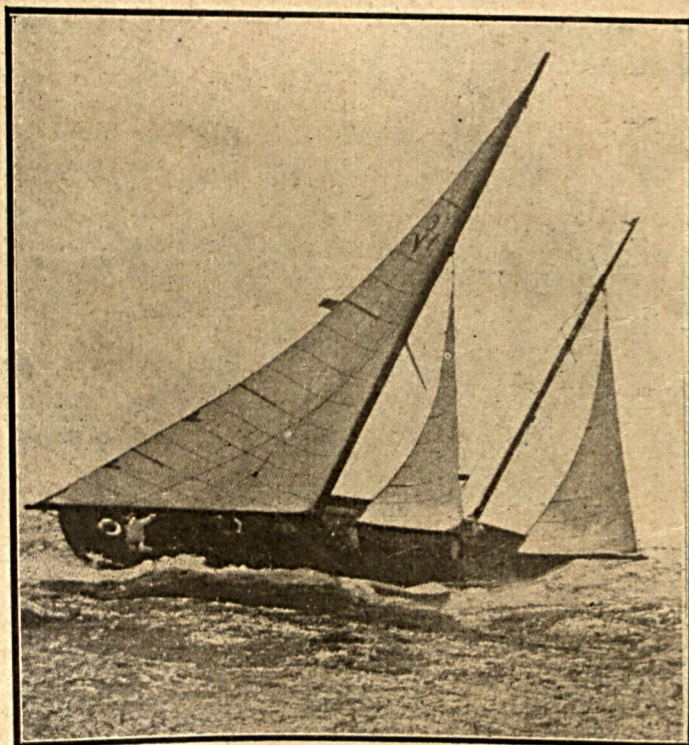
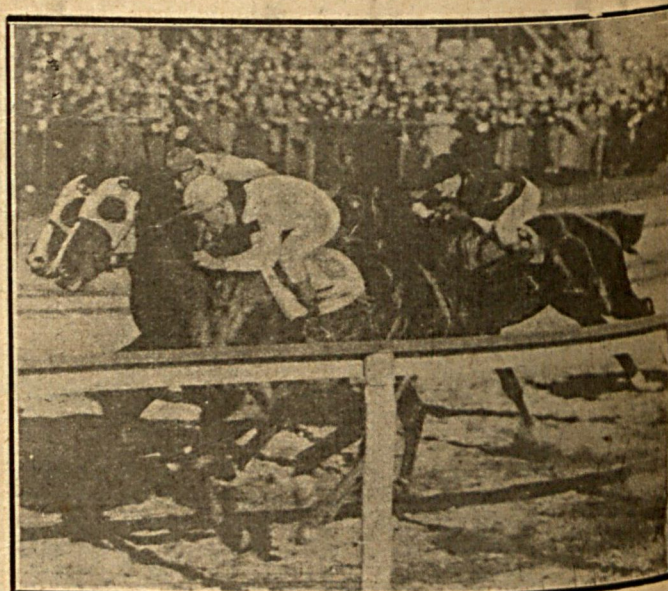
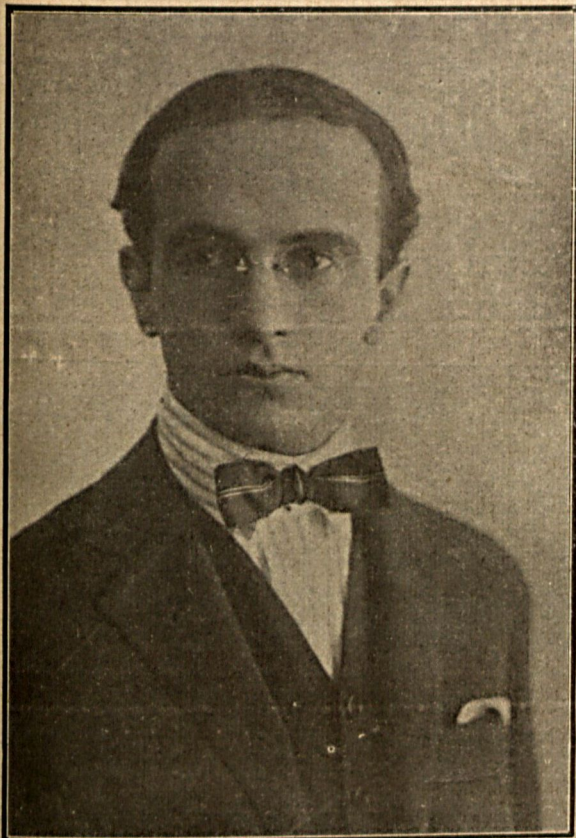
RIO DE JANEIRO, 31 DE MAIO DE 1930

UM SABIO... SABIDO

JECA: — Como foi que o seu doutô conseguiu essa divisa: "Nem apoio incondicional, nem opposição systematica"?

BORGES DE MEDEIROS: — Não te mettas, Jeca. Isso é uma cousa muito estudada.

ASSUMPTOS INTERNACIONAES

As famosas gemeas siamesas norte-americanas ao atravessarem uma rua de Paris.

Caixas para os typos de um jornal chinez, na California.

A equipe italiana que venceu o campeonato de "Bobsleigh" mundial — em Davos.

"La Volpe", do piloto Kemper, do California Yacht Club, de Los Angeles.

A disputa do premio "Empire City", em Yonker — Nova York.

Dr. Barbosa Lima Sobrinho, presidente.

◈

Dr. Oswaldo de Souza e Silva, vice-presidente

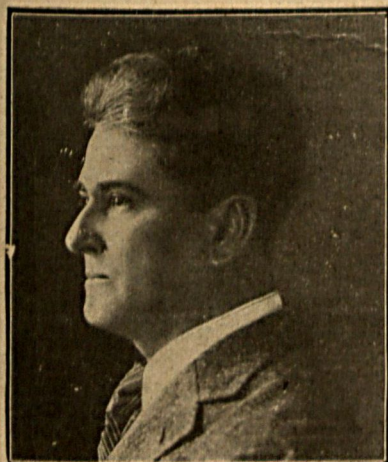
A NOVA DIRECTORIA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

Sr. Annibal Martins Alonso, 1º secretario.

Sr. Raul de Borja Reis, thesoureiro.

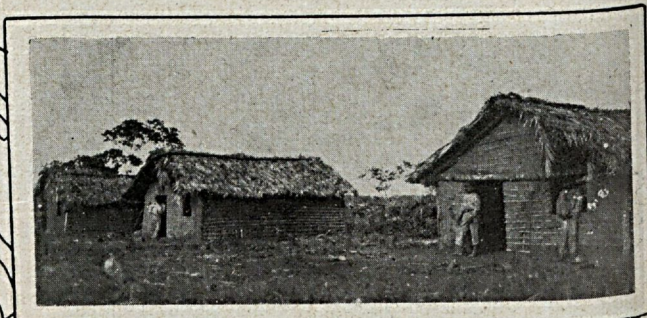
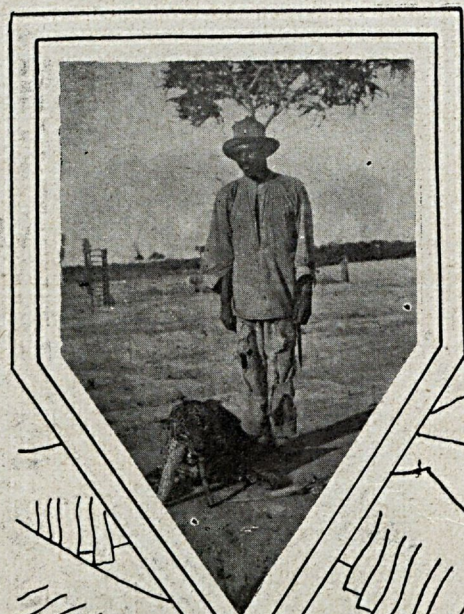
Sr. Eduardo Whitehurst Filho, 2º secretario.

Está eleita e devidamente empossada a nova directoria da Associação Brasileira de Imprensa; composta de individualidades de reconhecido destaque no jornalismo brasileiro, a imprensa carioca rejubila-se com a escolha aguardando a maior e a mais acertada efficiencia.

◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈

Sr. Carlos Dias Fernandes, bibliothecario.

Dr. Gabriel Bernardes, procurador.

A protecção republicana aos indios brasileiros

Especial para "O Malho", por José Indio

Casas provisorias para os indios

Jogo de water-polo

Uma plantação de canna

A historia do selvicola brasileiro é um indice da nossa propria historia. Começa com Pero Vaz Caminha, o generoso escrivão da Armada de Cabral, illuminado pela fé catholica, que dominava, então, as grandes almas, disciplinando o mundo conhecido e desvendando mundos novos, além dos mares adiante das aguas navegadas.

O indio foi uma revelação maravilhosa para o espirito religioso dos marinheiros portuguezes: era a transição entre o animal, que vive, e o homem, que pensa; era a infancia da Humanidade; eram crianças grandes, que a Religião faria crescer, á sombra dos seus mandamentos, para lhes salvar as almas ermas de fé. "Não ha salvação fóra do têmor de Deus" — diziam, como devisa, os descobridores.

Veiu a colonização.

Encara-se, dahi por diante, o aborigene, a principio, como escravo, e, depois da repulsa delle, como inimigo. Surgem multidões de capitães — apostolos improvisades, ensanguentando as florestas e alarmando o littoral do Novo Continente com processos desconhecidos de matar.

Fabrico de tijolos

As universidades européas discutem a natureza humana do indio. Paulo III e Urbano VII, papas catholicos, dizem aos civilizados que os selvagens são seus irmãos perante Deus.

Surgem os jesuitas, que correm, fraternalmente, a lhes salvar as almas. Houve, então, clareiras de humanismo na pobre historia da nossa gente primitiva, graças á actuação desses grandes espiritos.

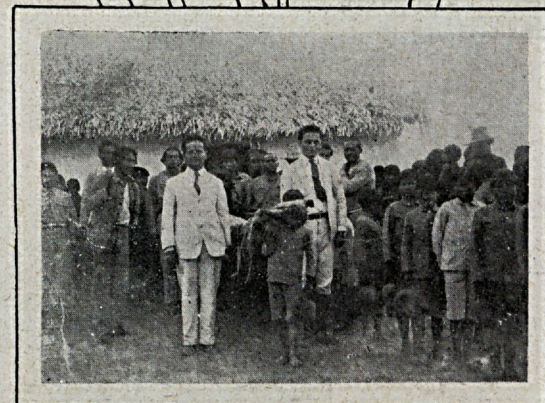
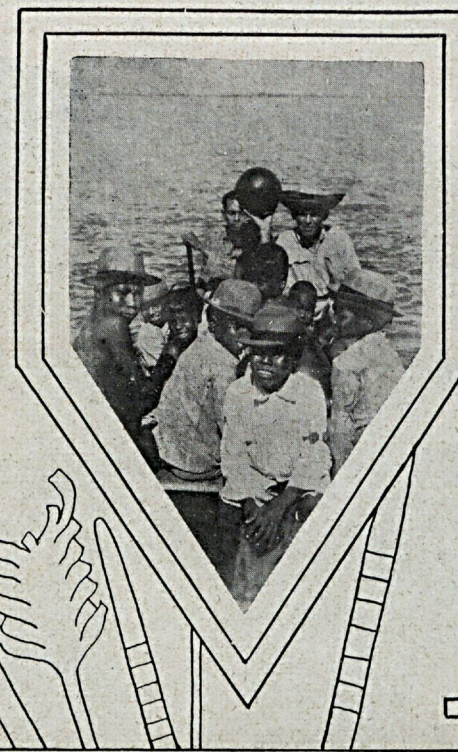
Firmam-se os contornos do Brasil Colonial, traçados, difficilmente, a ferro e fogo, a flexa e bacamarte, nas lutas contra os invasores. E' a primeira epopéa do indio brasileiro, alliado, na defesa do territorio em que nasceu, ao colonizador. "Em que estado estaria hoje o Brasil" — escreve Magalhães, o Visconde de Araguay, em "Os Indigenas do Brasil perante a Historia" — "qual seria a sua população, as suas riquezas, a sua prosperidade e unidade, e, por conseguinte, a sua importancia como nação, sem o adjutorio immenso dessa mutidão de braços indigenas, que impediram a sua divisão, expulsando os francezes e hollandezes do Rio de Janeiro, da Bahia, de Pernambuco e do Maranhão? Teriam podido as limitadas forças portuguezas, só por si, tomar uma parte do Brasil á França outra parte á Hollanda, sem esses milhares de indios, que com ellas valorosamente combateram? Não, de certo; porque, apesar do reconhecido valor dos portuguezes, o numero de braços lhe era necessario para lutar com vantagem contra o inimigo que dispunha dos mesmos meios bellicos, e de maiores forças. Se o Brasil é hoje uma nação independente; se uma só lingua se fala em seu vasto territorio, em grande parte o devemos ao valor de nossos indigenas, que aos portuguezes se ligaram".

Pombal domina. Fôra muito tarde, infelizmente: já os indios estavam, em parte, deslocados, dizimados, errando, como párias na sua grande patria, de região em região, fugindo aos civilizados, passando a lutar uns com os outros, tribus com tribus, nação com nação, na conquista da terra e do alimento.

D. João VI autoriza a escravidão delles. A Primeira Regencia, em nome de D. Pedro II, revoga as disposições do rei fugitivo e manda considerar os indios como orphãos e soccorrel-os do que precisem.

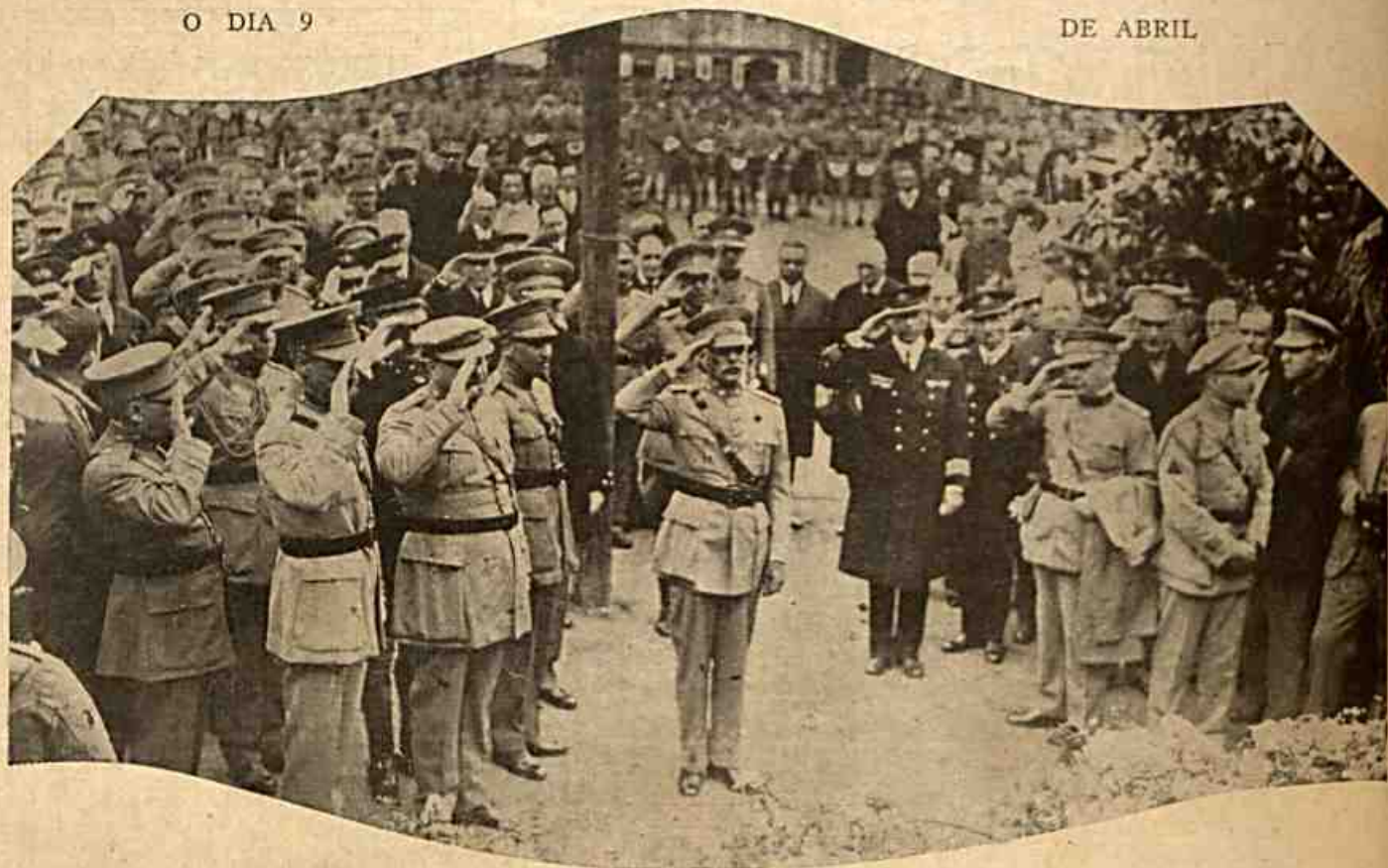
Extingue-se a monarchia sem dar uma soulção ao problema indigena, sem encarar, mesmo, esta solução como uma necessidade e um dever governamental. Houve, é certo, tentativas particulares, entre as quaes se destacam, honrosamente, as de José Bonifacio, o sabio patriarcha da Independencia.

Um enterro de indios

Mais tarde, "por occasião da Constituinte Republicana, o Apostolo Positivista do Brasil propoz o reconhecimento dos Estados Brasileiros Americanos — formados pelas tribus localizadas ou dispersas no interior do paiz — Estados que seriam protegidos pelo governo federal e escrupulosamente respeitados na posse de seus territorios. Foi a unica voz que se levantou em favor do indigena. Ninguem a quiz escutar, ainda que ella tivesse por si um passado cheio de serviços á liberdade e á fraternidade hu-

(*Termina no fim do numero*).

Plantação de arroz

"O MALHO" EM PORTUGAL

O DIA 9 DE ABRIL

O Chefe do Estado e outros officiaes durante os 2 minutos de silencio.

Em baixo: um dos aspectos do Rocio.

O desfile das tropas e antigos combatentes na Avenida da Liberdade.

durante os dois minutos de silencio.

UM CABOCLO ASSEIADO

ANTONIO CARLOS: — Como vê, "seu" Olegrio, eu lhe deixo a casa limpa...

MERCADORIA Á VONTADE DO FREGUEZ

JOÃO NEVES: — Se este não agradar, eu arranjo outro. Como sabem, a bancada gaúcha tem uma fabrica de phrases.

COFRE FECHADO

(O Sr. Epitacio não receberá mais ajudas de custo para ir á Europa.)

EPITACIO: — Eu, agora, sou opposicionista! "Amor sem dinheiro, meu bem, não tem valor"...

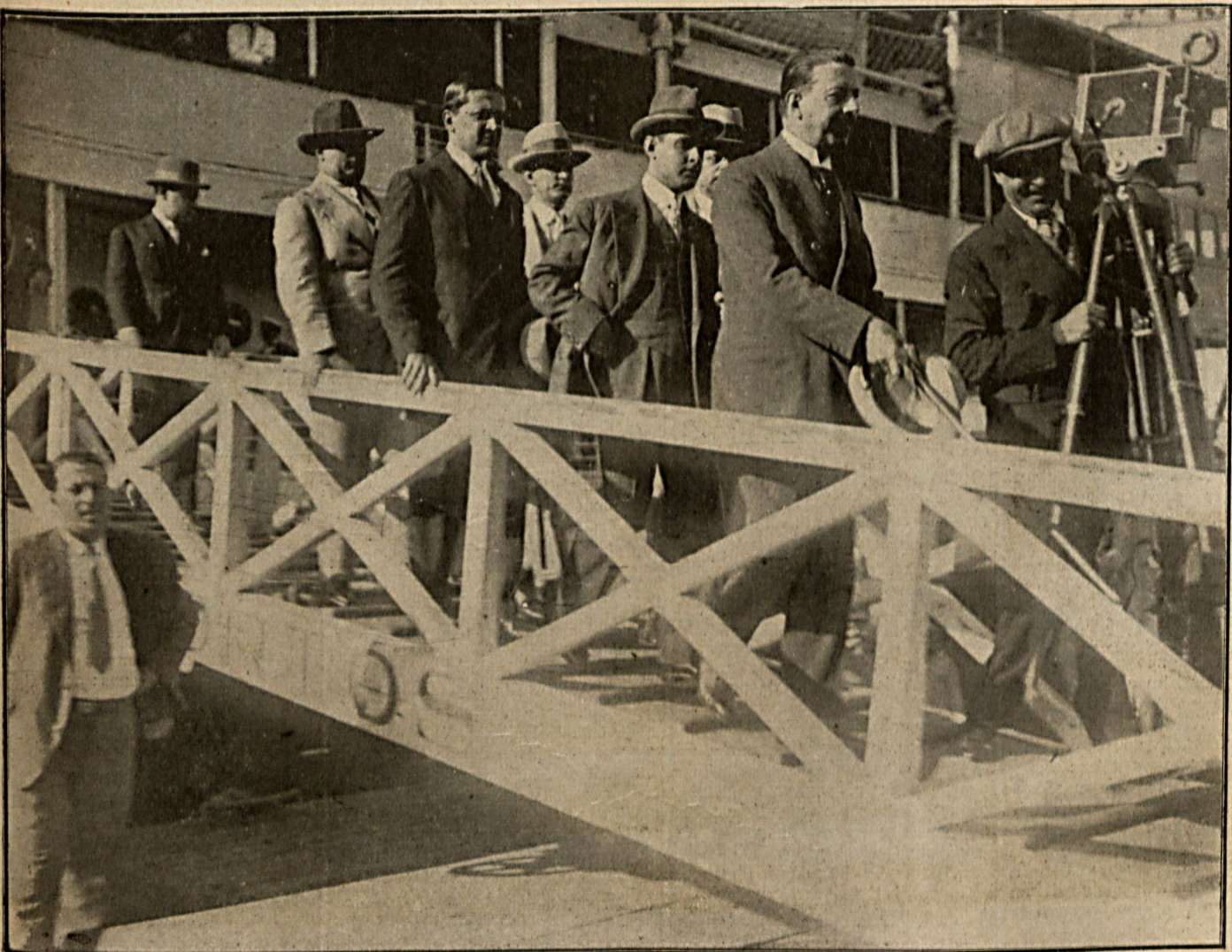
DEFUNTO QUANDO MUDA DE CABECEIRA...

(Consta que a capital da Parahyba será provisoriamente transferida para Campina Grande.)

O Sr. João Pessôa vae mudar a Capital...

... para poder governar em paz.

EMBARQUE DE S. EX. O SR. DR. JULIO PRESTES, PRESIDENTE ELEITO DA REPUBLICA, PARA A AMERICA DO NORTE

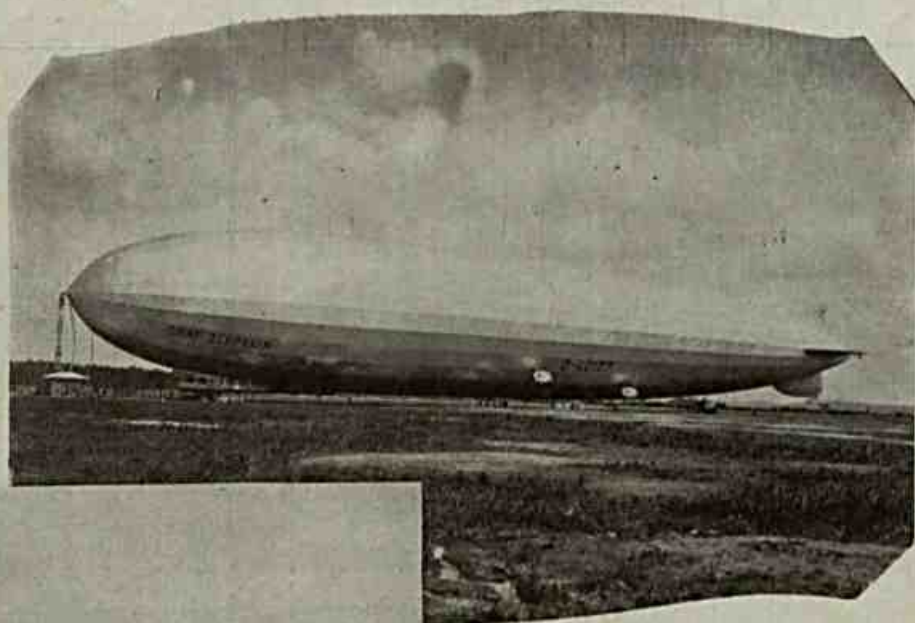
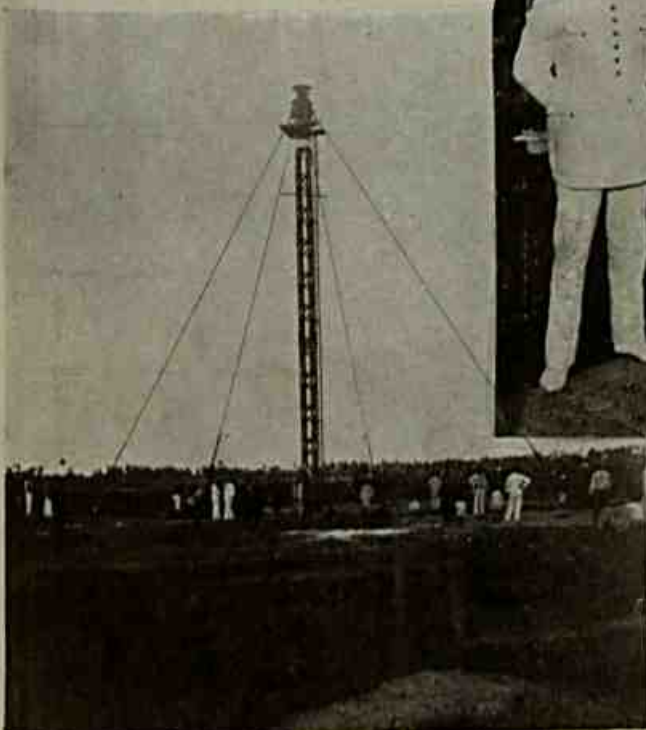
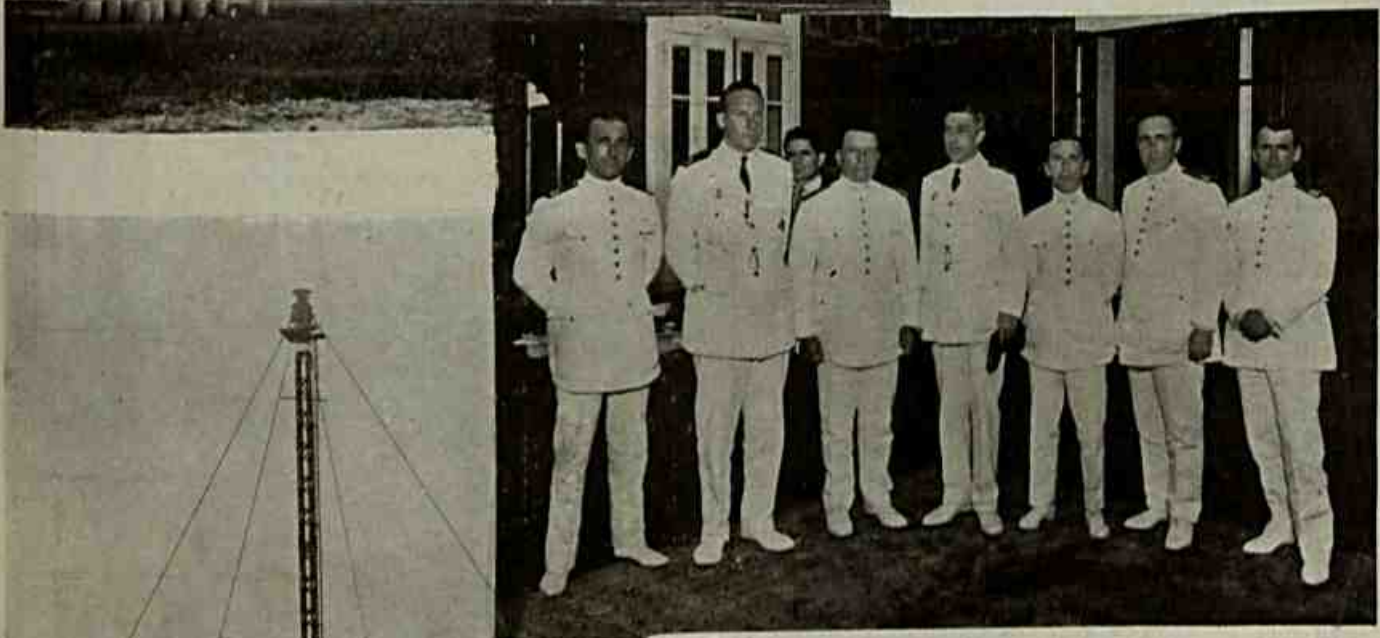
Quando a multidão ovacionava S. Ex., no Cáes do Porto, em companhia de monsenhor Mac Dowell, a bordo do "Jaceguay". Em baixo, S. Ex. descendo de bordo, com destino ao Cattete.

Em tres annos e meio de Itamaraty, o Sr. Octavio Mangabeira prestou ao Brasil, conforme consta do relatorio recentemente divulgado, uma serie de serviços realmente extraordinarios. Na reunião de Havana, na Junta de Jurisconsultos, na Conferencia Parlamentar e Internacional de Commercio, na Commissão de Washington, no caso-permanente da Liga das Nações, na questão da cobrança em ouro da nossa divida no estrangeiro, no problema das reparações, no conflicto paraguayo-boliviano, na pendencia de Tacna e Arica e em muitos outros assumptos que o espaço desta legenda não permitte enumerar, teve S. Ex. a opportunidade de elevar bem alto o prestigio da nossa diplomacia e de prestigiar o nome do nosso paiz.

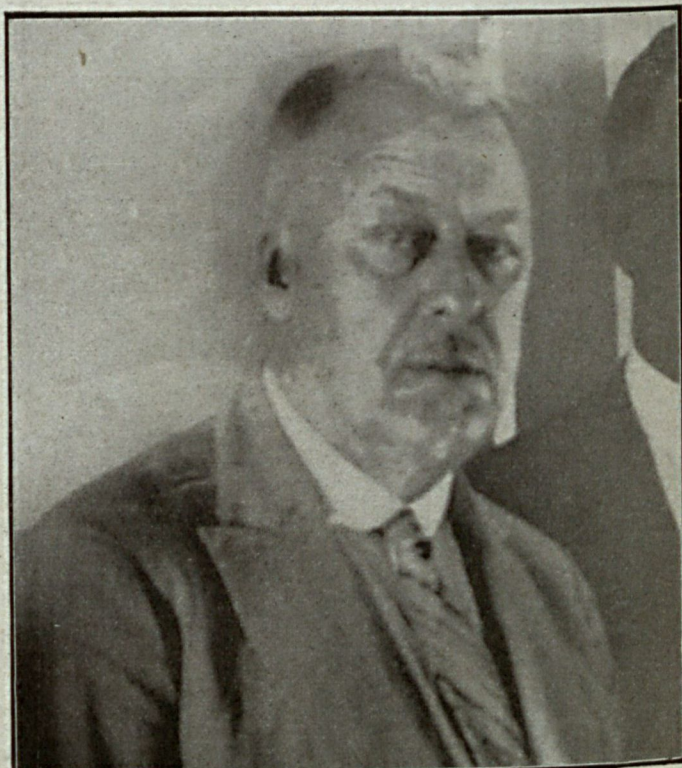
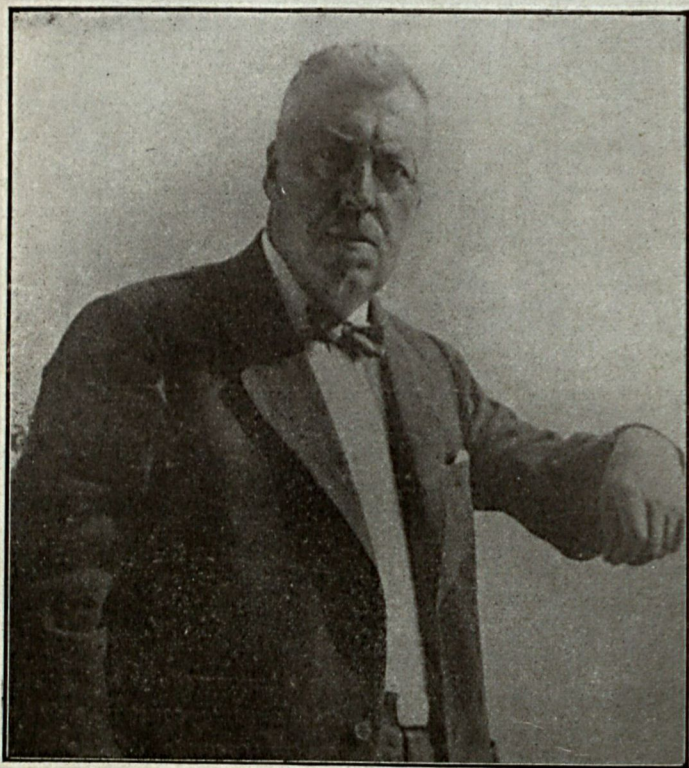
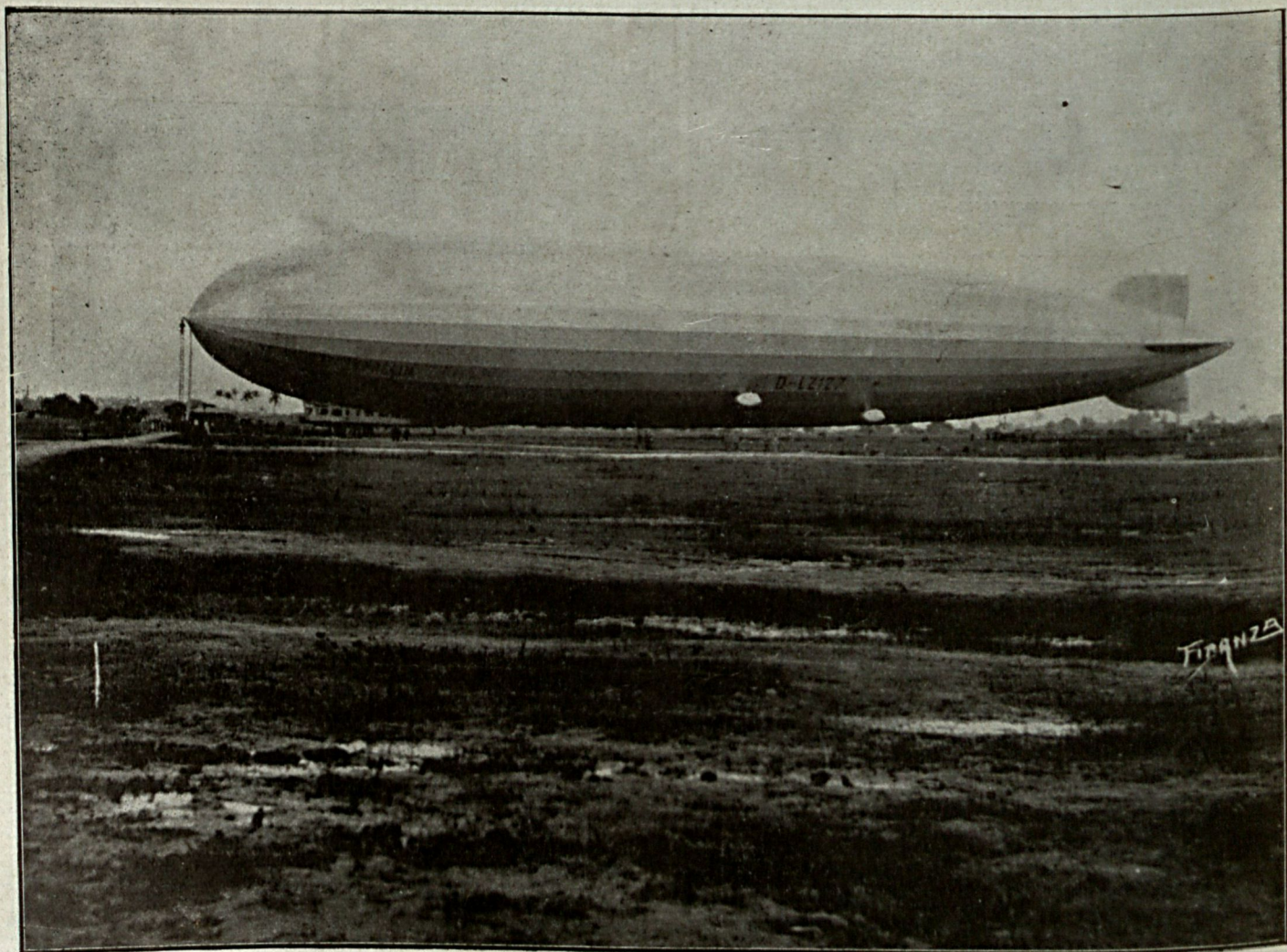
Além disso, o Sr. Octavio Mangabeira, seguindo, é claro, a orientação do presidente da Republica, o que, aliás, não diminue os applausos a que faz jús o eminente politico bahiano, creou o serviço de informações e propaganda; reformou o palacio da Rua Larga, collocando-o á altura das suas necessidades; reconstituiu o archivo, onde se perdiam documentos do maior valor; reorganizou a bibliotheca e construiu para esta um edificio com uma installação moderna. Onde, porém, o Ministerio do Exterior teve iniciativas que deram á diplomacia brasileira um realce continental foi na parte relativa ás nossas fronteiras. "O governo actual liquidou todas as nossas questões de limites." Attentem bem nestas palavras. Liquidou-as, todas.

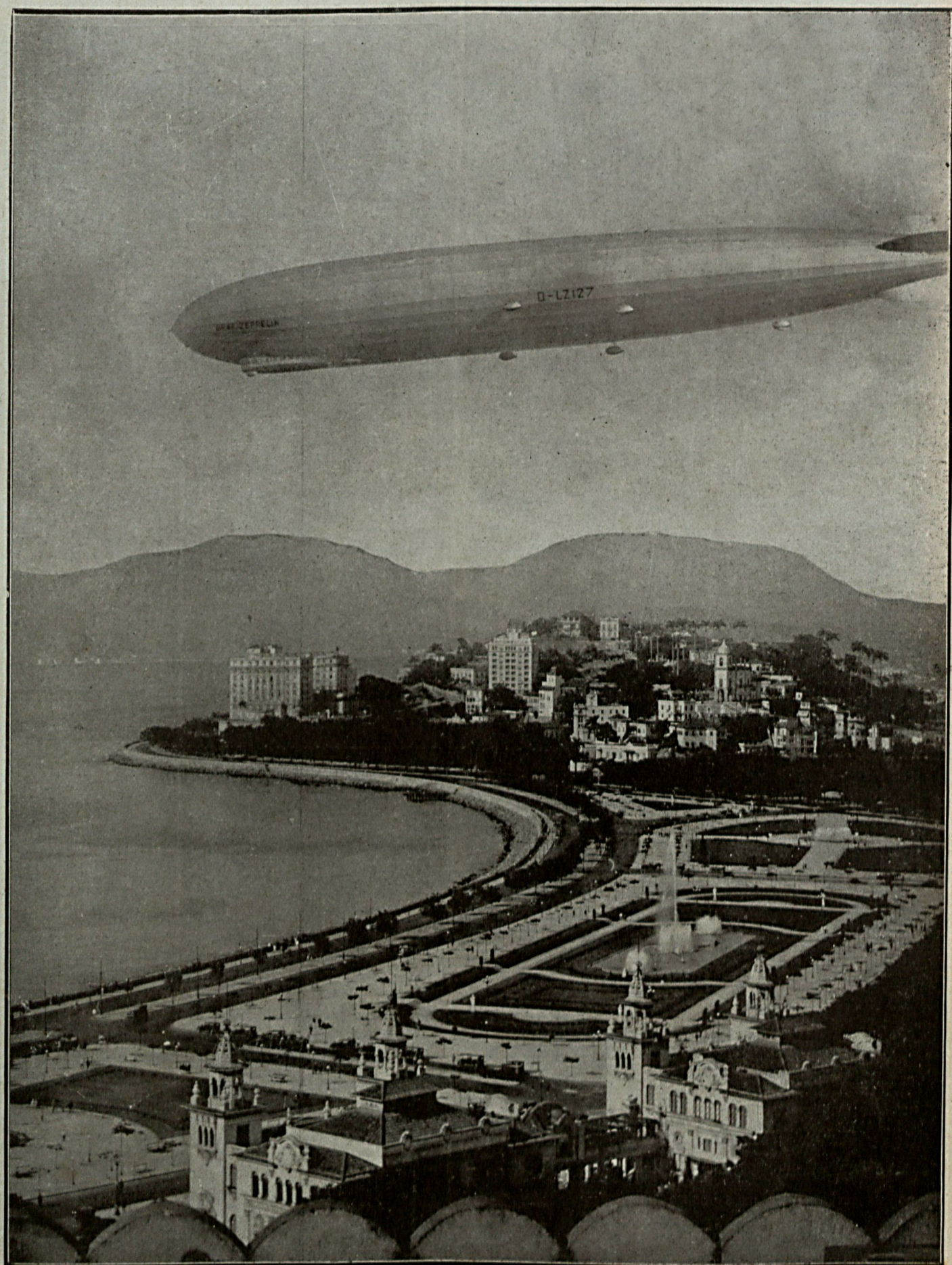
Com effeito, tinhamos, em nossas fronteiras, largos trechos que não estavam fixados e cuja posse era objecto de discussão. O actual governo fixou-os definitivamente, celebrando com a Argentina, com o Uruguay, com o Paraguay, com a Bolivia e com a Venezuela, após demoradas e arduas negociações, os tratados já do conhecimento de todos e que conquistaram para nós a certeza duma paz duradoura. A demarcação de toda a fronteira com o Perú, com o Uruguay, com a Venezuela, com as Guyanas; as combinações para a demarcação das fronteiras com o Paraguay, a Bolivia e a Colombia; a reconstrucção dos marcos em toda a linha secca da fronteira com a Argentina, e a construcção da ponte sobre o Jaguarão, representam, igualmente, um esforço herculeo feito apenas com uma preoccupação: a de cimentar cada vez mais os laços de amizade com os nossos vizinhos.

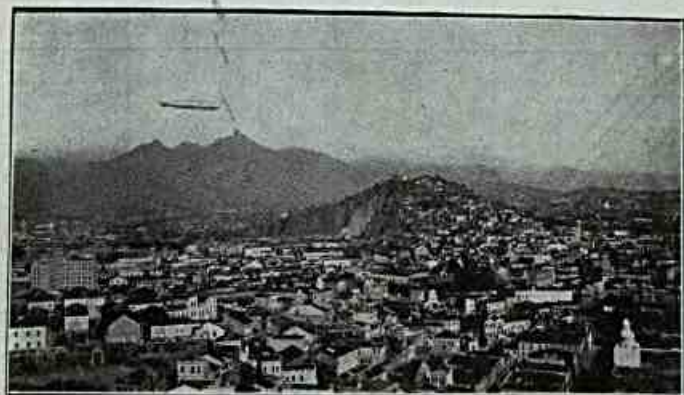
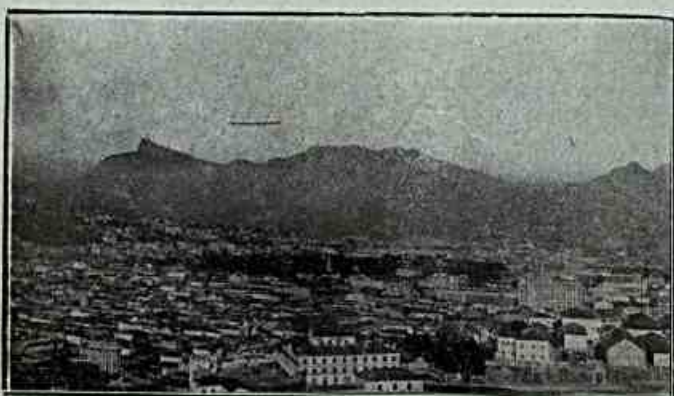
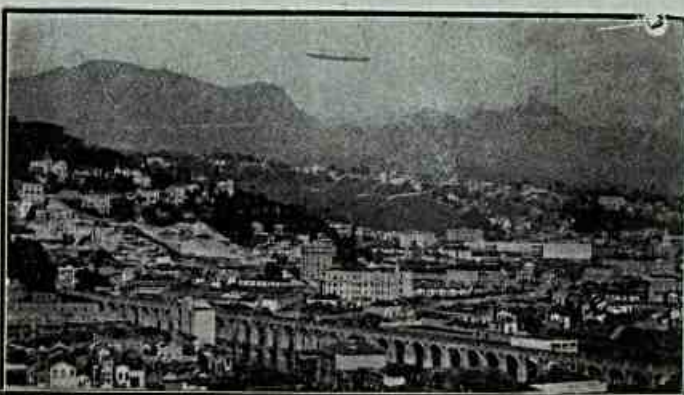
Póde, pois, o Sr. Octavio Mangabeira, como agente executor do programma administrativo do governo Washington Luis, ficar orgulhoso da sua actividade no Ministerio do Exterior. S. Ex. não mostrou ser apenas um espirito sagaz, habil, prudente e discreto: deu sobejas provas de que é, acima de tudo, um homem fóra do commum.

(Desenho de Figueirôa)

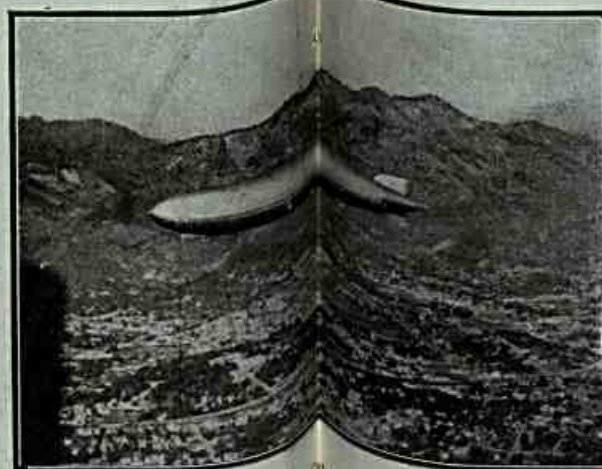
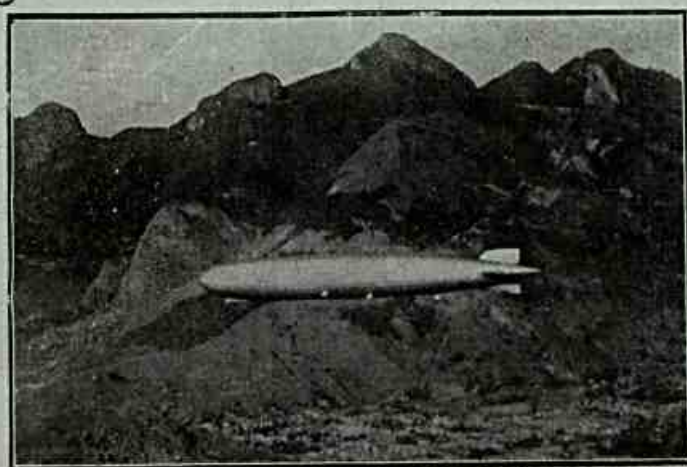
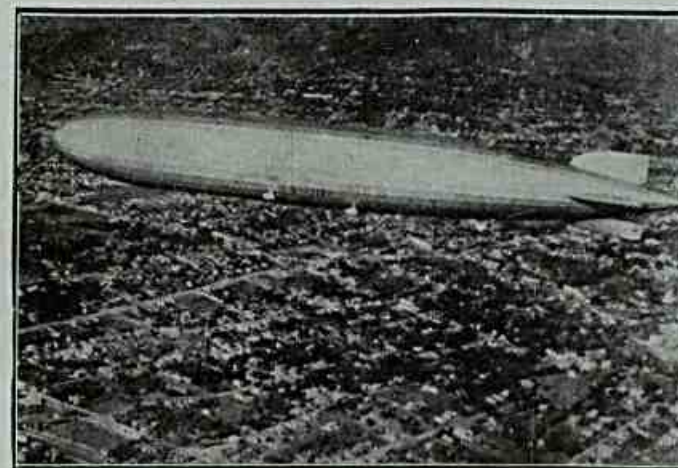
O "GRAF ZEPPELIN" EM PERNAMBUCO, ANTES DE VIR AO RIO DE JANEIRO

Aspectos do dirigivel amarrado á torre de atracação, especialmente construida, em Pernambuco, por occasião da sua primeira estadia naquella cidade. Em baixo, á esquerda, o referido mastro, antes da chegada da aeronave gigantesca.

Em Recife — Grupo tomado naquella cidade, vendo-se D. Affonso de Bourbon e Orleans, infante de Hespanha, por occasião da visita feita ao Commando Geral da Força Publica do Estado. S. A. R. é o segundo a contar da esquerda.

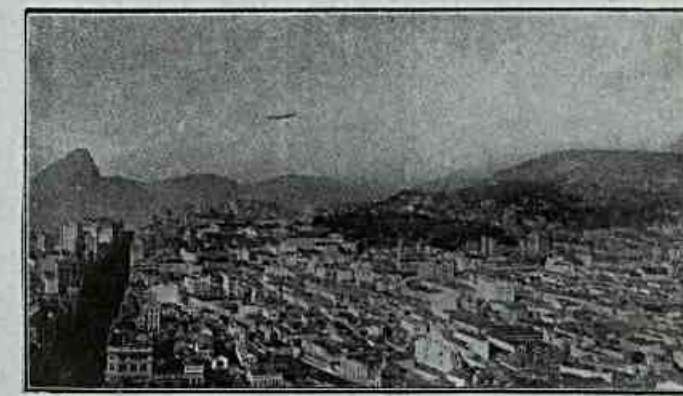
A VIAGEM DO "ZEPPELIN"

Dois expressivos retratos do Sr. Hugo Eckener, o primeiro feito antes de partir para o Brasil e o segundo feito em Pernambuco.

O "Graf Zeppelin" no Aerodromo de Jequiá — em Pernambuco

O "CONDE ZEPPELIN" NO RIO DE JANEIRO

A gigantesca aeronave em evoluções sobre a Avenida Beira-Mar, no domingo ultimo

AS MARAVILHOSAS EVOLUÇÕES DO "CONDE ZEPPELIN" SOBRE A ENCANTADORA TERRA CARIOCA; NA MANHÃ DE 25 DE MAIO

Voando sobre o morro da Providencia.

Sobre Santa Thereza

Passando sobre o Andarahy Grande.

O "Graf Zeppelin" em magnifica evolução sobre o pittoresco bairro do Andarahy, antes de partir para o Norte.

Sobre os Arcos e bairro da Lapa.

O pittoresco bairro de [illegible] sendo cortado pela gigantesca aero[illegible] manhã de domingo.

Sobre a parte central da cidade e morro de Santo Antonio.

Sobre a Guanabara

Aterrissagem no Campo dos Affonsos.

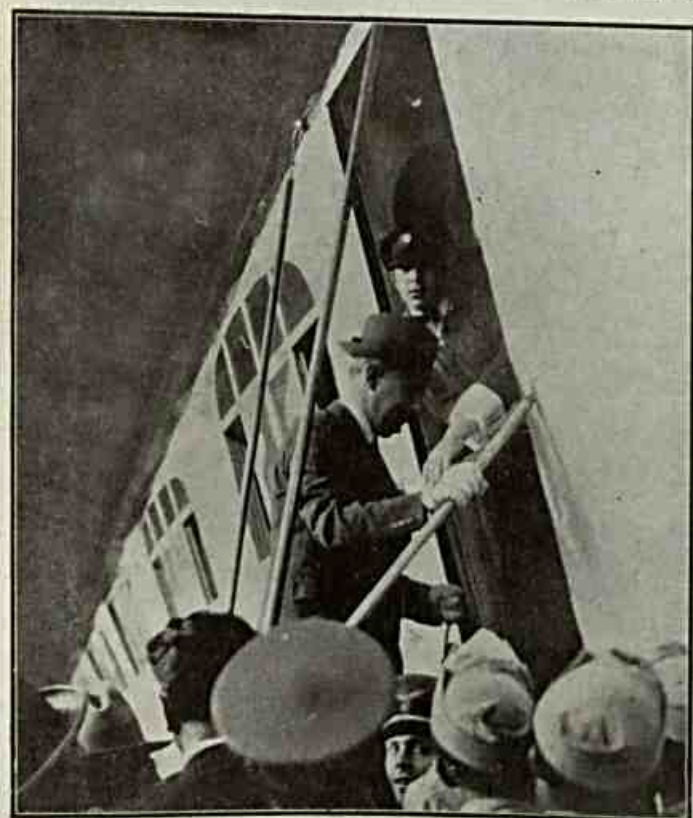
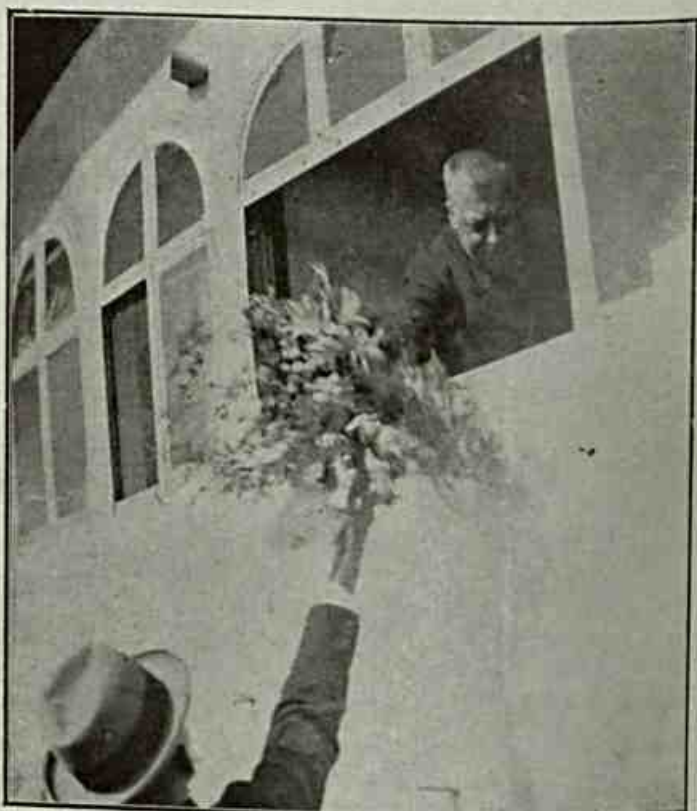
Voando sobre o bairro da Tijuca.

Viajar no "Graf Zepellin" é, respeitando o passado, antecipar o futuro. A grandeza da realidade faz, então, pensar em sonho. Mas é pura realidade. A melhor technica do tempo a serviço da mais nobre das creações humanas: uma approximação intensissima dos povos do planeta. (*Palavras do Dr. Licinio Cardoso*).

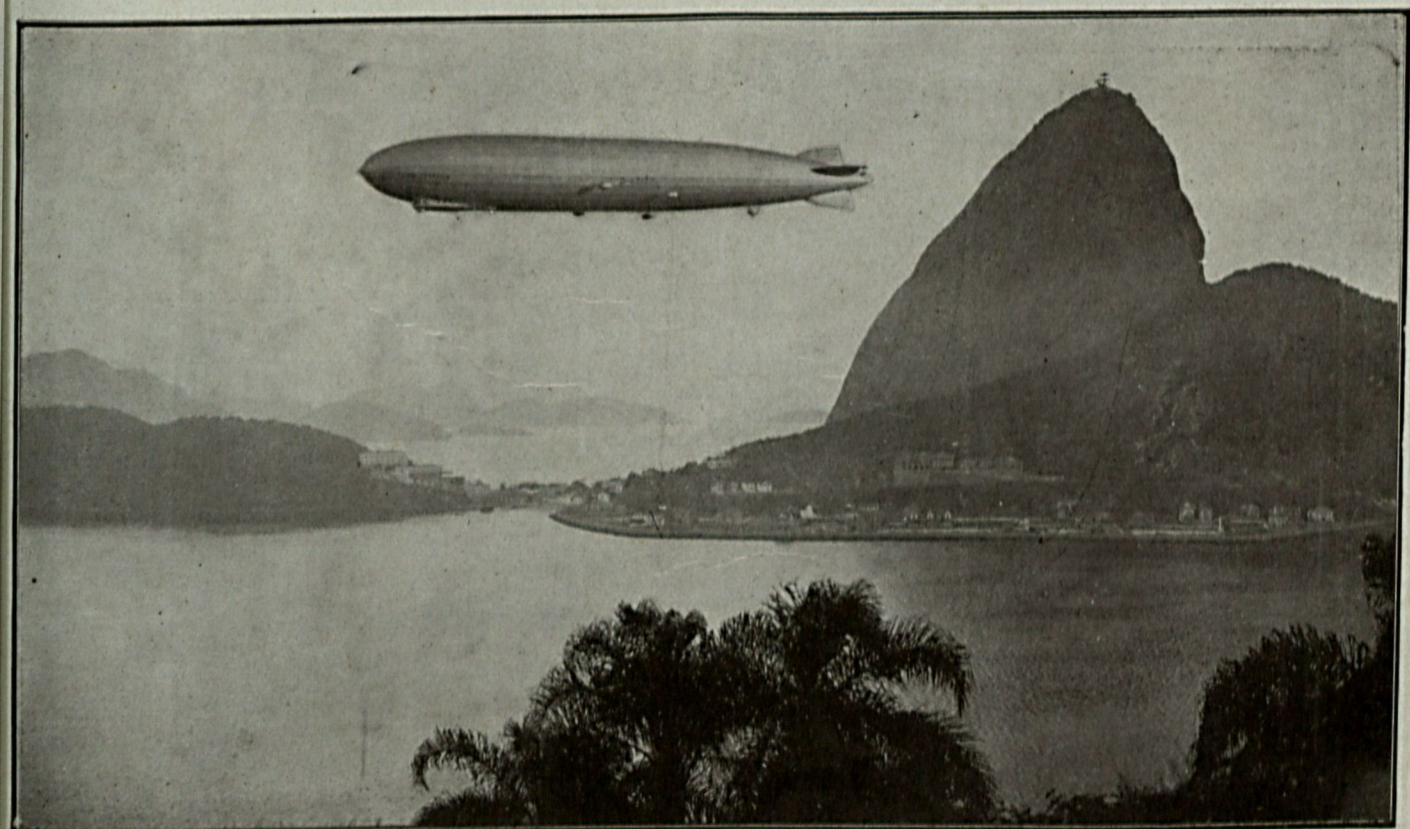
A cidade viu, enthusiasmada, a passagem do colosso que evoluiu sobre as nossas cabeças com a tranquillidade impressionante das realizações seguras.

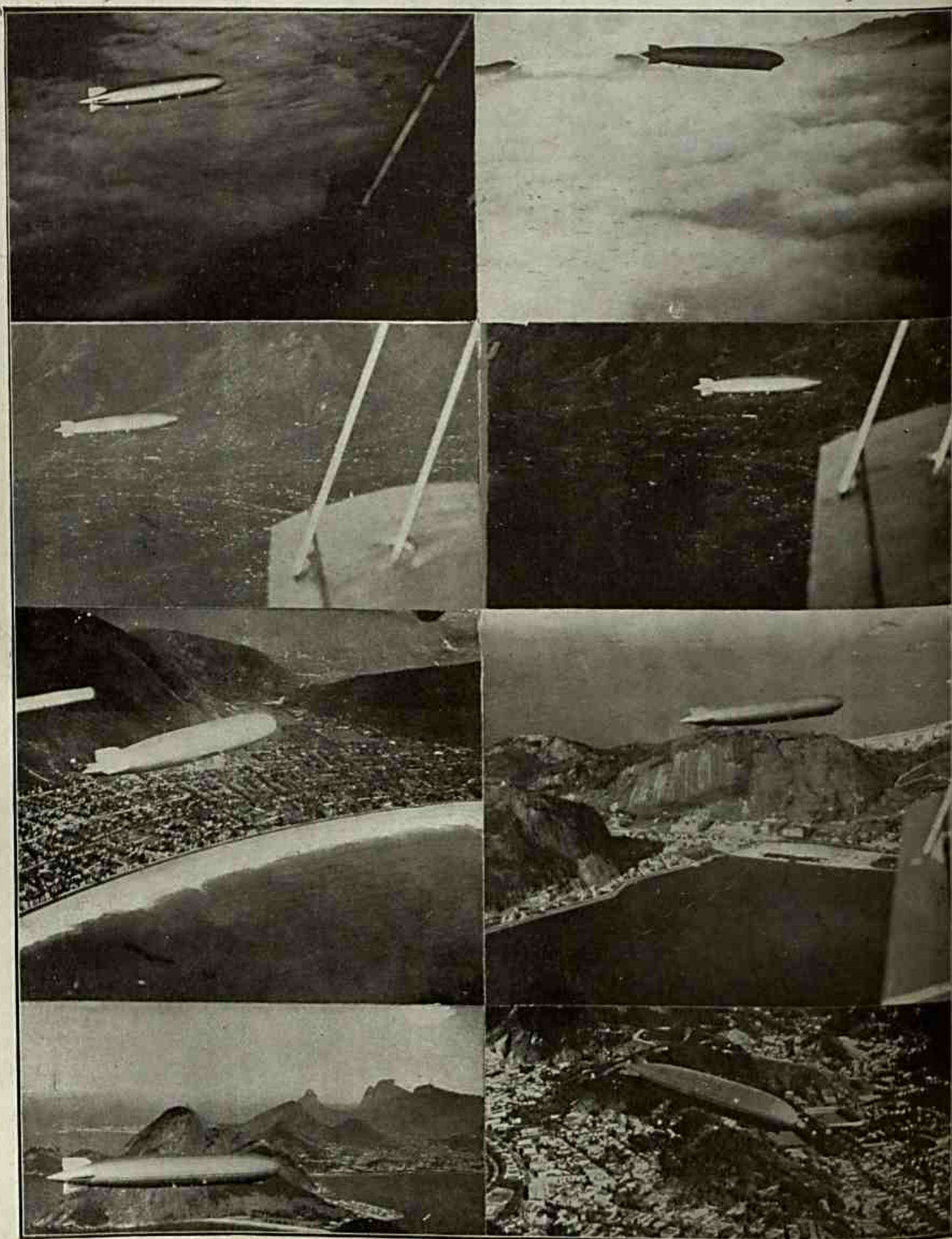
A trajectoria do gigantesco navio aereo, foi, em realidade, o maior acontecimento destes ultimos tempos de progresso e grandeza.

QUANDO O "ZEPPELIN" ATERROU

A aeronave rodeada pela multidão, no Campo dos Affonsos

O Sr. Prefeito subindo para bordo do "Conde Zeppelin".

O commandante Hugo Eckener recebendo um punhado de flores.

O "ZEPPELIN" SOBRE A CIDADE

Aspecto das evoluções sobre a cidade

Perspectiva maravilhosa tomada quando o "Zeppelin" evoluia sobre a bahia de Guanabara

ALGUNS ASPECTOS DAS EVOLUÇÕES

Flagrantes tomados na manhã de 25 de Maio, quando o "Zeppelin" entrou magestosamente na cidade

VARIOS ASSUMPTOS

Depois do almoço offerecido, por um grupo de jornalistas no "Pão de Assucar", ao Dr. Alfredo Neves, em virtude da terminação do seu mandato, como presidente da Associação Brasileira de Imprensa. Ao centro vê-se Dr. Mello Vianna.

Na Praça 15, junto ao monumento de Osorio, no dia 24 de Maio

Almoço de cordialidade do "Jornal do Commercio", realizado no Club dos Bandeirantes, vendo-se além do Dr. Feliz Pacheco e Oscar Costa, o Dr. Carlos Spinola, convidado, e os redactores do velho orgão Srs. Dr. Heitor Beltrão, Motta Maia, Joaquim Eulalio, Director da Expansão Economica do Ministerio do Exterior.

MAIO 18 DOMINGO

DIA A DIA

MAIO 24 SABBADO

O EXEMPLO EUROPEU

As *démarches* no sentido da formação de uma federação das potencias européas, devem servir de lembrete ás nossas unidades, aos Estados que formam a União brasileira. Sabe-se que é o fim economico, unicamente que visa o projecto Briand para vitalizar as velhas nações da Europa. Os paizes do velho continente, derrubando as fronteiras economicas que os dividem e que têm sido causa de todas as suas ultimas guerras, ficarão armados para combater a concorrencia commercial do resto do mundo, impondo-lhes os preços de suas manufacturas ao mesmo tempo que da materia prima de que careçam. Isto entre paizes separados por tradições e raças diversas. No Brasil, entretanto, outra é a politica economica adoptada pelos Estados, que se excedem na creação de taxas de importação e exportação, entre unidades de uma mesma União, em ansia de novas arrecadações que são, comprovadamente, gastas em 50 % e em mais, em obras indefensaveis e de ostentação.

Mr. Briand

O CENTENARIO DE BOLIVAR

A Venezuela pretende festejar este anno, de um modo excepcionalmente expressivo, o centenario da morte do grande libertador americano Simon Bolivar. Já nesse proposito enviou ha pouco o presidente daquella Republica, Dr. Juan Bantista Perez, uma mensagem ao Congresso, recommendando a iniciativa do commandante em chefe do Exercito, general Juan Vicente Gomez, que suggeriu a inclusão no orçamento do exercicio corrente dos creditos necessarios á completa liquidação em 1930 de todas as dividas externas da Venezuela. A ser effectivada tal homenagem, terá o povo venezuelano prestado á memoria de Bolivar a homenagem mais consentanea com a sua vida de estadista, que nem só da independencia politica dos povos da America cogitou, e tambem de sua independencia economica.

Simon Bolivar.

LÉA BACH

Os concertos Viggiani promettem para breve, á platéa do Lyrico, a apresentação de mais uma artista notavel. E' á Sra. Léa Bach, arpista de grande emoção, e já familiarizada com o publico carioca. Léa Bach occupará a velha casa de espectaculos, templo das nossas mais illustres tradições artisticas, em seguida á temporada de Brailowsky, o artista genial do teclado e que tão justas admirações gosa não apenas no nosso meio, como nos mais altos centros musicaes de todo o mundo.

Léa Bach

AURORA BRUZON

Aurora Bruzon, a menina prodigio que tantos applausos enthusiastas recebeu entre nós, acaba de ter na Allemanha a sua consagração definitiva pelo accesso que teve á Beethovensaal de Berlim, onde só se fazem ouvir as maiores celebridades do mundo. A joven pianista brasileira recebeu de tão culto e naturalmente exigente auditorio a palma de sua consagração de grande artista. E a casa Bechstein, em cujo piano tocou Aurora Bruzon, pediu a sua assignatura para o "Livro de Honra", onde figuram as grandes celebridades, e a sua photographia para ser colocada no palacio estylo egypcio que é a famosa casa Bechstein.

Aurora Bruzon.

ALFREDO PUJOL

A morte, que tantos claros impreenchiveis vem fazendo ultimamente nas nossas mais altas espheras mentaes, escolheu agora para sua victima a Alfredo Pujol. Escriptor de meritos notaveis, critico profundo e orador scintillante, Alfredo Pujol era uma das figuras maiores de nossas letras, avultando, sem duvida, entre os nomes mais justamente distinguidos com uma cadeira do "Petit Trianon". Foi tambem um jurista da mais solida cultura, sendo sem conta as brilhantes victorias alcançadas nas lides forenses. A sua morte cobre de luto, portanto, não apenas a Academia Brasileira de Letras, mas a todos os circulos mentaes do paiz.

Alfredo Pujol

III FEIRA DE AMOSTRAS

Avizinha-se a abertura da Feira de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro, instituida pelo prefeito Antonio Prado Junior. Será o deste anno o terceiro certamen deste genero, e já em caracter internacional, o que comprova o exito completo dos anteriores. Iniciado em 1928, como Feira de Amostras do Districto Federal, passou no anno immediato 1929, a designar-se do Rio de Janeiro, para que assim condissesse com o seu caracter nacional. A III Feira, a realizar-se em Julho proximo, terá já uma significação mais ampla, expondo mostruarios internacionaes. Os preparativos para o proximo certamen vão adeantadissimos, e a sua commissão executiva, na rua da Alfandega 26, 2º andar, continúa a prestar aos futuros expositores todas as informações que se fizerem necessarias.

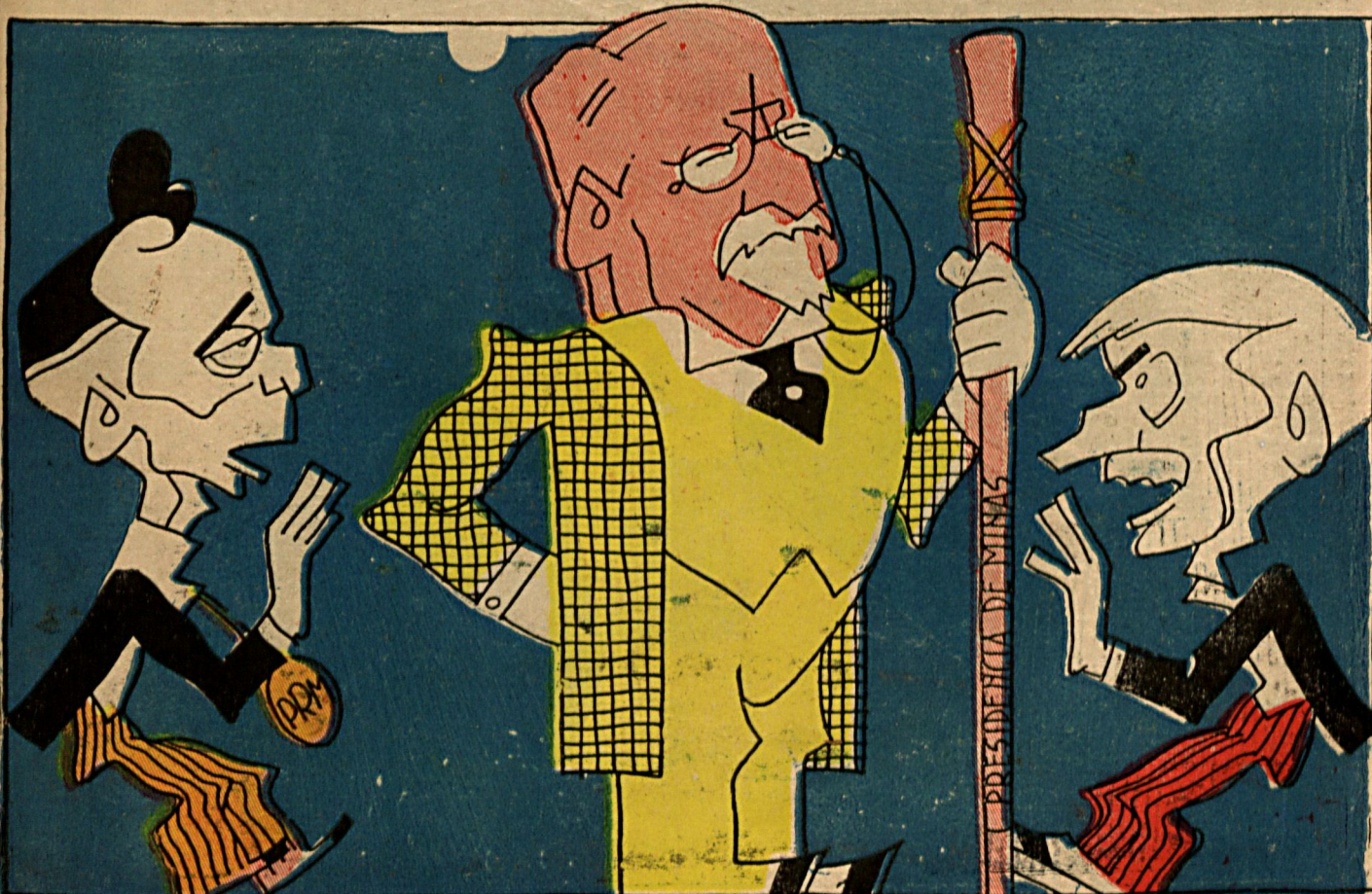
Dr. Prado Junior.

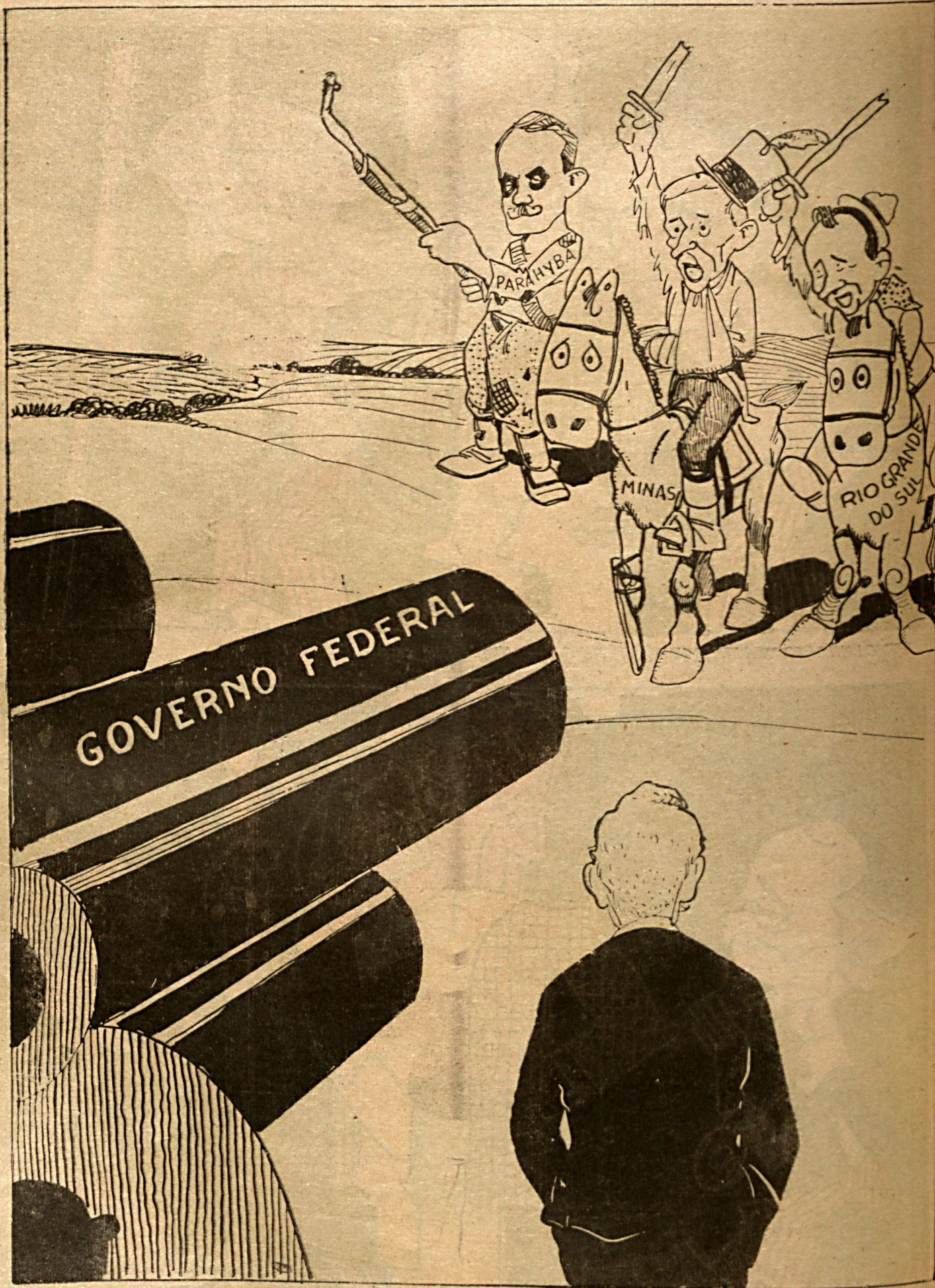
GUIOMAR NOVAES

A insigne pianista patricia Guiomar Novaes vae fazer uma *tournée* aos paizes do Prata. O exito que em Buenos Aires e Montevidéo obterá a artista brasileira, com ser mais um elemento de propaganda da nossa cultura no estrangeiro, tambem virá estreitar por laços de uma maior cordialidade os povos dos tres paizes amigos. E justamente esta é a consequencia que desde já se póde prever dos recitaes de Guiomar Novaes no Sul, onde platéas das mais cultas ha muito esperam esta opportunidade de travar conhecimento com a notavel pianista que tão significativos successos tem obtido em outros paizes estrangeiros.

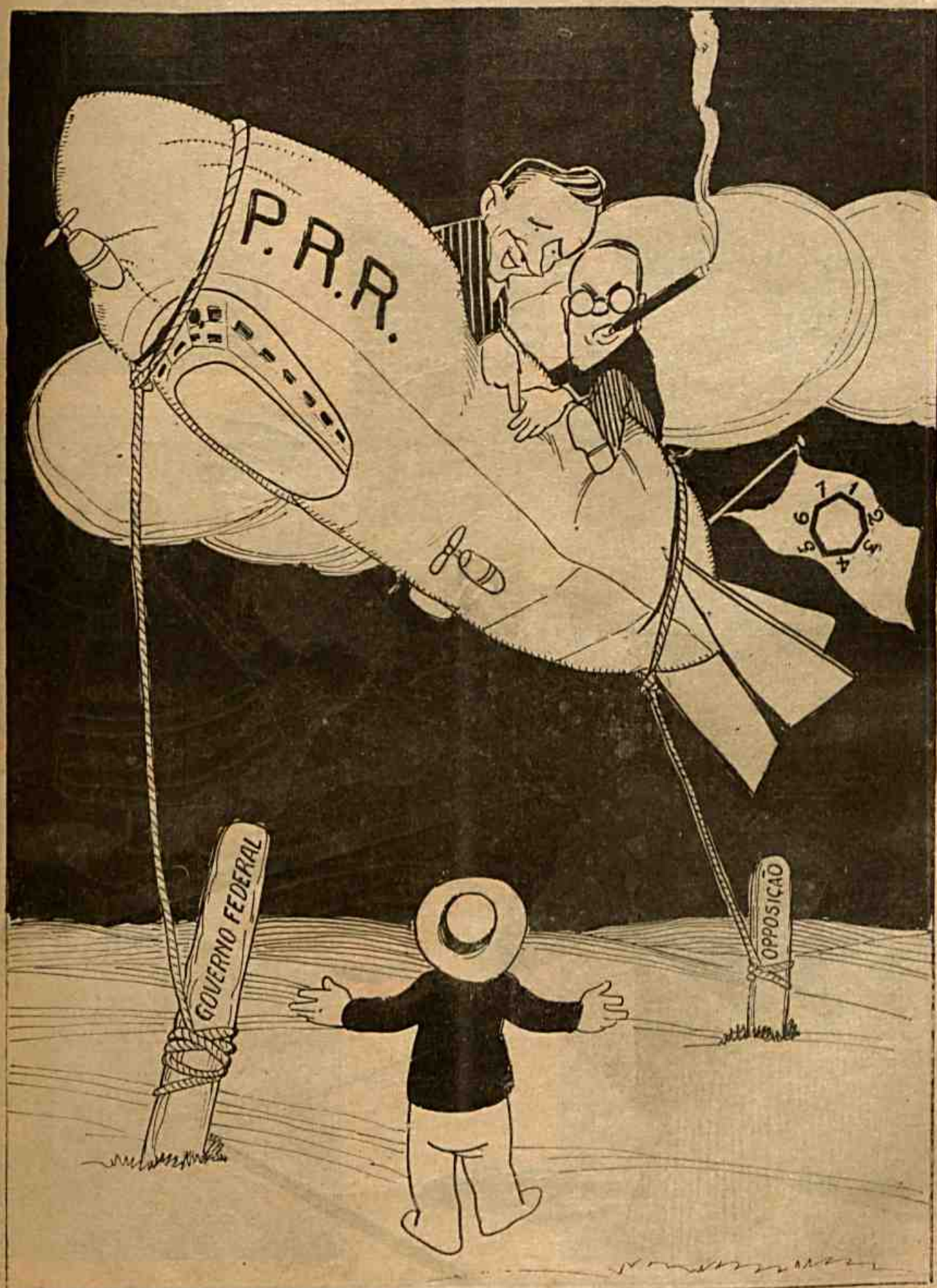
Guiomar Novaes.

O PAPA SIXTO DE MINAS

OLEGARIO MACIEL (antes de eleito): — Não sei se chegarei até lá!

OLEGARIO MACIEL (depois de eleito): — Agora, vejam se estou lá na esquina.

A GUERRA DOS "FARRAPOS"...

ANTONIO CARLOS: — Vamos, companheiros! Prosigamos a luta!
WASHINGTON LUIS: — Não façam isso: os senhores estão abusando da... minha fraqueza...

O MALHO

QUEM MUITO QUER...

O POPULAR: — Afinal, a quantas andamos? Assim a duas amarras esse balão acaba levando a bréca.

P R E C A U Ç Ã O

(O Sr Mello Franco está na Europa negociando um emprestimo para o Estado de Minas.)

JONH BULL: — Aperta o passo, madama, que ali na esquina está um "mordedor"...

VARIOS ASSUMPTOS

A' esquerda: o applaudido tenor patricio Reis e Silva, que vem de gravar com a soprano Carmen Gomes, o primeiro disco de opera da "Victor Nacional", ao qual se fez referencias na sessão de "Musicas e Discos", em o nosso numero passado.

A' direita a festejada soprano Sra. Carmen Gomes, que cantou com o tenor Reis e Silva o dueto do 1º acto do "Guarany", gravado em disco pela "Victor Nacional".

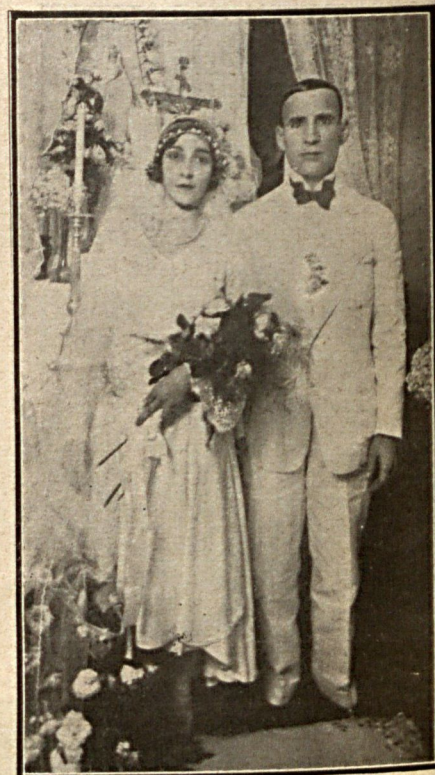
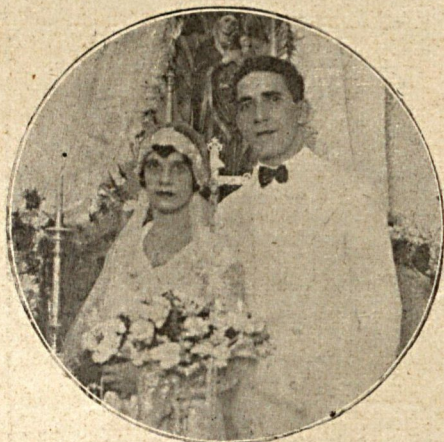
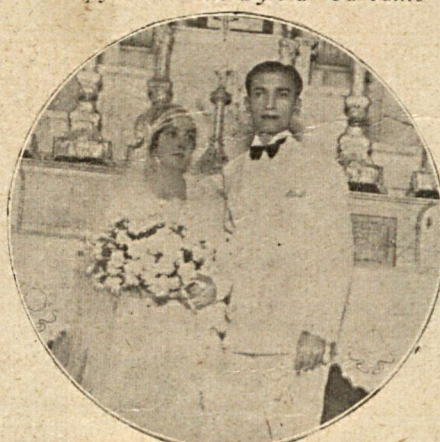
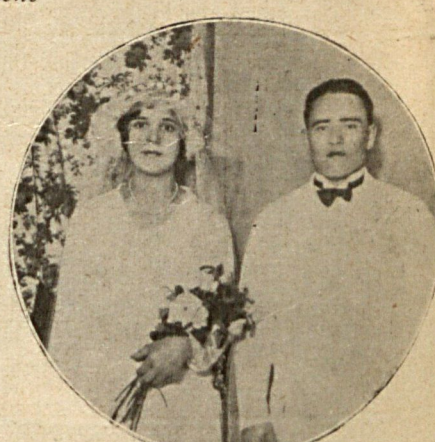
Na Escola de Bellas Artes, quando os novos architectos recebiam os respectivos diplomas, na presença do Ministro da Justiça.

As gravuras da esquerda e direita mostram aspectos do altar do Estado do Paraná dedicado á Nossa Senhora da Luz. Foi uma cerimonia cheia de encanto para os fieis presentes, no templo do Engenho Velho, que viram entre os seus assistentes os mais prestigiosos membros do clero e da alta administração nacional.

CASAMENTOS

José Fernandes-Georgina Magalhães

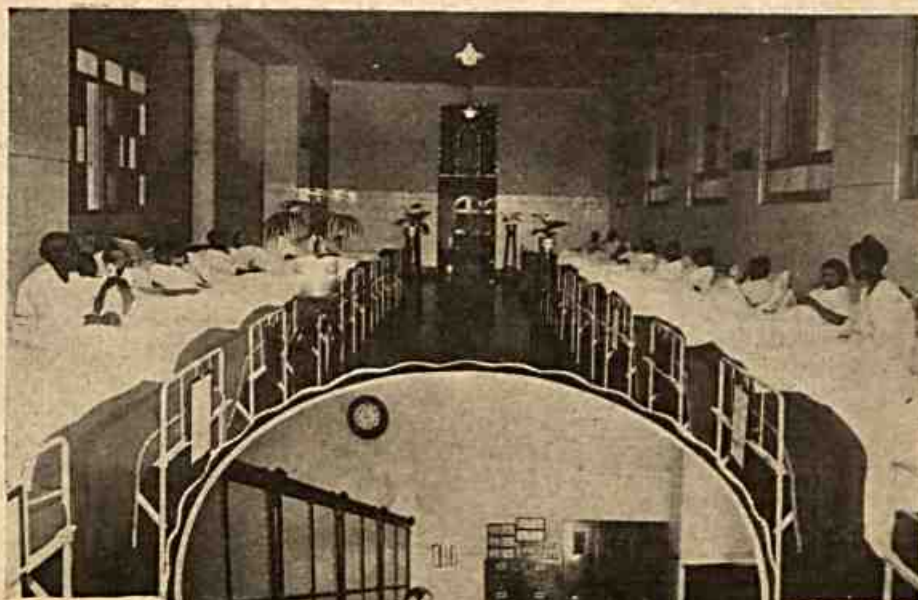
A' esquerda: Antonio dos Santos-Rosalina Amaral.

A' direita: Jorge C. Curio-Helena Mahfuz.

Arthur Guapyassú Filho-Sylvia Carvalho Leite

José Fernandes-Georgina Magalhães.

Domingos José de Lima-Maria Annunciação C. da Silva.

João Alves-Laura da Conceição.

Vista da cidade de Fóz do Ignassú

Descalvado (São Paulo) — Frente do predio onde se acha installado o "Salão Americano", séde da agencia das revistas da S. A. "O Malho".

O serviço do professor Arminio Fraga na Santa Casa

O professor Arminio Fraga, chefe da 26ª enfermaria da Santa Casa de Misericordia e livre docente da Faculdade de Medicina desta capital, reuniu nas salas daquelle serviço hospitalar as mais altas autoridades e summidades medicas, para a inauguração dos novos melhoramentos ali ultimamente introduzidos. Os illustres visitantes, percorrendo as dependencias diversas inauguradas, expressaram francamente a sua bôa impressão a respeito dos novos melhoramentos, que se destacam, por serem os primeiros no seu genero, no nosso paiz. O professor Arminio Fraga foi vivamente cumprimentado pelos seus illustres collegas, entre os quaes se achavam o professor Clementino Fraga, director do Departameto Nacional da Saude Publica o director da Faculdade de Medicina, professor Abreu Fialho; o professor Aloysio de Castro, director do Departamento do Ensino; o professor Augusto Costallat, director da Assistencia Municipal e outros.

Vista geral de uma das enfermarias.

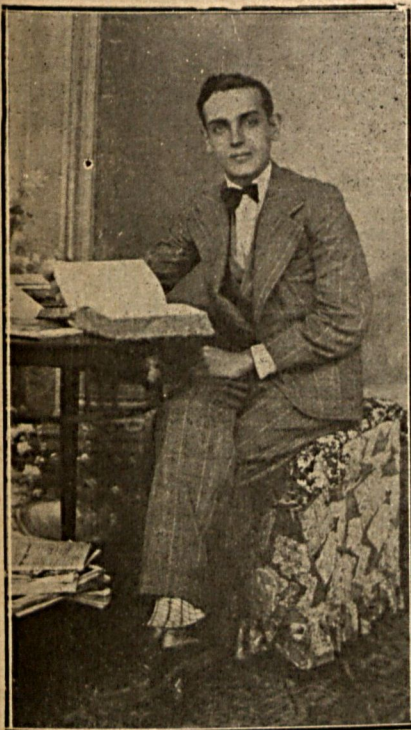
Archivo e gabinete do director.

Sala de exames e de curativos

Radiotherapia superficial

Gabinete de electro-coagulação, correntes galvanica e paradica, electro-diagnostico alta frequencia, diathermia, caustico, massagens vibratorias, e neve carbonica.

Laboratorio

Gabinete de Raios ultra-violeta e infra-vermelhos

O joven poeta Antonio Pellegrini, nosso collaborador em Sorocaba.

O Sr. José de Paula e Silva, gerente do jornal "O Municipio", em Guará.

Lyrio

(De "As Flores" — poemetos)

Quanta ternura sinto ao fitar-te,
Entre outras flores viçando, ó lyrio,
Que resplandeces em toda parte,
Aos céos erguido qual vivo cirio.

De graça cheio e de formosura,
Imagem grata do amor, da paz,
O casto esposo da Virgem-Pura
Um lyrio á dextra suspenso traz.

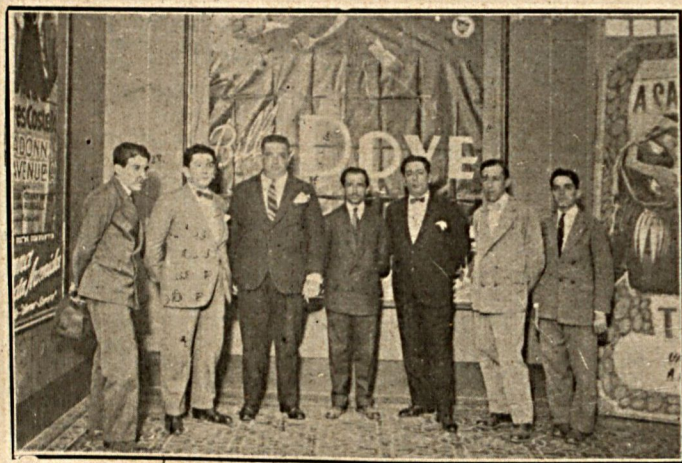
E alguem querendo synthetizar
A sant'dade da Stella-Maris,
A ti, em summa, a quiz comparar,
No arroubo mystico dos cantares.

Assim tu vives e em ti resumes
Tudo o que é santo e é celestial,
Flor aureolada de magos lumes,
Flor entre todas angelical!

ARAUJO SOBRINHO

FESTIVAL "CINEARTE"; EM CAMPINAS

Aspecto do Theatro S. Carlos por occasião do festival "Cinearte"

O Theatro S. Carlos, da grande cidade paulista de Campinas, realizou um festival no dia 11 do corrente, em homenagem á elegante revista cinematographica *Cinearte*, que obteve o mais franco successo. Durante o festival foram distribuidos á numerosa assistencia 1.300 exemplares da luxuosa revista carioca, que tem um leitor em cada apreciador da arte muda. Os directores do Theatro S. Carlos, que é uma casa de diversões de primeiira ordem, como mostram os aspectos photographicos desta pagina, foram incansaveis, como de habito, em gentilezas com a distincta assistencia.

Grupo feito por occasião do festival "Cinearte", no saguão do Theatro S. Carlos, da Empresa Theatral Paulista, vendo-se ao centro o Sr. A. Silva Guimarães, representante de "Cinearte" nesta cidade, ladeado pelos Srs. Vicente Minieri, Theodorico Stuart, Felippe Minieri, Sergio Barros, Virgilio Martins e José de Oliveira, directores e auxiliares desta excellente casa de diversões. — A numerosa assistencia lendo com interesse a revista "leader" do Cinema.

A PROTECÇÃO REPUBLICANA AOS INDIOS BRASILEIROS

(FIM)

nanas". A Republica encontrou s indios desassistidos, desconhe- idos, quando não perseguidos.

A Commissão de Linhas Tele- raphicas e Estrategicas de Matto- Grosso ao Amazonas, sob a chefia o General Rondon, constituiu a rimeira protecção republicana aos ndios brasileiros. Sobre ella, es- reve o tenente-coronel Alencarlien- e Fernandes da Costa, quando era hefe do Districto Telegraphico e judante da mesma Commissão, em 920:

"A assistencia republicana aos lvicolas que vagueiam na grande egião atravessada pelas linhas des- e Districto, constitue a parte mais ubli- ne desta Commissão.

Se não fôra essa assistencia, de ncommensuravel alcance civico e umano, a Commissão não teria, omo tem, esse brilho que todos lhe dmiram; não seria merecedora dos pplausos e da gratidão integral as almas bem organizadas, dos pa- riotas inspirados nos ensinos do osso Patriarcha, o velho e sabio Jo- é Bonifacio.

Quaesquer que sejam as accusa- ões malévolas, os ataques injustos, itos a esta Commissão pela ingra- dão contemporanea, ninguem lhe oderá contestar o seu immortal pa- rão de gloria: a protecção espon- nea e systematica, a dedicação em par a esses malsinados brasilei- os, acuados em plena floresta vir- em pela civilização occidental. Foi a attitude da Commissão que espertou nos homens de governo a iação official do Serviço de Pro- cção aos Indios".

E, mais adiante: "Nós, os pro- cção, por nós exercida, seja, sem- e, *republicana*, nunca descambe pa- a chamada *catechese*, exerci la por utrinadores".

E, mais adiante: "Nós, os pro- ctores espontaneos e systematicos, vemos, no presente, nos limitar á *otecção Republicana* aos nossos origenes, sem nunca tentar modi- car-lhes as opiniões pelas doutri- s que nos guiam".

A 20 de Junho de 1910, sendo esidente da Republica Nilo Peça- a e Ministro da Agricultura o Sr. Rodolpho Miranda, cria-se o Serviço Official de Protecção aos Indios, "baseado, fundamentalmente, nas instrucções de José Bonifacio, que preconizava uma politica verdadeiramente republicana, pois desistiu, desde logo, da idéa de catechese e civilização, para restringir-se a uma simples assistencia protectora, sem nenhuma interferencia nas opiniões e nas crenças dos indios, deixando, por este lado, o campo inteiramente aberto á livre iniciativa de quaquer religião — conforme o preceito victorioso da liberdade espiritual. Cura o Regulamento, antes de tudo, de assegurar aos indios a posse tranquilla das terras em que vivem — alicerce essencial do edificio que projecta — contando para isso com as boas disposições dos governos locaes. Crea povoações indigenas, que nada tendo dos antigos aldeiamentos ou colonizações, são ao mesmo tempo pontos de livre aggremiação, e escolas tambem livremente facultadas aos indios que as quizerem. Ha nessas povoações ensino das artes rudimentares, officinas de ferreiro, de carpinteiro, alfaiate — tudo sem nenhuma obrigatoriedade, mas apenas como recursos offerecidos á capacidade do indigena".

Discursando na inauguração do Serviço, a 7 de Setembro de 1910, disse o general Rondon: "Que esta verdade resalte para os nossos concidadãos: o Regulamento do Serviço de Protecção aos Indios tem as suas mais solidas raizes nas duas memorias do velho Patriarcha, cujos ideaes foram ahi respeitosamente conservados".

Hoje o tenente-coronel Alencarliense Fernandes da Costa, como Chefe do Serviço de Protecção aos Indios no Estado de Goyaz, realiza, na idade madura, um pensamento da juventude, o que caracteriza as grandes vidas, como disse Alfred de Vigny. A sua dedicação ao Serviço está recompensada pelas conquistas que tem alcançado na protecção ao elemento indigena. Uma prova disso é o *Posto Redempção Indigena*, fundado a 23 de Julho de 1928, e que é hoje a CIDADE CARAJA' como a denominou o general Rondon, amparando mais de duzentos indios, com 3 escolas, lavouras de milho, arroz, feijão e canna de assucar, pomares de laranja, limão, abacate, banana, manga, mamão, abacaxi, abobora, etc., officinas de carpintaria, pedreiro, funileiro e costuras. Os indios moram, todos, em casas proprias, na séde do Posto, confiantes na acção que o Serviço vem desenvolvendo em seu beneficio. Trabalham com satisfação, auxiliando os civilizados nos diversos serviços. Todos têm ferramentas para os seus trabalhos de lavouras, a que se entregam com muito gosto e proveito. As mulheres vão tomando gosto pelo asseio de suas casas. Algumas já lavam e consertam, espontaneamente, as roupas dos seus maridos e filhos. Todas auxiliam, de boa vontade, sempre que são solicitadas, os trabalhos domesticos do Posto e as plantações. As meninas vão adquirindo zêlo pela roupa, que lavam e consertam, sob a assistencia de uma senhora civilizada. Os meninos vão indo, tambem, em progresso. Depois das aulas que abrangem o periodo das 8 ás 10 horas da manhã, entregam-se, sem constrangimento, aos trabalhos de officina, limpeza do pateo da Séde e divertimentos proprios á sua idade, sempre alegres, amenizando a vida do Posto.

Tambem moram no Posto, que procuram espontaneamente, com toda a sua gente, os chefes indigenas *Terraluna*, da Aldeia da Montária, e *Uarrua*, da Aldeia do Dumbá.

Nóis casâmos...

Oia môço, si vancê,
tem mêmo bôa intenção,
hoje no intárdecê,
venha pidi minha mão.

Mais si o vêio recusá,
di vê esta fia casada,
é mió nois combiná
di fugi na madrugada.

A. Ortega.

S. Paulo.

Os Sete Dias da Politica

A nota brilhante da semana deu-a o Snr. Marcondes Filho, com o seu discurso encerrando os debates á margem do reconhecimento do Presidente eleito.

Foi uma oração que impressionou os proprios espiritos que a eiva partidaria tornara durante a campanha, de uma insensibilidade difficil de vencer! O illustre representante de S. Paulo já déra, de outras vezes á camara de que faz parte, provar sobejas do seu talento de parlamentar. Nunca, porém, a agilidade mental que o caracteriza se mostrou tão surprehendente, como neste improviso em que se ficou apenas sem saber o que mais se lhe devia admirar:

Si a precisão, si a espontaneidade e a força, reveladas nos argumentos com que respondeu á critica do adversario impertinente.

Alvejados por golpes a um tempo certeiros e penetrantes, dentro do campo de raciocinios geometricos, não ficou de pé uma só das arguições levantadas pela dialectica cavilosa dos contrarios, sem o revide fulminante! Através dessa palavra articulada com a elegancia de um mestre da tribuna politica, não se vio apenas a fulguração de uma intelligencia esplendendo em lampejos felizes e surtos de logica irretorquiveis, porque se demonstrou tambem a fraqueza da causa ingrata cuja defesa alguns velhos advogados do partido levaram, por caprichos menos nobres, alem dos limites que os seus deveres mesmo de partidarios lhes traçavam ..

A nação tem o direito de ser respeitada pelos seus homens publicos, e o que se lhe fez com essa obstinação dos elementos que juraram aos seus deuses, delles, resistir a todos os imperativos da sua vontade, expressos nos votos de uma maioria insophismavel, não passou, em ultima analyse, de uma offensa grosseira á sua cultura politica.

Aliás, foi melhor, até certo ponto que assim acontecesse. Por este episodio final da lucta, accendida no paiz pela ambição e o despeito de determinados cidadãos seus, poude o paiz melhormente sentir, não só a natureza dos motivos que os inspirou, desde o primeiro momento, como ainda os perigos a que se expunha, entregando-se a taes guias. A mais concludente dessas provas fez a seus olhos, satisfeitos, na hora justa, o formoso espirito a quem S. Paulo incumbio de fechar com chave de ouro os debates em torno do seu eminente candidato, hoje Presidente eleito da Republica, para gloria sua e felicidade do Brasil.

* * *

Esperava naturalmente toda a gente de bom senso que o reconhecimento dos poderes da Republica, no futuro quatriennio, felizmente verificado já, fosse o ponto desejado das agitações que elle nos fez soffrer. Fora illusão sua: a insania do Snr. Antonio Carlos pretende ao que parece prolongal-o... Não viram o seu annuncio de nova conferencia em Juiz de Fóra? Si ella se realiza, não sabemos, mas a verdade é que os jornaes do seu peito a noticiaram, com detalhes até. Segundo os mesmos, o "grande" Andrada convocou as suas hostes para animal-as a proseguir na lucta de qualquer modo. Não tem mais ella razão de ser, nem alcance pratico? Não importa. Motivos, ou antes pretextos não lhe hão de faltar. — Sua imaginação doente sentir-se-ia humilhada si as não creasse ao sabor dos proprios desvarios. Depois, o "caso" da Parahyba conflagrada representa para elle uma esperança digna de ser afagada com carinho... Emquanto o Snr. João Pessôa não entregar o governo a outro cidadão mais ponderado, o seu collega das montanhas mineiras sonhará com o triumpho da falta de senso liberal .. Dahi, a conveniencia de encoraja-lo com mais um protestozinho á distancia embora! Resta, não obs' nte, saber a disposição de animo dos soldados que o acompanharam até aqui. Pelos modos, na sua maioria, elles não se mostram mais com aquelle ardor bellico de que davam a mostrar nos primeiros tempos da jornada inglória. O desfech recontro dentro do Congresso não sendo muito propicio, deixou-os sen mente abatidos!

Muitos delles, chegaram mesmo dir misericordia para os deixarem car em paz... E' provavel, portanto o novo toque de rebate do command chefe, os encontrem em estado de não desejarem correr a receberem ordem fogo nos que os pouparam condoíd sua sorte assim entregue a um comm tão deshumano, quanto cauteloso...

* * *

As provações dos "valientes" da A ça desalinhada encontraram da part Concentração Conservadora, a respost mereciam. Por alguns dos seus elem a frente dos quaes se puzeram á f os Snrs. Dolor de Britto e Frederico pos, a nova corrente partidaria de fez saber eloquentemente aos mais veis liberaes que reagiriam ás suas a ções em qualquer terreno e com igual lencia.

Houve mesmo um momento em q Snr. Flores da Cunha quasi provou a ceridade dessa confissão, encontrando face um homem maior do que elle, o Snr. Frederico Campos... Deante os provocadores, ao que parece resolv não mais molestar, com os seus aj e indirectas os destemidos mineiros. insolencias, comtudo, não passaram a Apenas mudaram de rumo. Soffre-as ra, entre outros, a bancada parahy que precisa tambem não se deixar lir pelas feras... Sua reacção já se fazendo sentir necessaria. Essa gent beral quando não encontra repulsa gica e immediata costuma ás vez longe de mais. A bravura da empr ao Snr. João Pessôa está, sem duvid nos seus sertões mas precisaria reflectir-se aqui tambem nos debate Camara, para que os "impostores rec çam, á sua vista pelo menos, um d tulares da legitimidade da sua repres ção!.

Teu pranto

Choraste... E foi-me teu pranto,
Um relicario, que tanto,
Me soube mais captivar!...
Eu sinto nesta hora extrema,
Na minha canção suprema,
Tambem não poder chorar!

Chorar! Não! Tudo conspira!
E vejo partida a lyra
Rolar dispersa no chão!
Não has de crêr certamente,
Na minha paixão ardente,
Que deixo nesta paixão!

Os meus versos não traduzem
As dores que me reduzem
A este amargo pensar!
Porém, eu sinto, entretanto,
Aquelle sentido pranto,
Que ainda me faz cantar!

Amor... eterno martyrio
De uma alma da côr do lyrio,
Que vive sempre a scismar...
Eu sinto nesta hora extrema,
Na minha canção suprema,
Tambem não poder chorar!

JOÃO D. ROCHA

(Rio)

Mulher ideal

E's um typo impeccavel de mulher:
Morena, esguia, olhos côr do mar,
Seductora e gentil no teu andar.
Bocca pequena e rosto rosicler.

Será feliz aquelle que tiver
A suprema ventura de te amar!
Ao teu lado, por certo, ha de cantar
O madrigal dos beijos que te der...

No entanto, — que loucura! — ás vezes, [penso,
Naquelle verde e mysterioso lenço
No qual fizeste dois pequenos laços...

E, então, supponho que hei de — [santo Deus
Sugar o mel dos róseos labios te
Morrer na cruz de carne dos [br

(Avaré)

DUQUE DE OSU

— *Meu bem, é inutil que visitemos o Salto das Sete Quédas. Já passamos da conta.*

Um Escandalo

Continuam apparecendo em algumas das maiores cidades do Brasil pequenas drogarias ou pequenas pharmacias com os nomes de *Drogaria* ***Gesteira*** ou *Pharmacia* ***Gesteira.***

Sem excepção, são pharmacias e drogarias insignificantes, de uma ou duas portas, no maximo, sem capital, sem sortimento, sem importancia nenhuma.

Um Escandalo!

Os seus proprietarios querem somente explorar o conhecido nome ***Gesteira,*** para que o povo pense que ellas pertencem ao Dr. J. Gesteira.

Convem, por isto, que todos saibam que o Dr. J. Gesteira não tem ligação de especie alguma, em cidade nenhuma do Brasil, com as taes *Pharmacias* ***Gesteira*** e *Drogarias* ***Gesteira.*** tão desacreditadas e ridiculas, a que me refiro.

O Laboratorio do Dr. J. Gesteira no Brasil é em Belém, Estado do Pará.

Devo repetir: em Belém, Estado do Pará.

O outro Laboratorio do Dr. J. Gesteira é em Nova York, Estados Unidos da America do Norte.

Depois disto que acabo de afirmar, ficam todos sabendo que o Dr. J. Gesteira não tem filial, nem é socio de Drogaria e Pharmacia nenhuma no Rio de Janeiro, nem em cidade alguma do Brasil.

Dacio Arthenes de Avila

(Director da Fiscalisação da Propaganda dos Remedios do Dr. J. Gesteira, nos Paizes Extrangeiros.)

UMA VERDADE

Um menino, embora pobre,
Póde julgar-se bem rico
Se comprar e ler attento
Os numeros d'"O Tico-Tico."

Orchestração pagã

Sol a pino.
Concertam as graunas na mais alta gamelleira da matta,
Uma canção bizarra,
Descompassada, tumultuaria e assim mesmo bonita
Em baixo, beijando os pés do outeiro mal vestido,
Vae solfejando
Musicas tristes um rio pequenino,
Que tem pedras no fundo a magoal-o.
O vento bole nas arvores
E lhes arranca gemidos muito baixos
De enfermo...
Estão com vergonha de queixar-se, coitadas!

As cigarras que estão bem dispostas
E sabem sómente cantar sua toada cheia de alacridade,
Rompem estridulas.
As coisas em derredor parece alegrarem-se
E das cantadoras,
Cuja unica occupação é cantar,
Algumas vão morrendo, no auge do prazer
De ficar fazendo orchestra
A' luz do sol,
Abraçadas ás arvores bondosas.

Narciso Antonio

(S. João da Chapada)

Flammas intimas

Adejante phantasia
Alça o vôo pela esphera!
Em tudo canta a alegria,
Ha flores, é primavera.

Ha na luz que reverbera
Não sei que extranha ardentia...
Maravilha! Quem nos dera
Fosse eterna esta magia!

Em derredor tudo canta.
Melodia sacrosanta
Enche os espaços, vibrando.

Phantasia — ave sonora —
Vôa, vôa, céos em fora
E vae radiosa, cantando!

Resôa festivo um sino
ao alto, no campanario...
Seu som é algo divino
A vibrar, extraordinario.

Segue o teu itinerario
Idealista peregrino!
Teu coração é um sacrario
Infinito e pequenino

Alleluia! o sino tôa!
Ergue a fronte, nobre e altiva
E um hymno vivido entôa!

Aurifulgida, festiva,
Canta á gloria numa lôa
Pulsatil, intima, viva.

—

Nesta idade sonhadora
E' uma flôr o coração,
Que se abre pela aurora,
Entre as pompas da estação.

Vibra musica sonora
Em orchestra na amplidão.
Em tua alma canta agora
Mil sonatas a emoção.

Embebe-te neste enleio,
Faze vibrar o teu seio,
Deixa que a alma anhelante,

—

Paire sobre esta belleza,
Beba a luz da natureza,
Adore, illumine e cante!

Têm alegre melodia
Alguns de meus simples versos:
Contas de piedosos terços,
Que rezo á esquiva alegria

Tenho meus sonhos immersos
Nesta luz que me enchia,
Quando surge e esplende o dia,
Em aureos clarões dispersos.

Sei lastimar e sei rir.
Em minha alma a dôr fez ninho
E a alegria o fez tambem:

Esta canta a se expandir,
Chora a outra de mansinho...
A ambas eu quero bem.

Araujo Sobrinho.

Para todos... está publicando, em lindas paginas, as mais desenvolvidas reportagens photographicas sobre o Concurso Internacional de Belleza.

Musicas e Discos

OUVERTURE

Inserimos, ha dois numeros atraz, numa carta do sr. João Macedo, irmão da sta. Stefana de Macedo, a proposito de uma publicação que fizeram em torno de uma toada de Jayme Ovalle, que appareceu em discos "Columbia" com a indicação de que a autora era a sta. acima mencionada. Nessa carta, entre outras cousas, o sr. João Macedo declarava não ser de Jayme Ovalle a toada em questão e sim de João Pernambuco, o que, aliás, não alterava o aspecto do caso por nós suscitado. Posta em duvida, porém, a legitimidade da sua autoria, o festejado musicista de "Zé Reymundo" dirigiu-nos a seguinte carta, que, como a do sr. João Macedo, aqui vae publicada na integra:

"Sr. Redactor: — Não era absolutamente do meu desejo entrar em discussão a proposito da questão suscitada pela sua nota da secção "Musicas e Discos" do "O MALHO", de 26 de Abril ultimo. Deante, porém, da carta dirigida a essa redacção pelo Snr. João de Macedo, vejo-me obrigado, embora muito a contra gosto, a fornecer ao publico da sua revista uma explicação. Segundo allegou o Snr. Macedo, a musica do "Zé Reymundo", gravada em disco Columbia sob n. 5192, é um arranjo da Snrita. Stefana Macedo, feito sob a toada do "Marroeiro" do Snr. José Pernambuco. Sinto ter de declarar não ser isto verdade: a musica do "Zé Reymundo não é nem a toada do "Marroeiro" do Snr. J. Pernambuco, nem tão pouco arranjo dessa toada pela Snrita. Macedo, mas simplesmente uma adaptação minha para violão de uma composição, tambem minha, assim intitulada, e escripta para canto e piano, já por varias vezes executada em concerto nesta e em outras capitaes, já analysada em criticas jornalisticas. Logo que li a carta do Snr. Macedo, fiquei um pouco surpreso e preoccupado. Era bem possivel que eu tivesse sido victima de uma reminiscencia inconsciente: as trahições da memoria são um facto frequente, tanto em musica como nas letras. Ha pouco o Snr. Agrippino Grieco occupou-se com o seu brilho habitual, desse phenomeno, em artigo do O JORNAL. Procurei, pois, e confesso que meio inquieto, a canção do "O Marroeiro" do Snr. J. Pernambuco, afim de confrontal-a com o meu "Zé Reymundo". Logo á primeira vista me tranquillizei: a differença entre as duas composições é evidente. Só a absoluta ausencia de discernimento poderá affirmar o contrario. Devo dizer que essa questão só me interessa pelo lado moral. Aliás mais de uma vez já silenciei sobre os arranjos de que tenho sido victima... O caso agora, porém, envolve uma accusação que eu não poderia deixar passar sem contestação formal. A questão póde ser resolvida por qualquer pessoa e de maneira mais simples: basta-lhe fazer o mesmo que eu fiz, — cotejar a musica do "O Marroeiro", editada na casa Vieira Machado, com a do "Zé Reymundo", gravada em disco da Columbia sob n. 5192. Quanto á outra parte da questão, isto é, saber si o disco da Columbia é, sim ou não, a minha adaptação a que acima alludi, poderá ella ser esclarecida pelo testemunho de amadores e artistas que a conhecem desde muitos annos atrás. Sem mais, Snr. Redactor, ficarei muito grato pela publicação destas linhas, o que lhe solicito, e peço aceitar os cumprimentos do seu

Crº. Attº. Obrgº.

Jayme Ovalle

AS MUSICAS EM VOGA

Está gravando em cheio o lindo fox-trot "Si eu tivesse um film falado por você", do film de Janet Gaynor e Charles Farrell, "Um sonho que viveu".

A "Columbia" e a "Odeon" já o gravaram com letra em portuguez, sendo que da ultima a adaptação dos versos originaes foi feita por Oswaldo Santiago. "Si eu tivesse um film falado por você" é, actualmente, o disco mais procurado.

"KOLOÁ"

Jurema e Jussara são pseudonymos de duas distinctas cantoras que vêm de estrear em discos "Odeon". Cantaram ellas, a duas vozes, nessa primeira gravação, uma canção de Joseph Szulc, inspirada em motivos de musica hawaiana e intitulada "Koloá". Para essa canção, Oswaldo Santiago escreveu versos em portuguez.

* * *

"DIZ ISSO CANTANDO"...

Al Jolson, o popular interprete da canção americana, reappareceu em um novo film sonoro que está alcançando, no "Cinema Gloria", um justo successo. "Diz isso cantando" contém varios numeros encantadores, como seja a canção "Por que você não póde?", que Al Jolson canta com muita expressão e sentimento. Todas as fabricas de discos que disputam o nosso mercado, já possuem gravações dos trechos desse film.

* * *

MINONA CARNEIRO NA "VICTOR"

Dos novos cantores de discos populares que, ultimamente, têm apparecido entre nós, Minona Carneiro é um dos de maior e melhor futuro.

As suas gravações sempre têm agradado, sendo justo salientar a da marcha carnavalesca "Dédé", de Nelson Ferreira, que fez o successo exclusivo do ultimo carnaval em Pernambuco e que foi impressa em disco "Parlophon". Agora, Minona passou a cantar para a "Victor", que acaba de expôr á venda o seu primeiro disco, contendo as emboladas "Commigo não, João", e "Cajueiro". O numero da chapa é 33.277.

* * *

"BRASILEIRA", DE PLINIO DE BRITTO

O sr. Plinio de Britto é um dos compositores mais apreciados do actual momento musical carioca. As suas producções obtêm, de costume, grande vendagem e despertam o interesse popular. E' o que aconteceu com o samba-canção "Brasileira", gravado por Gastão Formenti em discos "Odeon" n. 10.565, e agora editado em impressos pela conhecida "Casa Arthur Napoleão". Abaixo publicamos, a sua letra, que tambem é da autoria do sr. Plinio de Britto:

— I —

"Sou gaúcha cearense,
Paulistana,
Fluminense,
Sou bahiana,
Maranhense,
Sergipana,
Amazonense,
Sou mineira ou goyana,
Paraense,
Pernambucana,
Brasileira
Não se troca
E' faceira
A carioca.

Estribilho:

Bis | A Brasileira
De côr morena
Muito faceira
Como a phalena.

— II —

Na cidade, na campina,
Superfina;
Melindrosa,
E' dengosa
Em seu porte,
Vaporosa
E de sorte.
Tem bastante formosura,
Mas, esconde.
Com tal usura...
Brasileira
Não se troca
E' brejeira
A carioca."

* * *

INFORMAÇÕES

— Joubert de Carvalho escreveu mais um lindo numero. Trata-se do samba — canção "Dá-se um geitinho", que Gastão Formenti cantou para o disco "Odeon" n. 10.602. No verso da chapa, está a linda valsa "Maruska", musica de Dino Rulli e versos de Decio Abramo, tambem cantado por Formenti.

— Mais um disco de Carmen Miranda, a querida cantorazinha da "Victor". Gravou ella nos seus sulcos as cançonetas comicas "Tenho um novo namorado" e "Espere, que preciso me pintar", de um lado, e do outro o samba de Luiz Peixoto "O Nêgo no Samba".

— Do film "Glorificação da belleza" ha dois lindos numeros gravados em disco "Columbia" n. 5.606. São elles: "What would'nt I do for that man", fox-trot, e "There must be somebody waiting for me", valsa, ambos dignos da attenção dos phonophilos amadores da musica ligeira.

* * *

— "Opio", samba de S. F. Neves, cantado por Elpidio Dias, e "Amoroso", samba de Sylvio Caldas, cantado pelo autor, compõem o disco "Victor" n. 33.260. Rogerio Guimarães, o extraordinario violinista que o nosso publico tanto admira, gravou no disco "Victor" n. 33.283 as suas canções "Quem ama vive a soffer" e "Saudade damnada", ambas com a parte de canto aos cuidados de Jesy Barbosa.

— "Scena Oriental", esse lindissimo fox-trot de Eduardo Souto, cujo successo no momento em que appareceu, em 1925, segundo nos parece, foi extraordinario, a ponto de ser gravado nos Estados Unidos, teve, agora, nova impressão no disco "Odeon" 10.606. Cantou-o Jorge Fernandes, um optimo e novel elemento do elenco da "Casa Edison".

* * *

CORRESPONDENCIA

— Marilia Maia — ? — A letra da valsa "Maruska" é de Decio Abramo e é assim concebida:

"Ninguem amou na vida
Sem a magua de uma lagrima sentida...
Quem chorou
Muito amou...

Os olhos de quem ama
Tem o ardor crepuscular da ultima chamma...
Quem chorou
Muito amou...

Porque o pranto é o balsamo do olhar...

Maruska, depois que perdi teu amor
Vivo só por viver...
Nem magua, nem tédio, nem pranto,
nem dor,
Nada me faz tremer...

E occulta no fundo do meu olhar
Eu tenho uma lagrima a palpitar...
A lagrima triste do meu pobre amor
Que não heide de chorar"...

— *Rosa Maria* — ? — Está gravado em disco "Odeon" n. 10.584, cantado por Francisco Alves. Eis a letra:

Estribilho

Não vá prá chuva
Sinhá
Que essa chuva faz mal.
Sae dessa chuva
Yayá
Não vale a pena se molhar.

Conheço uma mocinha
Muito joven e viuva
Chic e bonitinha
Mas tem medo de chuva
Namora a toda hora
E não tem mais coração
Namora e dá o fóra
Não vae mais no arrastão.

Você moço sabido
Faz favor de me dizer
Um bilhete corrido
O que é que póde valer?
Moça namoradeira
Não tem medo de ninguem
Não fica mais solteira
Mesmo andando sem vintem.

Tom Rao

COMO SERÁ O CENTRO DA TERRA?

A fascinação do desconhecido sempre constituiu um grande estimulo para a imaginação humana, que, desde os tempos mais remotos, tem procurado penetrar os mysterios do espaço, dos mundos que povôam o infinito, e deste atomo do Universo, que se chama Terra, e que alberga nossas existencias. Nós estamos á pequena distancia do centro da nossa Terra, mas é possivel que descubramos todos os mysterios de mais além, antes de ter a mais remota idéa sobre o que fórma o nucleo da esphera em cuja superficie nós vivemos.

A astronomia já nos revelou a composição dos corpos celestes que se encontram a bilhões de kilometros do nosso planeta. Mas a Geologia, até hoje, é incapaz de penetrar os mysterios do nucleo terraqueo que se encontra a uns escassos 6.400 kilometros da superficie.

Muitos imaginam um grande tunnel que nos ponha em communicação com o desconhecido coração do nosso planeta, mas todos desanimam ante a magnitude da empresa.

✣ ✣ ✣

Podemos formar uma vaga idéa do que custaria um poço que chegue até o nosso centro de gravidade, se tomarmos em conta o que o homem já realizou neste sentido.

O poço mais fundo que existe é o de uma mina de ouro da Africa do Sul: attinge a uma profundidade de 2.500 metros. Pois bem, o seu custo é de 900.000 libras esterlinas, que equivalem a cerca de 40.000 contos. Trata-se, entretanto, de uma mina. Ponhamos que, num poço, directamente, ao fundo da terra, se gastasse esta importancia, não em 2.500, mas em 3.200 metros. Os 3.200 metros seguintes, porém, não custariam, apenas, outros 40.000 contos, mas o triplo disso. Qualquer pessoa, com medianos conhecimentos de Geologia, sabe que á proporção que se aprofunda no coração da Terra, crescem as difficuldades e se multiplicam as despesas. Botemos que os 3.200 metros seguintes custassem, apenas o triplo. Teriamos, assim, que, para chegar a 6.400 metros, seria necessario despender, pelo menos, a importancia de 160.000 contos. E como o centro da Terra se encontra, não a 6.400 *metros*, mas a 6.400 *kilometros*, teriamos, apenas, avançado a millesima parte do percurso!

Não seria, entretanto, muito aventuroso estimar que se se invertesse, nessa tarefa, tudo quanto se gastou na guerra mundial, se teria cavado um poço até o centro da Terra.

Nossa curiosidade estaria satisfeita, e Humanidade haveria, provavelmente, tirado mais proveito deste grande buraco do que da grande guerra. Por emquanto, entretanto, o homem terá que contentar-se, nesta materia, com méras supposições.

✣ ✣ ✣

Uma dessas ultimas é a do Prof. Reginald Daly, da Universidade de Harward, a qual vem destruir todas as anteriores.

Diz este sabio que o nucleo da Terra é uma immensa massa de vidro liquido, de uma espessura equivalente á metade do diametro do globo. Esta grande bola de vidro

ã envolta por uma capa de ferro solido de 1.600 kilometros de espessura, e de uma composição semelhante ao ro meteorico. Em seguida, vem outro envoltorio de tros 1.600 kilometros de espessura, formado de rocha saltica de côr escura. (Até a côr Mr. Daly imaginou). casca exterior, ou costra terrestre, de uns escassos 50 ometros de espessura, é formada de granito e é pelos exsos desta formação que entram a construir os estractos ochas que conhecemos.

Como se vê, esta theoria está em contradição com o , geralmente, se ensina ás creanças nas escolas, isto é, o centro da Terra é uma massa de materias incandesltes e que o resto constitue uma delgada crosta que nos ara desses fogos infernaes.

O coração de vidro do nosso planeta está, segundo o f. Daly, submettido á formidavel pressão de.......... 000.000 de kilogrammas por centimetro quadrado, e a temperatura chega a 50.000 graus centigrados. Os ntinentes e os mares — diz o geologo de Harward — lo em um continuo processo de deslisamentos, porque ctuam sobre esse mar interior de vidro liquido. Estes vimentos são os responsaveis pelos terremotos, pelos ções e pela formação das montanhas.

Parece que o sabio prof. deu um cochilo. Diz elle todo este mar de vidro liquido está envolto numa esra de ferro solido de 1.600 kilometros de espessura. é assim, como póde a crosta exterior estar á mercê das as do mar de vidro?

✣ ✣ ✣

Toda esta estructura se formou, segundo o sabio normericano da seguinte fórma: A Terra foi uma massa gazes arrancados do nucleo incandescente do Sol. Mis de annos atraz, emquanto os gazes se transforma em liquidos e semi-solidos, nosso planeta soffreu uma ntesca catastrophe. Tão tremenda foi esta commoção a lua resolveu, prudentemente, instalar-se em casa pro, separando-se da nossa Mãe Terra. A separação dei, em nosso Globo, um grande vacuo, "difficil de preher", e tal como acabam todas as penas, o vacuo acabou hendo-se... de agua, formando-se, deste modo, o Oceano Pacifico. Esta catastrophe poude dar-se, devido ao facto de ainda encontrar-se a Terra em fórma de pera e desequilibrada, portanto. A Terra não conseguiu ainda repôr-se da escapada da Lua, e está, todo o tempo, tratando de acommodar-se ás suas novas condições, buscando, sob a acção giratoria, uma fórma espherica perfeita. Os deslisamentos que soffre a crosta terrestre são demonstrações visiveis de que o globo, sob a acção da gravidade, trata de converter-se em globo simetrico. As erupções e outros phenomenos vulcanicos demonstraram o trabalho que a Terra gasta para encontrar o seu equilibrio.

Isto é o que nos conta o prof. Daly.

✣ ✣ ✣

Vejamos, agora, o que diz o seu collega em Geologia, da Universidade de Indiana, o prof. R. Cummings. É mais tranquillizadora a theoria desse cavalheiro. Por isso, convem saber em que consiste.

O prof. Cummings opina que o globo é solido até o proprio nucleo, e de uma resistencia tão tenaz como a do mais fino aço. O facto de persistir a Terra na sua rotação, prova a sua rigidez absoluta. Um ovo crú — assegura o prof. Cummings — não gyra em torno do seu eixo maior, devido a intensa fricção do seu conteudo liquido. Em compensação, um ovo duro não se oppõe a este exercicio e gyra, perfeitamente.

Sustenta que o nucleo da Terra, em uma espessura de 6.700 kilometros do seu diametro, está formado por uma massa de ferro-nickel, com um forro de magnesio e sylicato phenico de 700 kilometros de grossura. Em seguida, vem o que chamamos de crosta terrestre.

✣ ✣ ✣

Para nós, que não entendemos destas coisas, é difficil dizer qual das duas theorias se deve acceitar. Mas, como ainda não opinaram, sobre o sssumpto, todos os professores de Geologia das 50 Universidades norte-americanas, parece que o mais prudente é não acreditar em nenhum dos dois. Mas, no fim de contas, parece que, entre a theoria da pera do prof. Daly, e a do ovo duro, do prof. Cummings, esta ultima é mais logica.

VESPERAL

roça. Expira o dia. Ouvindo o alarde
passaros na fronde do arvoredo,
templo da eminencia de um rochedo,
mo painel nostalgico da tarde...

ito distante, no sopé da serra,
passar o Parahyba manso,
vae serenamente, sem descanço,
ando ao mar, fertilizando a terra!

na campina um bando de garraios
que fazer ao boiadeiro esperto,
fita, ansioso, o sol quasi encoberto,
ando á serra os derradeiros raios...

a porteira ao longe. Ha novidade!
scruto a estrada e vejo um cavalleiro
se approxima, ao trote do sendeiro...
E' um serviçal que volta da cidade...

Descem do monte os ultimos roceiros!
Um delles, já na porta da cozinha,
trauteia, á meia voz, velha modinha,
emquanto espera pelos companheiros...

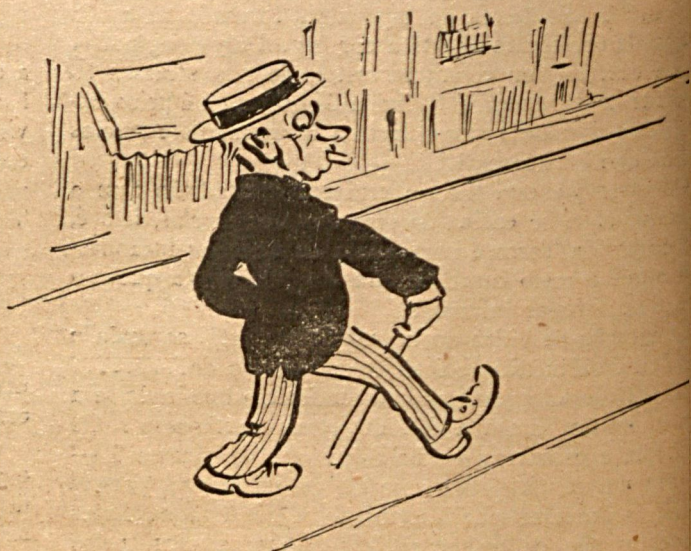
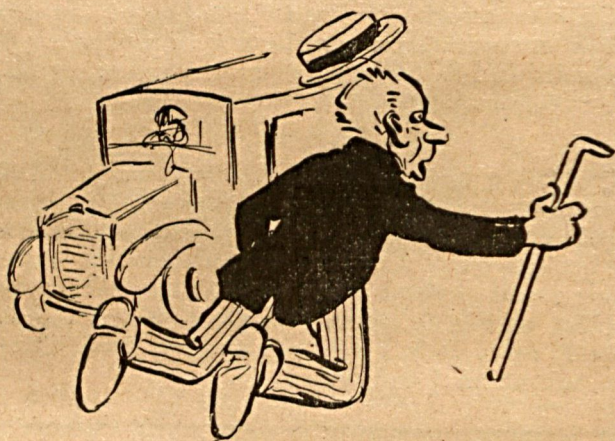
E tamborilla os dedos na caçamba
de velho arreio a um canto do terreiro,
lembrando-se, talvez, do seu pandeiro,
e da morena no calor do samba!

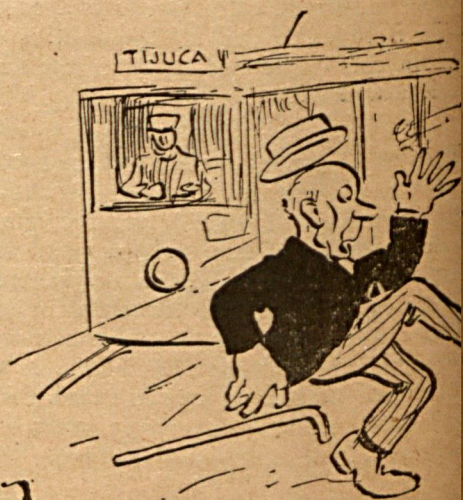
Já Vesper no zimborio a luz espalma
annunciando o término do dia...
E' no sertão que mais nos tóca n'alma
essa hora extrema de melancolia!

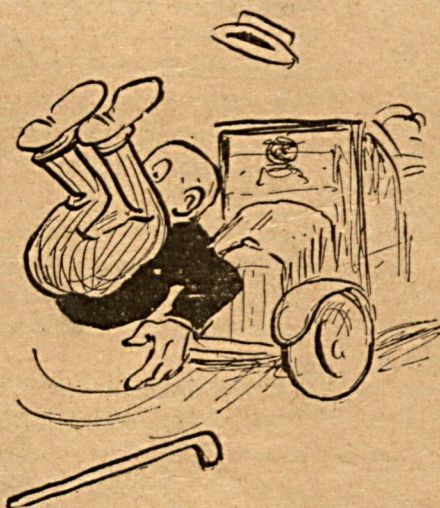
O véo da noite envolve, emfim, o ambiente,
Silencio em torno. O pensativo ascéta,
no brilho de uma estrella, como o poéta,
o olhar demora, mudo e indifferente!...

Domingos Augusto

DE QUEM A CULPA?

— Cuidado, Juvencio, com os automoveis.
— Descanse, mulher, não ha nenhum.

— De facto, posso caminhar no meio da rua. Não um só vehiculo

— Oh! desgraçado! De onde surgiu este automovel?

Agora não ha mesmo carro algum. Posso passar.

Misericordia! Um bonde! De veiu?

Agora, desafio quem me mostre um só vehiculo nesta rua.

Oh diabo, um caminhão! Isto é obra de uma magica!

— E's tu, desgraçado, que dese os vehiculos para me assustar? T

O Malho

C A S A V A S I A

Eis ahi, um livro vasado, em muitos pontos, ao sabor da escola nova e que não desapruma ao contacto e na companhia daquelles a quem a ligeireza dos juizos criticos apodam de decadentes e passadista.

Porque eu não pude atinar ainda, em materia de arte, com essa polyinfinidade de titulos e subtitulos com que se decoram os escriptores actuaes, para quem as caracteristicas de clan ou escola são o fundo, ás vezes, exclusivo de suas supremas aspirações.

No meu entender, os livros devem ser classificados em dois grupos apenas: bons e detestaveis, pouco importando os methodos dos autores.

Machado de Assis, em quem todos reconhecemos a agudeza do espirito critico, sentenciou, um dia, que certas obras não têm, do autor, senão o titulo e, quanta vez, nem isto...

A arte é uma unica: diversos, porém, os meios de servil-a e cada um que a pratica tece o seu estylo e dá ao seu pensamento, a fórmula e a expressão que, em resumo, definem as tendencias de um espirito e do proprio temperamento.

No fundo, porém, o que subsiste é a belleza, attingida ou não, e aquella emoção que alinha no mesmo nivel de equilibrio, a alma que a externa e as demais com as quaes se põe em correspondencia.

Em se tratando de poesia, então, essa qualidade suprema e evocadora é o apanagio dos que conseguem realizar a coincidencia de suas tendencias com as tendencias alheias, isto é, o mesmo nivel da onda emotiva, na interpretação espiritualista de Maeterlinck.

Foi, justamente, essa sensação de equilibrio que me poz em coincidencia com o autor de CASA VASIA.

No meu ponto de vista particular, em se tratando deste, ou de qualquer outro escriptor — é-me indifferente a sentença daquelles que orientam a critica profissional.

Aliás, seria um dispauterio, acreditar-se na igualdade de applausos ou recusas, de criticos officiaes, quando, em todos elles, poderiamos apontar não só incongruencias como até contradicções.

Porque, si todos elles são criticos excellentes, nem por isso deixam de ser homens!

Confesso que, o primeiro contacto com o livro do Sr. Rodovalho Neves, deixou-me em duvida: estaria, porventura, face a face com mais um cabotino das letras contemporaneas?

Já Huchard exclamava, a proposito da ergotina: ha tempos de bom e máo vinho!

Felizmente, dissiparam-se-me as duvidas, ao folhear as producções que me deixaram a impressão de estar ouvindo a toada dolente, aqui ingenua, mais além amarga, formosa quasi sempre, de um troveiro nordestino que tem mel nas rimas, decepções nas estrophes, graça na composição, surpresas no colorido, imprevisto nos rythmos e farpões de abelha entre as asas de sêda e ouro, multicoloridas e leves.

O poeta pernambucano Rodovalho Neves, autor de "Casa vasia".

Patente o pessimismo, em quasi todo o livro, o que explica a epigraphe de Augusto dos Anjos; mas, por que não dizel-o? epigraphe incompleta, porque a outra parte do volume pede um escudo arrancado ás *Primaveras!*

Não precisariamos explicar que o autor é um pensador, ás vezes, ironico, subtil quasi sempre, mascarando a totalidade do seu sarcasmo sob uma camada de ingenuidade artificiosa, com calculado effeito, sob a qual se empolam duvidas traiçoeiras e soluçam em surdina muitas de suas queixas.

A lição de Goethe, tantas vezes invocada — não foi inutil a quem reduziu a experiencia dolorosa do mundo, em varios metros e alguns poemas dobrados de emoção, de cores e de cadencias.

Não importa que elle houvesse misturado, no mesmo livro, a gravidade do soneto ás composições soltas, tão do agrado dos precursores que tentaram reduzir os canones da nossa lyrica ás proporções de uma Babel de cimento armado, baptisada de templo de uma arte van...

O que é preciso acentuar, é que em todas as suas composições, a par da lingua que é bôa, apparecem sempre pensamentos definidos e coordenados e que não exigem taboas de logarithmos para serem decifrados.

Tudo isso, agrada naturalmente, distanciando-o da turba que imaginou reduzir a Poesia a um logogripho de banalidades, especie de revista chula do Rocio, onde não falta nem mesmo a estultícia da composição alliada á linguagem de inventiva, com neologismos sabendo ao rapozinho das classes degradadas.

Com o seu equilibrio, o autor poude evitar o equador imaginario que separa as fronteiras de duas nações sempre em conflicto — a do sublime e a do ridiculo.

Isto seria o mesmo que definil-o como poeta de multiplas faces, a quem não intimidam nem o methodo nem o rythmo, uma vez que elle tem algo a dizer, e sabe escolher os velludos para os seus affectos e as urtigas com que empolar seus impetos e imprecações.

Com aquelle soneto — REPTIS — por exemplo, elle conquistaria ao lado dos nossos melhores poetas, a fama de um poeta de bôa escola, ao passo que com as demais producções demonstra as aptidões emotivas de quem selecciona cores e imagens com a mesma pericia com que selecciona motivos.

A's vezes, de tão naturaes, suas rimas imprevistas passam despercebidas, emquanto num verso isolado summaria todo um poema.

Lá está, no EU, para exemplificar, aquelle verso detestavel:

"Um urubú pousou na minha sorte!"

Na CASA VASIA, ha um que responde á mesma finalidade emotiva, com muito mais vigor, com maior perfeição e poesia:

"O Nordeste passou na minha vida!"

A recordação de sua cidade natal — Recife — é toda uma tela encantadoramente suave, vista do mar, á distancia, apparecendo e sumindo como Atlantida de sonho: nas torres que se entremostram, nas praias que se alongam, nos horizontes, nas cores, no balanço das vagas que parecem bolir, rebolir e espumar, na crista das ondas que vão e vêm, levando a cidade e trazendo a cidade...

E *Maracatú!*

Com a sua onomatopéa e o seu dynamismo, *Maracatú* é composição que se não lê em silencio, porque tudo alli é movimento, acção, rythmo, tregeito, barulheira.

Findando o livro, essa *Casa Vasia*... que se povôa de visões de outras épocas, de figuras e vozes apagadas e extinctas, cada um de nós sente uma pancada e uma pausa no coração.

Luiz Guimarães tambem cantou com a mesma emoção, num soneto que todos conhecemos, uma outra casa, vasia como esta tambem, povoada de sonhos e emoções. A saudade e a emoção serão, porventura, apanagio de um poeta só?

A *Casa Vasia*... é apenas um titulo, o symbolo de um livro, titulo prosaico, na apparencia, porque em verdade, essa casa é um symbolo, em cujas sombras passam e repassam, embuçadas ou lividas, sensações intangiveis que todos experimentámos olhando o passado, e que sómente alguns eleitos das musas possuem a suprema ventura de transformar em poesia, dissolvendo-as em emoções, em sonhos, em arte...

PHOCION SERPA

1446
—
31
MAIO
1930

SECÇÃO CHARADISTICA, DIRIGIDA POR MARECHAL

CAMPEONATO
E
3º TORNEIO
MAIO
E
JUNHO

TODA CORRESPONDENCIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO DEVE SER ENDEREÇADA A MARECHAL — TRAVESSA DO OUVIDOR, 21

CHARADA SEM ARTE, SEM O CAPRICHO DA FÓRMA, NÃO É CHARADA

TAÇA MARIA FLOR

2.ª *Serie*

RESULTADO DO N. 1.435

DECIFRADORES

Chantecler, Roxane, Marquez de Castiglione, N. Zinho, Nazilia C. dos Santos, Neptuno, Alvasil, Dama Verde, D. Carvalho, Datrinde, (todos da A. B. C., Bahia), Mr. Trinquesse e Anhangá (ambos de S. Paulo), 24 pontos cada; A. Garota, Barão de Damerales, Calpetus, Condessa e Conde, Guy de Jarnac, Dapero, Diana, Erre-Côos, Etienne Dolet, Gavroche, Julião Riminot, Lago, Lakmé, Maloyo, Miravaldo Nellius, Neo-Mudd, Orlirio Gama, Paracelso, Ruhtra, Seneca, Sezenem II, Sylma, Themis, Toryva, Visconde de Adnim, Yara, Zelira (todos do Bloco dos Fidalgos, de Santos), K. Nivete, Violeta, Alvasco (todos 3 de Recife), 23 cada; Arthano (S. Paulo), 20; Thalia e Nemus Nulus (ambos do B. C. G. — Rio Grande), 18 cada; Jubanidro (S. Paulo), 17; Pedro K. (Bom Jesus do Itabapoana), 11; Anjoro (S. João d'El-Rey), 8.

DECIFRAÇÕES

51 — Esmadrigado; 52 — Destrengado; 53 — Claraboia; 54 — Perfectado; 55 — Discolo; 56 — Esbuxado; 57 — Prestemo; 58 — Gallinha-choca; 59 — Officiosamente; 60 — Labareda; 61 — Catalão; 62 — Terso; 3 — Lunar; 4 — Emissario; 5 — Doutor; 66 — Capora; 67 — Caresa; 68 — Engracia; 69 — Credito; 70 — Velhacouto; 71 — Endrarota; 72 — Jazeneiro; 73 — Unto as unhas de; 74 — Viellino; 75 — Saramago, mostarda e alho

CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1930

Decifrações dos trabalhos eliminadores: 1 — Serrafanada; 2 — Becabunga. 3 — Serradela; 4 — Muene; 5 — Tunantes; 6 — Azurrado; 7 — Hiante; 8 — Terrastão; 9 — Evano; 10 — Untosa; 11 — Estrellado; 12 — Severo; 13 — Librado; 14 — Emadrimanos; 15 — Pildora; 16 — Moafa; 17 — Cedovinl; 18 — Barrela; 19 — Apagafogo; 20 — Bastinha; 21 — Pervencida; 22 — Pernada; 23 — Cachiras; 24 — Albarrada; 25 — Dia Santo; 26 — O Todo Poderoso; 27 — A Trachéa; 28 — Leva com uma taboa; 29 — Cascos de rolhas; 30 — Kasan.

∴

PHASE DE ACÇÃO

NOVISSIMAS

15 A 17

1—2—Atire-se de "*pôpa*" ao mar, porque não gostei de sua *acção*: para mim és *indirecto*.

2—2—*Ganha* uma "*bengala*" quem me trouxer a *refeição*

3—1— Quem é *desmanzelado* e *sente comichão*, encher-se-á de *pezar*, se não tiver, com tempo, *tratado das suas cousas com zelo*.

Zé Sabe Nada (Barra do Pirahy)

18

2—1—"*Levante*" o pobre do chão e deixe de "*repugnancia*", que elle está *inteiriçado*.

Roxane (A. B. C. — Bahia)

19 E 20

1—1—Amo a "*cidade*" em que nasci, embora não seja *grande*.

2—1— Faço *questão* de ser um homem *brioso*.

Soldado (T. P. — Floriano, E. do Rio)

21 A 24

1—1—Este mundo é uma *roda*, uma *difficuldade* e um *logro*.

2—1—Como o "*passaro*" vive a soltar "*notas*" nas "*prisões*".

1—1—3—"*Duas vezes*" já me disseram *que na villa* cultivam a *maledicencia*.

2—1—Uma "*nesga*" de *sol*, ás vezes suavisa uma *contrariedade*.

Sertanejo (T. P. — Floriano, E. do Rio)

25

3—2—A dona do "*emporio*" soffreu *forte queimadura*.

Oswaldinho (S. Paulo)

∴

ENIGMAS

26

Um convite, primeiro, eu vou fazer
Para a festança que irei realizar;
E bem no meio um pé terei de achar,
De um pedido a alguem logo fazer.

Este pedido, emfim causa alegria
Porque se trata de unir dois corações;
Ou seja um esposo, que a tempos, já vivia
Longe da *esposa* nas devassidões.

Violeta (A. C. L. B., — Recife)

27

(*Ao Pompeu Junior*)

Veja só que grande intento
Tem o pintor encaixado
No peito, p'ra marcar tento,
Decifre, pois, com *cuidado*.

Arthano (S. Paulo)

∴

CHARADAS

28

(A's talentosas e distinctas collegas Diana, Zelira e Thalia)

Aqui, como em qualquer "*parte*"—2
Pobreza é coisa infeliz.

Evitemos, pois, com arte,
Suas resultas servis.

Memoro, assim, tristemente—2
Certo caso de emoção,
De um pobre, velho doente,
Que morreu numa "*pensão*".

Roxane (Bahia A. B. C.)

29

A morte quando vem, é bruta e traiçoeira;
Não pergunta se estamos todos preparados.
Pensemos então em nossa hora derradeira,
Procurando deter a marcha dos peccados.

Conveniente inda será, que nós façamos—
Das nossas culpas bem contricta confissão;
E melhor tambem será que ao bom Deus pegamos
A sã magnitude do seu real perdão.

E nós devemos na *lembrança* sempre ter.—
Que ao sermos da vida p'la morte arrebatados,
Irão em Juizo os nossos crimes ser julgados.

Mas se o nosso espirito, a Deus apparecer
Contricto, e de culpas p'ra sempre redimido,
Os gozos do Céo irá fluir *como é devido*.

Violeta (A. C. L. B. — Recife)

30 A 32

Esta foi *feita* em tenção—2
De abater o mais pintado
Seja novo ou campeão.
Onde está não saberão.—1
Que este termo foi catado
E é termo *crespo, empolado*

O chefe da *exportação*—2
Ficou a olhar a"*cimalha*".—2
Não se distrae quem trabalha
A prova temos no mar:
A barca, foi pelas aguas,
Levada p'ra outro logar.

Vae fazer *exame* agora—1
O Francisco Delicado.
"Não vás n'um becco cahir
De *onde* não possas sahir"—1
Já lhe tenho *ponderado*.

Neptuno (A. B. C. — Bahia)

∴

LOGOGRYPHOS

33

Ao som de certo "*instrumento*"—10—1—7—3—4—5—9
Debaixo de bella "*planta*"—4—12—1—3—11—9
Junto a um *rio do Brasil*,—5—12—1—3—10—6—3
Chico *Chispa*, que é um portento,—2—8—7—4—9

Faz serenata que encanta
Um coração juvenil.

Mas desconfiando que havia
No capadocio malicia,
Levou-o á delegacia
Um "*agente*" de policia.

Arthano (S. Paulo)

34

Não creias que minta o meu olhar,
Quando te fito com amor ardente;
Nem julgues que é falso o meu falar
Em te dizer o que minh'alma sente.

Ver-te, é o que sempre mais desejo,
Para te ouvir cantar o nosso amor;
Porém, hoje, é impossivel bem eu vejo;
E assim vou esperando com fervor.—3—1
2—5—3
Até que a sorte queira nos unir,
Adquire pois certa energia—1—6—4—6
Para luctar, (sem nunca desistir)
Pelo *direito* de ser feliz um dia.—1—2—7

Haja vontade que tudo has de fazer.—3
—1—6
Para logo nossos sonhos realizar,
Pois Deus, jámais deixa de attender
A prece do que um bem quer *alcançar*,

Violeta (A. C. L. B. — Recife)

35

Quer levar sova, "*senhor*", —8,11,1,2,7,4
Aquelle mesmo que *adula* —9,3,6,10 14
Rastejando pelo chão...
E' cousa *simples* — marradas —5,2,7,13,9
Na "*cidade*" esta matula —1,4,11,5,6
Dá *com toda exactidão*.

Mr. Trinquesse (S. Paulo)

* * *

36 E 37

"*Cidade* outr'ora falada.—5—4—5—2
De rei, illustre morada,—2—5—4—3—1.
Hoje do povo esquecida;—4—2—5—3.
Seu jardim de heras coberto.

Tudo em si vasto *deserto*;—5—2—6—1.
São phases tristes da *vida*!

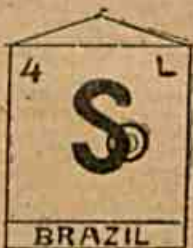
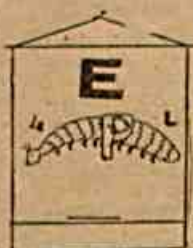
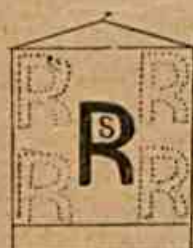
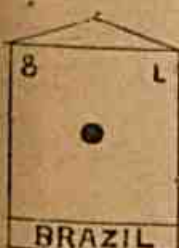
Por *zelo* alguem pensou, disse.—4—8—5—3
Que gostava da Clarisse!
Mas, não sei *porque* razão—1—2—3—2
Se fez tal supposição.
Eu confesso não é peta
Nunca tive na "*veneta*" —3—7—6—5—7
A Clarisse *namorar*—7—3—7—8
Não desejo me *casar*.

Valete de Espadas (Minas)

Chantecler (A. B. C. Bahia)

* * *

PITORESCOS

58 E 59

PRAZOS

Terminarão: a 30 de Junho e a 9, 11, 13, 15 e 20 de Julho seguinte.

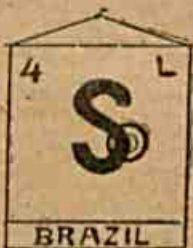
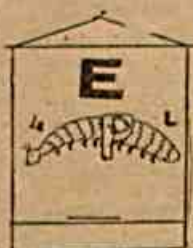
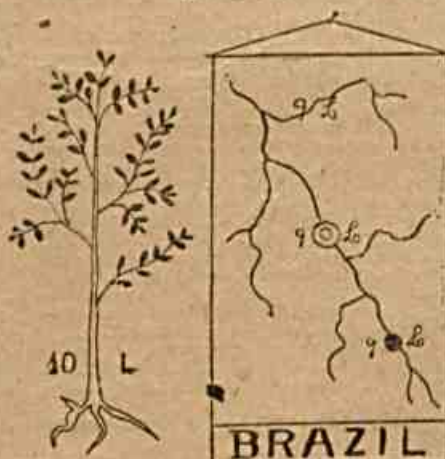
O primeiro prazo refere-se aos decifradores desta Capital e localidades proximas servidas por linhas ferreas ou via maritima; o segundo, aos dos outros pontos mais afastados de S. Paulo, Minas e Estado do Rio, e bem assim os do Paraná e Espirito Santo; o terceiro, aos da Bahia, Santa Catharina e Rio Grande do Sul; o quarto aos de Sergipe, Alagôas e Pernambuco; o quinto, aos da Parahyba até o Piauhy e bem assim aos de Matto Grosso; o sexto, aos dos restantes Estados, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia do prazo.

As justificações relativas aos pontos recusados e toda outra reclamação referente ao presente numero, deverão vir dentro da metade dos respectivos prazos.

* * *

Até 19 do mez, que hoje termina, além dos citados n'O *Malho*, 1444, haviamos recebido, certas, e dentro do prazo marcado, as decifrações relativas aos respectivos trabalhos *eliminadores*, de Chantecler, Roxane, Neptuno Marquês de Castiglione, D. Carvalho, Angerona, Angelica, Alvasil, Pedro Canetti, Nazilla C. dos Santos, N. Zinho, Violeta e Datrinde.

Enviaram trabalhos para a *phase de acção* em andamento: Anhangá mais 1, Violeta mais 6, Neptuno 6, Amir 6, Valete de Espadas 9, Alvasil 5, Datrinde 7, e Roxane 4.

Os que não mandaram ainda trabalhos para a *phase de acção*, apressem-se, porque pretendemos encerral-a com o ultimo numero de Junho proximo; e para que assim aconteça, é mister que os referidos trabalhos aqui estejam até o dia 15, pois a 18 do citado mez entregaremos á composição os respectivos originaes.

* * *

TORNEIO "CAÇADORAS BRASILEIRAS"

Começam a chegar trabalhos para esse torneio, o 4.º deste anno.

Os primeiros recebidos foram de *Roxane*, um dos solidos esteios da A. B. C. da Bahia.

Tornamos a repetir, que os trabalhos deverão ser urdidos com toda a suavidade por se tratar, exclusivamente, de um torneio onde só lutarão representantes do *bello sexo*.

* * *

3.º TORNEIO DE 1930 — MAIO E JUNHO

Premios: para 1º, 2º e 3º logares; 1, para quem conseguir mais de dois terços dos pontos até 1 ponto menos que os do 3º logar; e 1, para quem fizer mais da metade até 2 terços. Para o calculo dos dois ultimos premios tomar-se-á por base os pontos exactos obtidos pelo vencedor do 1º logar.

* * *

Dic. adopt.: Fons. e Roq. (2 volumes); A. M. Souza (2 volumes); J. Seguier; S. da Fons.; Cand. Fig. (red.); Synon. de Band.

NOVISSIMAS

81

2—2—Um bom cirurgião *faz sahir* até *fétos sem fórma* da barriga do mau *dentista*.

Zé Sabe Nada (Barra do Pirahy)

82

2—1—*Salva* a *nota* do homem *solteiro*.
Strelitz (da U. C. P. — Belem, Pará)

83

2—1—O *vicio* do fumar, *sómente* consegue curál-o, o *teimoso*.

Farãozinho (S. Paulo)

84

2—1—Quem *atormenta* os outros *sem pena*, tambem será *martyrisado*.

Arthuno (S. Paulo)

85

2—1— *Apura* tua *compaixão* pelos pobres, que teu espirito se tornará *perfeito*.

Violeta (A. C. L. B. — Recife)

86

2—2—Este homem *rouba algumas cousas* nos "*thesoureiros*", e depois não quer que o chamem: *Ladrão subtil*.

Dom Lyra (T. B. — S. Paulo)

87

3—1—1—Que *pessôa estupida*! Acha que *tem aspecto agradavel* e que é de "*primeira*" ordem toda especie de fructas, embora sejam *fructas grosseiras*.

Lambary (T. B. — S. Paulo)

88

2—1—"*Demora*" *produz demora*.

Marquez das Alterosas (S. Paulo)

89

1—2—"*Acha*" você que o curso do "*rio*" é *moderado*.

Marechal

90

2—1—A senhora *facilita* quando "*nota*" *ter tirado o estorvo*.

Pedro Canetti (Bahia)

91

1—1—1—Caminha-"*se*" com "*ineriteza*" e não se vae *bater* no "*reino*".

Scott Mallory (U. C. P. — Belem, Pará)

ENIGMAS

92

(*Aos que permutam*)

Ser charadista consiste
Em matar duros trabalhos
Demolindo em todos "Malhos"
O mais forte, o que resiste.

Por exemplo, o meu enigma
Não'sta duro, meu confrade,
E' questão de ter bem tino,
(Pois não ha difficuldade
Para penetrar no engodo,
Que aqui lemos neste todo).

"Voto de reprovação"
E' meu fim, tenha attenção
O centro é o meu total;
De modo que a principal,
Ignorar não ha motivo.
Sendo você bem activo
Acha a *fórma* do conceito:
E' só procurar com geito.

Spartaco (U. C. P. — Belem, Pará)

93

(*Ao K. Nivete*)

Só tres letras, e nem mais nada
Formam todo, ou a solução:
Uma vogal, só após duas.
Consoantes — A decifração,
Aqui digo-te, em reservado:
"*Livra*" quem está enrascado.

Lyrio do Valle (U. C. P. — Belem, Pará)

94

Um antigo pescador allemão,
Gostava immensamente de fumar.
Mas, certa vez, por qualquer distracção,
Na barriga dum peixe foi parar.

Mas, parece que elle ainda não morreu
E que ás vezes fuma dentro do peixe,
Quando alguem, sabendo o que aconteceu,
Lhe manda de cigarros algum feixe.

Imaginem que elle mandou dizer
Aos que o choravam com muito desgosto:
Não ha razão para me aborrecer,
Pois que eu moro aqui sem pagar "imposto".

Barão de Taboa Lascada (B. Pirahy)

* * *

CHARADAS

95

Esconde em logar distante—3
E *traz* bem vivo signal.—1
Que a flôr só é odorante
Mergulhada no canal.

Datrinde (A. B. C. — Bahia)

96

Gato estou porque *entrei na adolescencia*,—3
(Assim disse sem *pena* o Zé do Outeiro)—1
Agora vou morar toda existencia
Das espigas de milho no *viveiro*.

Dama Verde (Bahia)

97

Movimento buliçoso —4
De quadris, no baile nota,
Vendo-a com *garbo* dansar,—1
Teu olhar malicioso,
Que observa a Maricota
Não parar num só logar.

Anjoro (S. João d'El-Rey)

98

Um "*animal*" acoçado—2
Com a "*frueta*", que roubou,—2
Fugindo a pressa, o coitado,
Pela "*Serra*" se esgueirou.

Valete de Espadas (Minas)

99

Acho que seja *mau* —3
U'a moça ter *paixão*—2
Por sujeito de má vida
Má pessôa ou mandrião

Bisilva (Victoria)

100

No jardim, bem no *recanto*—2
A "*mulher*" do tal Gil Vaz—2
Plantou(se me lembro e quanto!)
Um Galho de *planta vivaz*.

Jovaniro (Da A. C. L. B. — Nazareth)

* * *

PRAZOS

Terminarão: a 19, 24 e 30 de Junho, e a 2, 4, 9, 14 de Julho seguinte.

O primeiro prazo refere-se aos decifradores desta Capital e localidades proximas servidas por linhas ferreas ou via maritima; o segundo, aos dos outros pontos mais afastados de S. Paulo, Minas e Estado do Rio, e bem assim os do Paraná e Espirito Santo; o terceiro, aos da Bahia, Santa Catharina e Rio Grande do Sul; o quarto, aos de Sergipe, Alagôas e Pernambuco; o quinto, aos da Parahyba até o Piauhy e bem assim aos de Matto Grosso; o sexto, aos dos restantes Estados; o setimo, aos de Portugal, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia do prazo.

As justificações relativas aos pontos recusados e toda outra reclamação referente ao presente numero, deverão vir dentro da metade dos respectivos prazos.

Um calemburista terrivel

Sabbado. Cinco e meia.

Nunca houve em S. Paulo um dezembro tão quente como o ultimo. E aquella tarde então...

O Triangulo regorgitava de povo. Basbaques, com a mão em concha sobre os olhos, admiravam-se da altura dos predios. Outros, mais intelligentes um pouquinho, admiravam as mulheres que se exhibiam.

Foi quando surgiu pela rua São Bento, vindo do largo de São Francisco, um barulhento grupo de rapazolas guiados por um typo de compleição athletica. Os curiosos foram logo fazendo crescer mais e mais o esquisito e ruidoso magote que, ao desembocar na praça do Patriarcha, já era bem numeroso. Alli, aquelle que parecia ser o chefe subiu no pedestal do lampeão dos duzentos contos e começou:

— Meus senhores, venho falar da Alliança Liberal, a salvação da Patria...

E o povo começou a debandar.

A cada phrase a claque estrondejava em gritos e vivas. O orador exultava e proseguia. A certo ponto interrogou:

— Porém, senhores, como conhecer S. Paulo?

E uma voz descançada e clara alevantou-se dentre a multidão:

— Indo á Luz e tomando o bonde que diz *ORIENTE*.

Estrugiram protestos. Como todos que alli estavam, puz-me na ponta dos pés, estiquei o pescoço e olhei, mas nada vi.

O meetingueiro lançou um olhar furibundo para o lado do aparteante, limpou o suor e o pigarro e continuou. A's tantas indagou novamente:

— Onde então ficaram os alliancistas?

E veiu, prompta, a resposta:

— Esperando o bonde no logar que diz *Parada*..

Novos protestos, agora acompanhados de ameaças, e novo olhar terrivel do orador.

Mais dez minutos de falação. O orador contava a historia da Alliança desde pequenina e perguntou ainda uma vez, olhando já, com ar ameaçador, para o seu anonymo aparteante:

— Para onde foram nessa hora os liberaes?

E mais uma vez veiu mais uma resposta:

— Tomaram o bonde que diz *PENHA*.

Fechou o tempo. Gritos, correrias uma testa quebrada, grillos, Assistencia e um moço alto, suado, sem chapéo, de camisa rasgada e collarinho arrancado que despencou pela rua Libero abaixo perseguido pela massa.

No dia seguinte os jornaes metteram o pau no governo "que mandava desordeiros e funccionarios publicos promoverem desordens nos comicios" etc.

Uma semana após encontrei o Pompeu Junior. Alludi ao facto e elle me perguntou revoltado:

— Você viu? E me chamaram desordeiro e empregado publico quando eu nada tive com o governo!

Você acha que tudo aconteceu só por causa dos apartes ou foram os trocadilhos que...

Nada disso, atalhei, é que você falava sempre em bonde.

. . . .

Sabbado ultimo ainda, o Pompeu me contava certa historia do Arthano: "... ao tomar o bonde *BELEM*, lê bem se é elle mesmo, diz *pára* ao motorneiro e..."

Não se emendou, nem tem mais concerto!

Anhangá

NOTA — O facto acima é veridico e foi narrado por todos os jornaes desta Paulicéa em um dos ultimos domingos de dezembro.

* * *

CORRESPONDENCIA

Barão de Taboa Lascada (Barra do Pirahy), Pseudo (idem), Pedro K. (Bom Jesus de Itabapoana. — Recebidos os trabalhos para os torneios communs.

Neptuno (Bahia) — Sua carta ultima trouxe 2 trabalhos (e não 3), que, com os 4, que já estão em nosso poder sommam 6.

Jovaniro (Nazareth) — Scientes de que não poude tomar parte na 2ª serie da Taça "Maria Flor" por ter sido supprimida a agencia d'ahi.

Dyla (Capital) — Está inscripta e a ficha charadistica da illustre mansophista, tomou o numero 165.

A letra da referida ficha, é todo ella do seu proprio punho? Nada mandou dizer se quer, ou não, que se publique o retrato.

ERRATA

Trabalho n. 26, de Violeta: o — *auge* — do segundo verso deve ser gryphado (pag. 53, 2ª columna). — Por baixo do trabalho 30 deve haver o pseudonymo — Bella Angerona (mesma pag. 3ª columna). *Phase de acção. Enigmas*, de Mr. Trinquesse: — prima — em vez de — primeira —, e — com taes — e — o ponto —, em logar de — contares e pontos — (4º e 7º versos) — *Charada* 8, de Zé Sabe Nada: — *elle* — no segundo verso, deve ser gryphado. *Dita*, 9, de Soldado: depois de — pobre — leia-se — do — (10º verso). *Prazos*: é — Julho — e não — Junho — (linhas 2). *Pitoresco* 14: é — L — a letra quasi apagada que está no lado esquerdo da mulher. 3º *Torneio de 1930* — *Enigma*, 74, de Spartaco: deve haver como dedicatoria, o seguinte: — Ao Mr. Trinquesse. — *Logogrypho* 80, de Bisilva: é — 5 — e não — 4 — o penultimo algarismo do 7º verso. *Errata* do n. 1444: — ORNEJADO — e não — ARREJADO — e é — 3º Torneio — e não — 5º Torneio — o que está em linhas 9 e 10; continuação da linha decima e a decima segunda, depois segue-se a decima primeira, que fica valendo por 12ª; a decima terceira deve desapparecer; o — *a* — que está de — "*Risca*" deve ser gryphado depois de ante-penultima linha.

Outros ha que estão ao alcance do leitor.

Marechal

GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS

"O MALHO" — que é uma das mais antigas revistas nacionaes — considerando o enorme successo que vem despertando entre os novos contistas brasileiros e o publico em geral, a literatura ligeira, de ficção ou realidade, cheia de interesse e emoção, resolveu abrir em suas paginas um GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS, só podendo a elle concorrer contistas nacionaes e recompensando com premios em dinheiro os melhores trabalhos classificados.

Os originaes para este certamen, que poderão ser de qualquer dos generos — tragico, humoristico, dramatico ou sentimental — deverão preencher uma condição essencial: serem absolutamente inéditos e originaes do autor.

Assim procedendo, "O MALHO" tem a certeza de poder ainda mais concorrer para a diffusão dos trabalhos literarios de todos os escriptores da nova geração, como ainda incentival-os a maiores expansões para o futuro, offerecendo aos leitores, com a publicação desses contos, em suas paginas, o melhor passatempo nas horas de lazer.

CONDICÇÕES:

O presente concurso se regerá nas seguintes condicções:

1) Poderão concorrer ao grande concurso de contos brasileiros de "O Malho" todos e quaesquer trabalhos literarios, de qualquer estylo ou qualquer escola.
2) Nenhum trabalho deverá conter mais de 10 tiras de papel almasso dactylographadas.
3) Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado de papel e em letra legivel ou á machina em dois espaços.
4) Só poderão concorrer a este certamen contistas brasileiros, e os enredos, de preferencia, versarem sobre factos e coisas nacionaes, podendo, no emtanto, de passagem, citar-se factos estrangeiros.
5) Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos que contenham em seu texto offensa á moral ou a qualquer pessoa do nosso meio politico ou social.
6) Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymo, acompanhados de outro enveloppe fechado com a identidade do autor, tendo este segundo, escripto por fóra, o titulo do trabalho.
7) Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade desta empresa, para a publicação em primeira mão, durante o prazo de dois annos.
8) E' ponto essencial deste concurso, que os trabalhos sejam inéditos e originaes do autor.

PREMIOS

Serão distribuidos os seguintes premios aos trabalhos classificados:

1º logar	Rs. 300$000
2º "	Rs. 200$000
3º "	Rs. 100$000
4º, 5º, e 6º collocados, cada	Rs. 50$000

Do 7º ao 15º collocados — (Menção Honrosa) — Uma assignatura semestral de qualquer das publicações: "O Malho", "Para Todos", "Cinearte" ou "O Tico-Tico".

Serão ainda publicados todos os outros trabalhos que a redacção julgar merecedores.

ENCERRAMENTO:

O presente GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS será encerrado no dia 28 de Junho de 1930, para todo o Brasil, recebendo-se, no emtanto, até 3 dias depois dessa data, todos os originaes vindos do interior do paiz, pelo correio.

JULGAMENTO:

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE:

Toda a correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Para o

"GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS"

Redacção de "O MALHO" - Travessa do Ouvidor, 21 - RIO DE JANEIRO

O PRECURSOR DO FUTURISMO

R. MAGALHÃES JUNIOR

Marinetti não foi, como muita gente suppõe, o legitimo precursor do futurismo.

Muito antes do grande cabotino italiano criar fama, já existia, no Brasil, um poeta com as mesmas tendencias literarias, fazendo versos tão incomprehensiveis quanto os dos futuristas que actualmente abundam nas nossas letras.

O verdadeiro precursor do futurismo foi Theophilo Xavier, natural da cidade de Campos, onde por volta de 1888 exercia as modestas funcções de continuo do jornal "A Republica", de cuja redacção fazia parte o Sr. Graça Aranha, o romancista da "Viagem maravilhosa", então advogado naquella cidade fluminense.

Quando trabalhava na "A Republica", foi que Theophilo Xavier contrahiu o microbio da poesia. Ficou de tal modo apaixonado pelas musas que passava os dias inteiros curvado sobre volumosos calhamaços de papel, produzindo poemas, odes, epopéas e até mesmo tragedias que, ás vezes, chegavam a ter vinte e tres actos...

Quando o poeta morreu deixou um enorme caixão cheio de trabalhos ineditos. E todas essas preciosidades foram impiedosamente atiradas ao lixo...

Theophilo Xavier, que um brilhante chronista disse padecer de um delirio systematizado: o do verso, era vulgarmente conhecido em Campos pela alcunha de "Poeta Macaco". Ao que parece, foi elle mesmo quem assim se chrismou, em abono da theoria de Darwin...

O "Poeta Macaco" teve, em Campos, uma época de grande notoriedade e ainda hoje não está totalmente esquecido. Publicou em 1905 o seu unico livro, intitulado "Nuvens do Oceano". A sua "arte" exotica teve grande exito e do livro appareceu, mais tarde, segunda edição, logo esgotada.

O "Poeta Macaco" não conhecia difficuldades de rima, nem de expressão. Se na lingua não havia um vocabulo capaz de exprimir o seu pensamento e de ajustar-se ás exigencias do rythmo e da rima, elle facilmente removia o embaraço criando uma palavra nova, sem dar satisfações a ninguem. Quem quizesse que o comprehendesse!

Uma amostra da poesia do "Poeta Macaco", extrahida do livro a que nos referimos:

"1887

Vem, anno de virgolencia,
Tetéa de "esquiche hora",
Rabineando na respea luz
Da sombronea tricolora.

87, anno das perinias,
"Arreglado epoche dio"
Vens mundos dos destinos fundos,
Ver dôr, da dôr que a dôr não vio..."

A poesia "A alguem" é outra pagina que reçuma originalidade e patenteia a tendencia futurista do autor:

"Amancio,
ancio,
Quanto te vejo,
beijo,
Da coma,
foma,
Da pitanga,
anga,
Menino,
fino,
Que das nuvens,
puvens,
Veja visto,
Christo,
Do oceano,
mano".

Qual dos nossos futuristas de hoje seria capaz de uma bizarrice como essa, de criar o vocabulo "puvens" para resolver o problema da rima de nuvens?

Das mais interessantes do livro, é tambem a poesia a que o "Poeta Macaco" deu o titulo um tanto passadista de "Ás duas estrellas do norte e do sul, consagro, dedico e offereço". Eil-as:

"Como duas serpentes no orisonte,
A brilhar no diserto do igito,
Ó vós, sublimes artistas,
Na scena refulge maganito.

E nesses momentos de periveo
Uma estrella no sol brilhava,
Rabineando na aragem, visão,
O Parahyba orgulhoso dançava.

Ó palco de harmonias celestes,
Brincando na relvea do matto,
Tú queimas a respea da fonte
Com as aguas estrellas do espato.

Nas sombras da aragem mimosa,
Formosa do mar e titonico,
Cantando as bellezas da serra,
O oceano bradava pirronico.

Recebe do peito do poeta
Os fructos correntes da lyra,
Marvalhados no golpe do craneo,
Como flores celestes da pyra".

São curiosas as transformações de espaço em "espato" e de titanico em "titonico", para o effeito da rima. Desse artificio, o "Poeta Macaco" usava e abusava nos seus versos, que, conforme as amostras que transcrevi, sem lhes aditar uma virgula e sem lhes alterar a graphia, têm todas as qualidades de que se orgulham os futuristas de agora: ausencia absoluta de senso, de logica, de grammatica e abundancia de originalidade.

Ahi fica a minha contribuição para a historia do futurismo no Brasil. Se não a divulguei mais cedo, foi porque achei prudente esperar que o Sr. Graça Aranha, na qualidade de futurista fervoroso e por conseguinte mais autorizado do que eu, viesse reivindicar para o antigo auxiliar da "A Republica" a gloria que hoje indevidamente se attribue a Marinetti.

Futuristas! Honrae a memoria do "Poeta Macaco", o precursor desconhecido da "arte" nova!

OS PREMIOS D'"O TICO-TICO"

O Tico-Tico, a querida revista das creanças, entre os valiosos premios que distribue aos leitores nos seus concursos semanaes, incluiu alguns livros de muito encanto e utilidade para a infancia. Esses livros constituem collecções completas, de 9 a 12 volumes cada uma, das preciosas obras "Encanto e verdade", do professor Thales de Andrade, e "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra. "Encanto e verdade", divide-se em nove volumes, a saber: A filha da floresta — El-rei Dom Sapo — Bem-te-vi feiticeiro — D. Iça rainha — Bella, a verdureira — Tótó judeu — Arvores milagrosas — O pequeno magico — Fim do mundo. "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra, comprehendendo os seguintes volumes: I — José de Anchieta, II — Gregorio de Mattos, III — Basilio da Gama, IV — Thomaz Gonzaga, V — Gonçalves Dias, VI — José de Alencar, VII — Casimiro de Abreu, VIII — Castro Alves, IX — Alvares de Azevedo, X — Fagundes Varella, XI — Machado de Assis, XII — Olavo Bilac. Essas collecções constituem primorosos livros de caprichosa confecção material e foram editados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, que os offereceu para premios d'*O Tico-Tico*, demonstrando, desse modo, o zelo e dedicação que, de ha muito aliás, dispensa a todas as manifestações em beneficio da instrucção do povo.

Pyrilampos

A noite é escura,
A lua não quiz ainda mostrar a face branca
De onde escorrem umas lagrimas compridas...
Brincam estrellinhas:
Correm umas de um lado para outro,
Tão rapidas que mal é percebido.

A instantes
Uma luzinha brilha, corre e desapparece,
Reapparecendo além.
E não sendo muitas,
Ficando no ar um pisca-pisca de luzes,
Muito pequeninas,
Mas muito claras
E, embora não dissipem o negror da noite,
Enchem-no de pontinhos luzentes,
Sobresahindo porque tudo é escuro.

De repente a lua mostra o rosto meio triste
E as luzes dos pyrilampos
Abrem-se, fecham-se, piscando,
Mas não têm o encanto de quando a noite estava escura,
Porque são tão pequeninos!
E a luz da lua é tão grande...
Offusca-os, coitadinhos!

(São João da Chapada).

NARCISO ANTONIO

Em alto mar...

Oh! adoravel Jeanne, não imaginas quanto tem sido angustiosa para o meu coração a tua ausencia, tu que te tornastes condição da minha existencia, da minha até então dolorosa vida, mas que o advento do nosso grande amor transmudou num sonho que devera ser eterno.

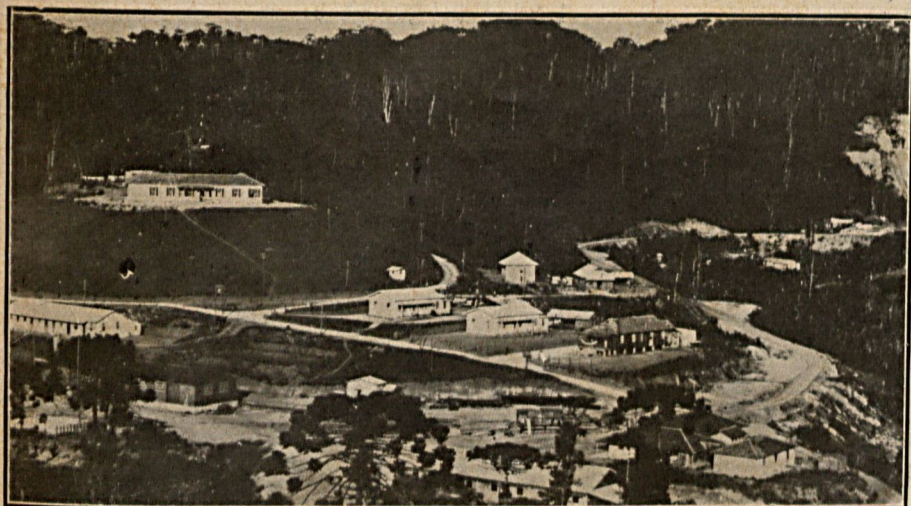
Quanta vez, no silencio das noites luminosas em que a visão da lua e das estrellas enche-nos de paz e saudade o coração, fico no convez, a scismar, contemplativo para o immenso mar que nos separa, mas que nos mantem unidos pelo pensamento.

Adoro o mar porque elle recebe os meus saudosos olhares e leva-os, como um mensageiro do affecto, para as alvas praias da longinqua cidadezinha onde vives a tua existencia simples e linda como uma perola.

Adoro-o sim, porque só elle tem o azul purissimo dos teus lindos olhos, porque elle é immenso e profundo como o meu amor.

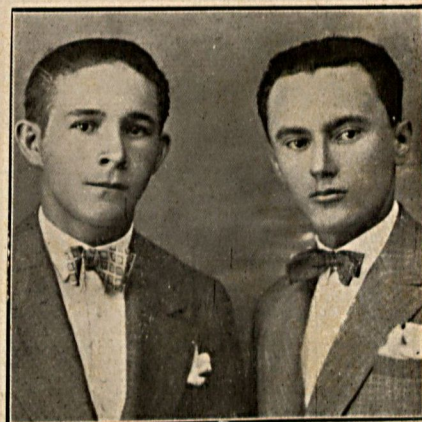
Para mim, pobre marinheiro, tu, o nosso amor e o mar são as tres cousas bellas desta vida.

SYLVIO G. M.

"O MALHO" NOS ESTADOS

Rio Claro, São Paulo — Obras de adducção de agua, vistas do acampamento de Casa Grande.

José Marinho Machado, nosso leitor, de Caratinga, Minas.

José Luiz Pinheiro, nosso leitor — Livramento, Rio Grande do Sul.

Manoel Giovani, Ulysses de Paula e Francisco R. Cordeiro, nossos leitores — Juiz de Fóra, Minas.

Raymundo Silva e Raymundo Rebouças Filho — Mossoró, Rio G. do Norte.

Aspecto da prospera cidade de Araraquara — São Paulo

Officinas graphicas d'O MALHO